

I CONGRESSO DE LITERATURA, SOCIEDADE, CULTURA E DIREITOS HUMANOS

Literatura, Arte e Política

CADERNO DE RESUMOS COMUNICAÇÕES



05 a 08 de dezembro de 2022

Caderno de resumos de Comunicações do I Congresso de Literatura, Sociedade, Cultura e Direitos Humanos

Universidade Federal de Goiás – UFG

Organização:

Yvonélio Nery Ferreira
Cristina Helou Gomide

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Congresso de Literatura, Sociedade, Cultura e
Direitos Humanos (1. : 2022 : Goiás, GO)
I Congresso de Literatura, Sociedade, Cultura
e Direitos Humanos : literatura, arte e política
[livro eletrônico] : caderno de resumos :
comunicações / organização Yvonélio Nery Ferreira ,
Cristina Helou Gomide. -- 1. ed. -- Goiânia, GO :
Casa da Música, 2022.

PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-999539-0-3

1. Arte e cultura 2. Direitos humanos
3. Literatura brasileira 4. Política 5. Sociologia
I. Ferreira, Yvonélio Nery. II. Gomide, Cristina
Helou. III. Título.

22-140162

CDD-306.47

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e cultura : Sociologia 306.47

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Realização:

GAIA

Grupo de Pesquisa em Literatura, Sociedade, Cultura e Direitos Humanos

Apoio:

Faculdade de Educação – FE/UFG

Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – PPGLL/FL/UFG

**Goiânia – GO
2022**

AS REDES DE APOIO FEMININAS EM "INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Ana Beatriz Santos dos Anjos
Secretaria Estadual de Educação – ACRE
anabeatrizdosanjos@gmail.com

Resumo: Durante muito tempo, as mulheres negras foram consideradas “as outras” do feminismo, sendo elas historicamente apartadas das discussões políticas e da produção teórica e literária inicial. (HOOKS, 1952); (RIBEIRO, 2019). Em face disso, é necessário ouvir as vozes das escritoras contemporâneas que têm apresentado uma literatura que compreende a complexa inter-relação entre raça, sexo e classe, de modo a colocar “as outras” no centro das discussões. É neste fito que a coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2020), da escritora afro-mineira, Maria da Conceição Evaristo, faz ecoar as vozes de treze personagens que vivem numa sociedade marcada pela violência contra as mulheres negras e pobres. A autora traça uma escrevivência – termo cunhado por ela para elucidar a relação íntima e subjetiva entre a sua escrita e a sua própria vida – de modo a evidenciar como essas mulheres resistem e sobre(vivem) ao patriarcado, ao sexismo e ao racismo. Entre as formas de resistência e re(existência), sobressalta nos contos as redes de apoio afetivas estabelecidas entre as personagens femininas – por vezes a figura da mãe, a da irmã, a de uma amiga ou a de uma companheira amorosa – capaz de manter essas mulheres vivas e atuantes para contar as suas histórias, denunciar os seus abusadores, e ressignificar as suas existências.

Palavras-chave: As redes de apoio femininas; Resistência; *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

“COSTURANDO A VIDA COM FIOS DE FERRO”: NEGRITUDE E RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Lorrany Andrade da Cruz Dourado
Universidade Federal de Goiás – UFG
lorranyandrade005@gmail.com

Resumo: Neste trabalho temos como objetivo refletir sobre negritude e resistência na obra de Conceição Evaristo, escritora negra brasileira, em específico, nos contos “Duzu-Querença” e “Olhos d’água”, de *Olhos d’água* (2014) e no poema “Vozes-mulheres”, de *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Segundo Abdias Nascimento (2017), o brutal processo de colonização portuguesa no Brasil, por vários meios, praticou o genocídio de pessoas negras através de um racismo mascarado. Esse modelo patriarcal supremacista branco instaurado durante o período colonial faz com que a sociedade brasileira seja racista, classista e cisheterossexista. Portanto, as mulheres negras estão em um lugar de subalternidade ainda mais difícil de ser superado, como afirma Grada Kilomba (2019), pois não são brancas nem homens. Nessa perspectiva, nos textos literários mencionados, as personagens femininas negras, atingidas pelas opressões de gênero, raça e classe, costuram a vida com fios de ferro, contudo, resistem, fortalecidas pela ancestralidade e pela luta do seu povo. Em “Duzu-Querença”, acompanhamos a trajetória de Duzu desde a infância até a sua morte, personagem vítima de uma série de abusos em uma vida em que escolhas lhe foram tiradas. A prostituição, a mendicância, a exploração e o abuso sexual são algumas das violências pelas quais passa. No entanto, sua neta Querença, a partir da história de seus ancestrais e de sua avó, busca forjar novos caminhos para o futuro por meio dos estudos. Em “Olhos d’água”, a pergunta motriz da narrativa é: “de que cor eram os olhos de minha mãe?”. Esse questionamento faz com que a

personagem principal relembre episódios da infância, com a mãe e as irmãs: as situações de privação passadas por elas se relacionam com a realidade de várias mulheres negras brasileiras e, também, essa busca pela cor dos olhos da mãe leva à presença da ancestralidade, através de gerações de mulheres negras, o que marca a importância da espiritualidade e da memória ancestral africana. Por último, o poema “Vozes-mulheres”, assim como os contos supracitados, representa as opressões sofridas por mulheres negras, mas também as suas vozes insurgentes e ancestrais, que, ao longo do tempo (bisavó, avó, mãe, filha), clamam pelo eco da vida-liberdade. Portanto, a literatura de Conceição Evaristo, permeada pela sua escrevivência (fusão de “escrita” e “vivência”), além de ser uma denúncia contundente da marginalização social e das violências que fazem parte da vida da população negra no país, especialmente das mulheres negras, também evidencia a resistência histórica da negritude brasileira.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Negritude; Resistência; Mulheres Negras; Opressões.

DOS FATOS: “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO; DO DIREITO: HUMANOS

Margarida Pontes Timbó

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFC; atualmente é professora do Curso de Direito da Faculdade Luciano Feijão – FLF e professora temporária do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
professoramargaridafll@gmail.com

Laura Ivna Angelim Silva

Estudante de Direito da Faculdade Luciano Feijão – FLF; Integrante do Lex Machina, grupo de estudo, pesquisa e extensão em Direito Digital e Direitos Culturais, foi monitora da disciplina Português Jurídico da Faculdade Luciano Feijão – FLF.
laura_angelim0@hotmail.com

Resumo: Esta proposta de trabalho discute a narrativa “Maria” da escritora mineira Conceição Evaristo (2016), publicada na coletânea de contos Olhos d’água. A obra em estudo mantém contato com os Direitos Humanos, porque todos os episódios que acontecem nela são humanos do ponto de vista do social e do Direito. Todavia, o trabalho traz como problema de pesquisa as seguintes perguntas: por quais motivos os acontecimentos acabam desencadeando a tragédia presente na narrativa? Quais os direitos verdadeiramente humanos que são desrespeitados na estória narrada? O preconceito implícito no conto é de cunho racial ou de classe? Então, inspirando-se nas seções do texto jurídico, na parte “Dos fatos” apresenta-se a história de Maria; na parte “Do Direito”, os dados humanos contemplados e/ou velados pelo discurso literário que representa de maneira política um alerta à sociedade. A metodologia de pesquisa, de caráter teórico-bibliográfica, fundamentou-se no pensamento dos seguintes autores: 1) Cuti (2016), Figueiredo (2016), Santos (2016), e Souza (2016), que estudam a Literatura Negro-Brasileira, em especial a de Evaristo; 2) nomes consagrados dos estudos culturais, tais como: Fanon (2008), Geertz (2008); 3) Ângela Davis (2018), Lynn Hunt (2009) e Flávia Piovesan (2011), (2012), (2013), vozes femininas que militam em prol de todos pelos Direitos Humanos. O debate evidencia como a narrativa literária apresenta temas transversais para o ensino de Literatura e do Direito, por isso auxilia de maneira intensa a reflexão sobre justiça, injustiça e poder quando o subalterno não consegue falar ou não é capaz de se defender. Em suma, almeja-se que este texto contribua para leituras mais rigorosas sobre o assunto e construa olhares mais significativos para o tecido literário como importante veículo a fim de se pensar o social, o literário e o Direito.

Palavras-chave: “Maria”; Narrativa literária; Direitos Humanos.

O CORPO PRETO COMO CATIVO À MARGEM: MARCAS DE VIOLÊNCIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Janaina de Lima Ferreira
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
janaina.jlf@ufpe.br

Resumo: O corpo preto (raça) como mecanismo de memorização e construção identitária na formação cultural e ancestral é constantemente objeto de pesquisa acerca da relação entre África e América. Símbolo de levante e valorização cultural na diáspora, é também, compreendido como extensão visível das violências raciais e de classe, ou seja, a normatização de uma barbárie civilizatória das relações humanas, que busca incansavelmente o poder como forma de controle e modernização. Deste modo, o objetivo deste trabalho, consiste em analisar o corpo como extensão territorial, mnemônica (traumática) e identitária à margem social. Nesse ínterim, por intermédio de pesquisas bibliográficas, a partir de um trato hermenêutico crítico-analítico, analisarei os contos “A gente combinamos de não morrer” de Conceição Evaristo encontrado na obra; “Olhos d’água” (2016) por meio de problematizações acerca da noção do corpo preto, da violência e do trauma. Essa investigação será alicerçada pelos aportes teóricos de Karl Erik Schollhammer (2013), Beatriz Nascimento (1989), bell hooks (2019), Seligmann-Silva (2008) e Roland Walter (2013). À vista disso, interpreta-se a imbricação entre literatura e ecologia (corpo-literatura-terra), como performance na escrita da referida autora, assente nas discussões de Izabel Brandão (2017), Stacy Alaimo (2008) e Milton Santos (1988). Deste modo, percebemos que o corpo preto atrelado à memória traumática enquanto vítima é reproduzidor de violências. Parafraseando Fanon (2008), quanto mais esse corpo estiver imerso na margem mais sofrerá e reproduzirá essas mesmas violências, isso como próprio meio de sobrevivência e de rebeldia contra um sistema opressor e colonial. Com isso, até o momento, entendemos o corpo preto diaspórico como cativo às violências físicas e simbólicas, que jogado à margem reproduz essas violências como forma de identificação com o espaço e como sujeito.

Palavras-chave: Corpo; Margem; Violências; Periferia.

PONCIANDO MEMÓRIAS E SILÊNCIOS: ESTUDO DA OBRA *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Nadja Karoliny Lucas de Jesus Almeida
Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade
Federal de Goiás (PPGLL - UFG)
nadjakaroliny@discente.ufg.br

Resumo: Este ensaio, desenvolvido durante os Seminários sobre Literatura, História e Sociedade pelo PPGLL / UFG (2022), apresenta uma leitura do romance *Ponciá Vicêncio* (2020) da escritora Conceição Evaristo. Evaristo, em sua obra *Ponciá Vicêncio*, nos apresenta uma voz narrativa intimista, de linguagem simples e profunda, como se contasse uma história em voz alta, como se nos testemunhasse, naquele momento, vivências e experiências, e assim, nos apresenta os Vicêncios. Esta obra traz duas temporalidades: a dos momentos presentes da personagem protagonista, que rememora sua trajetória de vida e dos seus e a dos momentos do passado tanto da Ponciá quanto de seus familiares, os conhecemos, então, por meio de suas vivências e pelas recordações de Ponciá. Justamente por ser memória, não há um tempo linear, as idas e voltas e vindas nos permitem passear com a personagem, conhecendo suas dores, melancolias, esperanças mais profundas. Repleta de simbologias, a obra *Ponciá Vicêncio* nos

remete às memórias ancestrais, aos testemunhos atuais, às dores, aos silenciamentos tão constantemente vividos por mulheres e homens negras e negros num Brasil racista, patriarcalista e excludente dessas minorias (que são maiorias) subalternizadas. Esta leitura ensaística está embasada em estudos de Sociocrítica (BARBÉRIS, 2006) estudos acerca dos Direitos Humanos (SANTOS, 2019 e NUNES, 2019) e estudos de Literatura e Interseccionalidade (KILOMBA, 2019). Perpassando por estudos das doenças psicológicas (MOSQUERA, 2012) causadas pelos “estragos” da escravização, no caso da obra apresentada, aplicados à escravização no Brasil.

Palavras-chave: Memórias; testemunho; silenciamentos; racismo; direitos humanos.

A FEMINILIDADE E A CIDADANIA FEMININA NA LÍRICA DE AMANDA LOVELACE

Roberto Nunes Bittencourt
Centro Universitário Internacional Signorelli
robertonbitt@gmail.com

Resumo: Tanto a ideia de feminilidade quanto de cidadania feminina estão envoltas em muitas controvérsias, gerando preconceitos, distorções do papel da mulher e reforçando estereótipos que resultam em uma visão negativa do feminino. São conceitos que estão no cerne das discussões que abrangem política, sociedade e identidade, mas que não se restringem ao campo acadêmico. Isso se verifica de forma contundente na obra da escritora americana Amanda Lovelace, que trata de maneira vívida de todos esses temas em seus livros. Por isso, por meio da análise crítica de seus livros *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro (2018), *A voz da sereia* volta neste livro (2019) e *Quebre os seus sapatinhos de cristal* (2020), nos embrenharemos na maneira como a autora recria as ideias de feminilidade e da cidadania feminina em uma chave de compreensão a partir de uma tradição clássica de cidadania na obra *Política*, de Aristóteles, em que o cidadão é aquele que está inserido na política e engajado nas tramas sociais que permeiam a cidade, esse palco de protagonismo que muitas vezes a mulher é convidada e ficar de fora. Desse modo, nossa finalidade é entender como Lovelace, por meio de sua lírica, promove a redefinição do papel feminino nesta cidade dos dias atuais, na qual a mulher tende a assumir uma postura mais ativa e avessa a estereotipação contínua e patológica.

Palavras-chave: Feminilidade; Cidadania feminina; Poesia.

A PRESENÇA DA VOZ AUTORAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS NO ENREDO DO CONTO “A ESCRAVA”

Rafaela de Souza Viana
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
rafaela_viana_2009@hotmail.com

Resumo: A literatura do século XIX, em sua maioria produzida por homens brancos, ao retratar o contexto social da sociedade oitocentista escravocrata dá voz a propaganda elitista, patriarcal e eurocêntrica. Nesse contexto, a autora maranhense Maria Firmina dos Reis destaca-se ao produzir uma literatura contra-hegemônica, pois é a sua voz autoral construída a partir de seus diferentes lugares de pertencimento — mulher, nordestina, negra — que expõe o flagelo social do sistema escravocrata. Nesse sentido, este trabalho é uma breve análise sobre a presença da voz de autoria feminina no conto “A escrava”, publicado pela autora em 1887. Observaremos,

por meio da relação literatura e sociedade, como a literatura produzida por Firmina transpõe os paradigmas impostos pela sociedade brasileira oitocentista ao dar espaço de fala a personagens marginalizados como o homem e a mulher negro(a) escravizado(a). Diante do cenário apresentado, este trabalho tem por objetivo analisar os aspectos sociológicos da relação autor, vida e obra presentes no conto mencionado, para assim evidenciar como a voz feminina autoral orchestra o enredo da narrativa e faz dela um meio de denúncia. Assim, tendo como base a teoria sociológica de Candido (2004; 2010), Facina (2004) e os estudos de Duarte (2018), Pereira (2018) e Zin (2017) sobre a obra literária de Firmina, pretende-se evidenciar o papel da escrita de autoria feminina negra no Brasil oitocentista. Dessa forma, constata-se como se configura, a partir do contexto sócio-histórico ao qual Firmina se encontra inserida e que é indissociável do seu fazer literário, a intenção propagandística da autora de denunciar o sistema escravocrata e de propiciar a humanização dos personagens negros escravizados.

Palavras-chave: A escrava; Maria Firmina dos Reis; Literatura de autoria feminina; Literatura afro-brasileira; Literatura e sociedade.

A QUEBRA DO CICLO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM "É ASSIM QUE ACABA", DE COLLEEN HOOVER

Yanne Maira Silva

Mestranda em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros –
Unimontes
yanneletras@gmail.com

Alexia Ferreira Muniz

Mestranda em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros –
Unimontes
alexiafmuniz@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa pretende apresentar reflexões a respeito da violência doméstica apresentada no livro contemporâneo *É assim que acaba*, de Colleen Hoover (2016). Durante a infância e adolescência, a personagem Lily Bloom presenciou violências físicas e psicológicas ocasionadas pelo seu pai contra a sua mãe. Na vida adulta, Lily Bloom se casa com Ryle e o ciclo de violência continua com agressões físicas e até mesmo com tentativas de estupro, mas ocorre a quebra deste ciclo no momento em que a personagem decide romper o relacionamento. Em relação aos resultados parciais, podemos destacar o nome da própria obra literária que remete ao término do ciclo de violência na família, sobretudo para que a sua filha não cresça em um ambiente violento em que a personagem presenciava no passado. Assim sendo, a metodologia utilizada nesta pesquisa é baseada na revisão bibliográfica e com amparo de teorias críticas feministas. Utilizamos os estudos de Candido (2011), Duarte (1997), Muzart (1995), Xavier (1996), entre outros. Com base na teoria estudada e análise da obra literária, notamos que a leitura do livro da Colleen Hoover deixa o leitor impactado, principalmente a leitura realizada por mulheres. A obra é de suma relevância, pois a autora Bestseller do New York Times acrescenta nas notas afirmando que a ficção teve algumas questões da sua vida pessoal que foi marcada na infância com atitudes violentas do seu pai em oposição a sua mãe. Desse modo, com temáticas importantes para a atualidade, o livro expõe reflexões acerca do corpo feminino, resistência aos sistemas patriarcais e ambientes de violência em que os direitos humanos são violados.

Palavras-chave: Colleen Hoover; Literatura; Violência Doméstica.

AFETIVIDADES E TENSÕES AFRODIASPÓRICAS EM *SOBRE A BELEZA*, DE ZADIE SMITH

Lilian Reichert Coelho
Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB
lilireichert@gmail.com

Resumo: Proponho uma leitura da narrativa *Sobre a beleza* (2005), da escritora inglesa contemporânea Zadie Smith, a partir das relações entre as personagens Carlene e Kiki e Levy, Zora e Carl. O argumento central constrói-se pela ideia de que a arte favorece a afetividade entre as mulheres negras maduras de origem caribenha, enquanto interdita qualquer possibilidade de amizade ou amor entre os personagens negros mais jovens. Enquanto os maridos atuam como professores universitários estudiosos da arte europeia consagrada pelo cânone, Carlene e Kiki, as esposas, constituem uma relação de amizade estranha e falam entre si como mulheres negras afrodiaspóricas a partir da apreciação da pintura *Maîtresse Erzulie*, do artista haitiano Hector Hyppolite. Kiki reafirma com frequência sua identidade cultural norte-americana, mas no encontro e na afetividade que brota com Carlene suas raízes negras são provocadas até culminar em uma insuspeitada partilha na forma de uma herança complexa e polêmica. O rapper Carl desestabiliza outros personagens negros com sua beleza física, sua sensibilidade e seus conhecimentos sobre música e, principalmente, sua consciência sobre o lugar do negro pobre não intelectualizado nos Estados Unidos. Imigrantes haitianos reivindicam seus direitos e suscitam em Levy questionamentos sobre seu lugar como afro-americano e a perceber que faz parte de um “enclave negro” em Boston, ainda menor na Universidade de Wellington. Em *Sobre a beleza*, a pintura de um artista haitiano e a música rap são acionadas como elementos das “identidades culturais afrodiaspóricas” (HALL, 1996), tensionando feridas que não são desenvolvidas na narrativa como discurso político único, mas apontadas, sugeridas, atravessadas pela hipocrisia, pela contradição, pela humanidade das personagens. A meu ver, os pontos de vista sobre arte, sobre o corpo das personagens negras do romance e sobre a diáspora e a expolição das ex-colônias são atitudes de “descolonização do olhar” (bell hooks, 2019) assumidas pela escritora sem, no entanto, interpor um discurso didático-moralizante. Ao contrário, submete as personagens, principalmente os homens intelectuais e os afro-americanos, às imposições do presente, denunciando (im)posturas arrogantes de classe (favorecidas por jogos literários intertextuais) e, ao mesmo, tempo, convidando a uma reflexão sobre possibilidades emancipatórias por meio do afeto entre mulheres negras que de algum modo se reconhecem como sujeitos deslocados, instáveis, portanto, abertos. A imagem da encruzilhada acionada pelo personagem Carl parece sintetizar, ainda que de modo não definido, definitivo ou totalmente explicado, na narrativa, as tensões de classe, gênero e raça na literatura, arte, cultura, sociedade e política contemporâneas no Norte Global. Há, entretanto, um impedimento para a manifestação das encruzilhadas (MARTINS, 2003) pelo excesso de discurso, de “pontos de vista” a serem defendidos pelas personagens, até porque seus posicionamentos as caracterizam. Contra isso, por caminhos diferentes, se insurgem Carlene e Carl: ela pela insistência no sentimento, no amor; ele pela abertura a um holismo de visão e pensamento, pela recusa aos convencionalismos do ambiente universitário que, sob supostas boas intenções, falsamente o inclui, pretendendo torná-lo um igual, perpetuando o poder colonial de definir quem pertence ou não às estruturas sociais de integração e legitimidade.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea em língua inglesa; política; arte; identidades culturais afrodiaspóricas.

ESCREVIVÊNCIA: O PESSOAL E O POLÍTICO DENTRO DO ESPAÇO BIOGRÁFICO

Caroline da Conceição Barbosa da Purificação
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal
da Bahia – UFBA
barbosacarol41@gmail.com

Resumo: Leonor Arfuch (2010) faz um corte sincrônico no termo espaço biográfico de Lejeune para se relacionar com o momento contemporâneo. A autora pretende observar o universo narrativo moderno em que há uma preocupação com a presença e a subjetividade. Termos como autoficção (DOUBROVSKY, 1973), alterbiografia (BULHÕES-CARVALHO, 2011) e alterficção (NASCIMENTO, 2017) se relacionam com esse cenário em que há a valorização da escrita de si. No entanto, no caso da autoficção, por exemplo, há polêmica, pois, muitas vezes, é analisada por parte da crítica como um termo que remete apenas ao narcisismo e que alimenta a espetacularização do sujeito que escreve, ainda que nem todas as obras que realizam a prática estabeleçam essa relação. Apesar desse viés negativo com que os termos que transitam entre o factual e o ficcional são tratados, Arfuch (2010) aponta que essa guinada subjetiva (SARLO, 2005) também pode ser entendida de forma positiva, pois observamos estratégias de autoafirmação e recuperação de memórias individuais e coletivas. Nesse sentido, podemos sugerir que o termo escrevivência, criado por Conceição Evaristo, em 1993, que relaciona o individual com o coletivo, as vivências da população afro-brasileira, criando com o leitor o que é chamado de um pacto escrevivencial (OLIVEIRA, 2018), investe em uma rota diferente. Isso ocorre porque ele possui um caráter político que busca resgatar, através dos artifícios literários, a história da população afro-brasileira e, dessa forma, nos permite questionar as ideias de espaço, subjetividade e identidade que pensamos quando nos referimos a esse momento de exposição midiática do sujeito. A partir dessas tensões, a comunicação busca investigar o termo escrevivência considerando esse entrelaçamento que ele produz entre autor e narrador, ficcional e factual, pessoal e político na cena literária contemporânea por meio de um breve comentário sobre a obra Solitária (2022), Eliana Alves Cruz.

Palavras-chave: Escrevivência; Subjetividade; Espaço Biográfico; Eliana Alves Cruz.

“A CANÇÃO DE TITUBA”: A REPRESENTAÇÃO FEMININA E O PREENCHIMENTO DE LACUNAS HISTÓRICAS EM MOI, TITUBA SORCIÈRE... NOIRE DE SALEM

Luísa de Souza Mello
Mestranda - Universidade Federal do Rio Grande – FURG
luisasmellow@gmail.com

Rafaela Pedroso de Oliveira
Mestranda - Universidade Federal do Rio Grande – FURG
rahh.oliveira.05@gmail.com

Resumo: A relação entre História e Literatura vem sendo estudada há anos, visto suas várias semelhanças. Afinal, o objeto final das duas obras é uma narrativa, e tanto a história quanto a literatura (re)contam algo, ambas têm tramas, personagens e construções. Dessa forma, muitas vezes elas se misturam, tendo difícil demarcação de suas especificidades. O presente trabalho irá analisar um pouco dessa relação entre história e literatura, tendo como objeto para discussão

o livro *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé (2019). No final da obra, há uma nota historiográfica de Condé, que, para quem ainda não sabia, é o momento em que se descobre que a protagonista do livro lido, de fato, existiu. Com esse pequeno trecho da autora, já entendemos que seu intuito com a obra foi transmitir uma memória coletiva do que existiu no passado, como uma forma de preencher uma lacuna que, por racismo, consciente ou inconsciente, foi deixada em branco por historiadores. É nesse sentido que Yan Lamonde (2001) afirma que os livros literários são indispensáveis para a leitura da história, e que o importante é saber como se lê uma narrativa e a outra. *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* conta a história da jovem Tituba que, desde pequena, conviveu com a dor e o sofrimento. Foi fruto de um estupro enquanto sua mãe era transportada em um navio negreiro, dessa forma, ela não recebeu afeto maternal, uma vez que Abena, sua mãe, lembrava-se do agressor ao olhar para filha. Sofreu diversas perdas e foi tratada como sub-humana durante toda sua vida. Foi acusada de bruxaria, presa e usada até o momento em que foi levada até a forca para a morte. É evidente que essa não é a história da verdadeira Tituba, uma vez que o único registro histórico que há dela é sobre a prisão em Salem, portanto seria muito improvável que Maryse Condé, coincidentemente, acertasse toda a trajetória vivida por Tituba. Ainda assim, a história é forte, tocante e verdadeira, porque ela poderia ter sido real. E provavelmente foi, se não com Tituba, com diversos fragmentos das vidas de muitas outras mulheres, uma vez que todos os abusos sofridos pelo sexo feminino, em especial quando combinado com a negritude, é um fato histórico comprovado de diversas formas. Dessa forma, é impossível afirmarmos que *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé (2019), é um livro histórico, ou uma biografia, pois faltam documentos e provas das ações. Contudo, também não é possível negar que é um livro interessante e importante para entender um pouco do que ocorreu no passado com pessoas, especialmente mulheres, como Tituba. Para uma escrita crítica, reflexiva e que faz alusão ao passado, como a de Condé, é necessário um conhecimento histórico muito grande. Por um outro lado, a narrativa ficcional pode oferecer ao historiador, através de palavras, imagens que possibilitam entender o horror, a guerra, o genocídio etc. que não são ficcionais e que devem sempre ser lembrados e relembrados para que jamais se repitam.

Palavras-chave: Tituba; feiticeira; mulher negra; escravidão; lacunas históricas.

A RELAÇÃO MÃE E FILHA NO ROMANCE *HÁ UMA LÁPIDE COM SEU NOME*, DE CAMILLA CANUTO

Ingret de Sousa Sales

Graduada no curso de licenciatura em letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Umirim – IFCE
salesingret@gmail.com

Maria Elenice Costa Lima Lacerda

Professora Substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -
Campus Umirim – IFCE
elenice.lima@ifce.edu.br

Resumo: A presente pesquisa qualitativa se deu a partir da análise crítico-bibliográfica do livro *Há uma lápide com seu nome*, lançado em 2021, escrito por Camilla Canuto. A narrativa nos traz um universo de possibilidades de análise que conversam com temáticas que atualmente vêm ganhando mais notoriedade por conta do advento das mídias digitais e a conquista de direitos das mulheres. O tema da discussão escolhido para nossa pesquisa é a maternidade, mais especificamente, a relação entre as personagens Adelaide e Alice, respectivamente mãe e filha,

que é uma das relações mais complexas apresentadas no romance. Vale lembrar que esse trabalho é o recorte de uma outra pesquisa nossa mais ampla: uma monografia apresentada em 2022. Apoiamos as nossas análises num arcabouço teórico que nos ajudou a compreender alguns sentimentos e atitudes das personagens da obra, inclusive os pressupostos ideológicos que apresentam-se, algumas vezes, de modo latente por trás das ações das personagens. A base teórica foi estruturada a partir das pesquisas de Badinter (1985) e (2011); Biroli e Miguel (2014); Bosi (2006); Figueiredo Souza (2018); Eliacheff e Heinich (2004); O’Reilly (2016). A fim de compreendermos como a sociedade dita condutas tanto às mulheres-mães quanto às que optam por não serem mães. Além disso, pontuamos que é possível depreender que as relações interpessoais de modo geral, e mais particularmente a relação mãe e filha, apresentam complexidades. O trabalho também nos leva a refletir sobre as produções literárias brasileiras na atualidade, nos fazendo concluir que os escritos contemporâneos possuem a prerrogativa de tratar desses assuntos porque cada vez mais mulheres estão conseguindo transitar de consumidoras para produtoras de literatura.

Palavras-chave: Maternidade. Literatura Brasileira Contemporânea. Autoria Feminina. Relações Interpessoais.

ANA CRISTINA CESAR: A CARTA E OS INSTRUMENTOS DA LÍRICA

Bruno Oliveira Couto

Mestrando na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
couto.3k@gmail.com

Resumo: Ana Cristina Cesar (1952 - 1983) constrói uma poesia em diálogo com distintas gerações do modernismo com um humor leve; como dizia Nonato Gurgel, “uma poeta solar”. É inquestionável que, a mulher do sorrisinho modernista, partiu da poesia marginal para o cânone literário da poesia brasileira, com uma poesia ímpar de tudo que foi produzido até então. Com uma maneira peculiar de se construir intimidade, trabalhando signos ou pactos de envolvimento com o leitor. Pretendemos com esta comunicação, uma análise do livro Correspondência Completa de agosto de 1979. Para perceber “sua marca pessoal”, registros que cabe aqui adiantar, percorre o singelo ato da poeta que se diverte em pôr “2ª edição” no livro supracitado, para que os bibliógrafos buscassem sua primeira edição até a exaustão, além do nome da obra que não tem nada de completa (curiosamente, publicado em alinhamento com a geração da Poesia Marginal). Sendo assim, a ideia é construir um pensamento crítico sobre suas influências artísticas que rondam a expressão e a estética envolta do livro supracitado. Posto isto, tecer observações sobre o endereçamento, este espaço de comunicação de alteridade, logo, contribuir para produção crítica da obra da autora, além de propor novos olhares ou perspectivas diferentes de um texto tão singular e criativo.

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; Poesia; Literatura Contemporânea; Lírica; Endereçamento.

O EROTISMO NA POESIA DE ROSIDELMA FRAGA

Claudenice Soares da Silva
Mestranda do PPGL da Universidade Federal de Roraima – UFRR
claudenicesoaresbv@gmail.com

Francisco Alves Gomes
Professor do PPGL da Universidade Federal de Roraima – UFRR
francisco.alves@ufrr.br

Resumo: O erotismo é tão antigo quanto a humanidade e ainda assim, existem tabus, preconceitos e até o momento, engatinham as possibilidades de discussão e trabalhos acadêmicos que abordem a questão em nosso estado. Neste sentido, tomando como foco principal a poesia erótica, esta pesquisa toma como corpus os poemas *Metáfora*, *Almas tatuadas* e *Indiretas de amor*, do livro *Amor Amante* (2018), da escritora Rosidelma Fraga, a partir de uma análise comparatista ancorada nas contribuições de Jobim (2020) e Bataille (2020) quanto a temática do erotismo, entre outros. Para tanto a argumentação norteadora desta pesquisa questiona quais elementos caracterizam os poemas como eróticos e quais sentidos pode-se inferir a estes elementos a partir de uma análise subjetiva do pesquisador. Verificou-se neste estudo que a voz erótica feminina corrobora com palavras e sentidos compartilhados por outros autores contemporâneos como Hilst e Drummond, no que diz respeito à liberdade erótica e que esta liberdade representa uma construção de identidade própria da autora. Outros constituintes marcantes observados correlacionam ao profano e ao sagrado quando do uso de ternos como “Eva”, “anjos”, “vil pecador”. Este estudo qualitativo realizado mediante coleta de dados bibliográficos, utilizando fontes primárias e secundárias de pesquisa, está dividido em duas partes sendo a primeira uma breve abordagem teórica no que concerne ao erotismo, o sagrado e a morte tomando como aporte teórico principal, as ideias de Bataille, seguido da segunda parte que apresenta as análises das poesias da escritora Rosidelma Fraga. Sendo assim, observa-se que a riqueza nas construções poéticas analisadas perpassa não só ou unicamente pelos temas analisados, mas compreende uma gama de outras formulações e inferências a serem pesquisadas e estudadas dada a riqueza das composições e as inúmeras representações intertextuais e sentimentais que a leitura dessas poesias nos remetem.

Palavras-chave: Poesia; Erotismo; Rosidelma Fraga.

ANTI-HEROÍSMO CONTEMPORÂNEO: AS DIALÉTICAS DO CORPO LÁ(R) DE NNU-EGO EM AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE

Jéssica França de Oliveira
Doutoranda em Estudos Literários - Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
jessica.franoli@gmail.com

Resumo: Os espaços contemporâneos são marcados pelos constantes processos migratórios, mapeando um fluxo significativo de sujeitos moventes, delineando os movimentos de trânsito e mobilidade, especialmente de sujeitos coloniais e pós-coloniais. Escritores provenientes desses espaços buscam fazer da escrita uma ferramenta reflexiva, de modo que nos debrucemos a respeito desses fluxos e de suas negociações culturais decorrentes, considerando que esses indivíduos transitam não apenas por diferentes ambientes geográficos, como também sociais, culturais e linguísticos. Tendo como objeto de estudo *As alegrias da maternidade* (2017), este trabalho objetiva analisar a forma como ocorrem as relações constituídas pelo corpo lá(r) de

Nnu Ego diante dos deslocamentos forçados. O corpo lá(r) deve ser compreendido como defendido por Humberto Fois-Braga (2017), em que o sujeito viajante está constantemente negociando as relações da presença em um lá e a ausência de um lar, que se constituem pela política e poética da mobilidade. Por fim, este trabalho também intenta analisar se a trajetória da protagonista é circular, como convém às trajetórias heroicas propostas por Christopher Vloger (2006). Para tanto, o quadro teórico é composto por autores como: Salman Rushdie (1992), Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2003; 2006), Lilian Soier Nascimento (2006), Edward Said (2007), Sandra Regina Goulart Almeida (2012; 2016a; 2016b), Humberto Fois-Braga (2017). Desse modo, compreende-se que a construção literária de Emecheta é marcada pelos deslocamentos, possibilitando a elaboração de uma subjetividade complexa e fragmentada da protagonista, contrariando a proposta de uma jornada heroica, ao passo que se aproxima da construção do anti-heroísmo contemporâneo.

Palavras-chave: As alegrias da maternidade; Buchi Emecheta; Jornada anti-heroica; Mobilidade; Pós-colonial.

O SOM ARDENTE DAS VIDAS PRECÁRIAS NA POESIA DE ALBERTO PUCHEU

Taise Teles Santana de Macedo

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia – PPGLITCULT – UFBA
taiseteles@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trazer reflexões acerca das relações entre a literatura e os traços mais políticos na obra do poeta Alberto Pucheu. "Vidas rasteiras", o seu mais recente conjunto de poemas publicado pela Cult em 2020, promove um encontro com o outro; esse outro não é o alter ego do poeta nem é um "eu" que se desdobra em outras faces. Antes de tudo, o outro é convocado a estabelecer circuitos de contatos afetivos. Parte-se do seguinte entendimento: a linguagem poética se abre, nesse vir a ser, para o impróprio, para a possibilidade de novos sensíveis, novas vidas. A entrada do outro vem no sentido de revelar como a poesia caminha junto com as alteridades, como a poesia se sente atraída e atrai modos mínimos de existência. Para ampliar esse conceito, o filósofo e professor David Lapoujade (2017), em "As existências mínimas", indica que não há uma existência mais real ou autêntica do que outra; não há, portanto, uma hierarquia dos modos de ser. Cada maneira de ser é singular e incomparável. Nesse sentido, as existências mínimas comparecem em Pucheu para pôr em vista o direito de existir, o que provoca tanto uma discussão de ordem estética quanto político-ética. Enquanto trincheira e toca, a literatura, em linhas gerais, encena uma política de sujeitos que potencializa, sem cessar, as mínimas formas de sobrevivência, em que o desejo à vida sempre está em jogo. Como um contragolpe ao "capitalismo onívoro e multiforme", a literatura aposta na força das alteridades, nos devires minoritários, plurais, que, sem rosto pré-definido, libera a vida por aqui e acolá. Ao tentar captar estilhaços de acontecimentos de vida com suas diversificadas audições, ritmos, visões e velocidades, a literatura inventa uma política alternativa a uma vida nua.

Palavras-chave: alteridades; modos; existência; poesia.

TERRORISMO E ALTERIDADE EM UM POEMA DE ALBERTO PUCHEU

André da Silva Rosa Junior
Mestrando em Literatura Comparada – UFRJ
andre.rosa36@letras.ufrj.br

Resumo: O filósofo italiano Giorgio Agamben, em seu célebre ensaio "O que é contemporâneo?", parte de uma aplicação dialética para dar um sentido à contemporaneidade: é contemporâneo aquele que, simultaneamente, adere ao seu próprio tempo e, na mesma proporção, se distancia dele numa relação singular de movimentos contrários. Para o filósofo, somente o distanciamento necessário possibilitaria uma observação concreta da realidade em que o poeta está inserido. Mais adiante, no mesmo ensaio, Agamben propõe uma segunda descrição para o contemporâneo: "aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro". Assim, para aqueles que experimentam a contemporaneidade, todos os tempos são obscuros, e ser contemporâneo consiste em reconhecer a existência dessas sombras para poder lidar com elas — e, conseqüentemente, para ser capaz de escrever mergulhado em meio a elas. À luz do conceito formulado por Giorgio Agamben, esta comunicação se propõe a pensar o poema "Para que poetas em tempos de terrorismos?", de Alberto Pucheu, publicado no livro homônimo de 2017, como um manifesto poético da contemporaneidade cujo significado se constrói por meio de uma relação pendular entre o presente e o passado. A partir desse movimento, o poeta aponta novos caminhos e desdobramentos epistemológicos para contemplar o futuro político-poético brasileiro.

Palavras-chave: poesia brasileira; Alberto Pucheu; Agamben; contemporâneo.

O FARDAMENTO DA EXISTÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE: OS PROCESSOS DE DESAPARECIMENTO DE SI NA OBRA "QUERIDA KONBINI", DE SAYAKA MURATA

Sarah Micaia Benevides Figueira
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
sarahmicaia@hotmail.com

Resumo: A pós-modernidade é caracterizada como a época do imediatismo e consumismo, na qual, nessa eterna busca por sucesso, o indivíduo se vê tentado a recorrer ao "desaparecimento", à fuga de uma vida socialmente ativa. Nesse contexto, Sayaka Murata, renomada escritora japonesa da atualidade, retrata em sua obra "Querida Konbini" (2018) esse fenômeno de desaparecimento na sociedade japonesa pós-moderna. O objetivo principal desta pesquisa é analisar como ocorre o processo de desaparecimento da personagem Keiko Furukura na obra "Querida Konbini" (2018). De natureza bibliográfica, foram utilizados como base teórica Zygmunt Bauman (2008; 2021), David Le Breton (2018), Umberto Eco (2015), Preciado (2019) e Lauretis (2019). O trabalho se deu pela escassa quantidade de pesquisas envolvendo as obras de Sayaka Murata no Brasil. A pesquisa foi realizada em três momentos: primeiramente a contextualização do indivíduo pós-moderno, forçado a manter um estilo de vida incessante; em seguida, a interpretação da identidade queer de Keiko; por fim, a análise os processos pelos quais Keiko desaparece gradativamente como ser social. Concluiu-se que Keiko é um indivíduo que não se encaixa nos padrões sociais, tanto na questão profissional quanto pessoal e, como solução às constantes imposições da sociedade, Keiko recorre a loja de conveniência como refúgio, se tornando um instrumento da loja, uma "Funcionária". A completa indiferença ao mundo externo à loja, atitude tomada como resistência no desfecho da obra, permite que Keiko

continue movimentando a grande máquina que é a sociedade japonesa pós-moderna, não como indivíduo, mas como instrumento.

Palavras-chave: Sayaka Murata. Literatura Japonesa Contemporânea. Desaparecimento de si. Pós-modernidade.

PARAÍSO DA MEMÓRIA – O HIBRIDISMO NA FICÇÃO AUTOBIOGRÁFICA DE BRUNO VIEIRA AMARAL

Milca Alves da Silva
Doutoranda em Estudos de Linguagens - CEFETMG, Belo Horizonte/Brasil
milcalves12@gmail.com

Resumo: Pensar a participação da memória na literatura contemporânea independente do formato em que ela se manifesta tradicionalmente mostra-se uma experiência desafiadora. À medida que o interesse na relação passado/presente se intensifica na produção literária, os discursos da memória mostram-se menos discerníveis quando inseridos em uma narrativa de ficção autobiográfica. A noção de hibridismo tem sido amplamente estudada em campos como as artes e literaturas contemporâneas, principalmente no que tange à superação de limites e criações através de suportes e linguagens diversas. Este ensaio pretende analisar como tais características se manifestam no romance Hoje estarás comigo no paraíso, do autor português Bruno Vieira Amaral, publicado em 2019, a partir de uma abordagem sobre a escrita ficcional autobiográfica. Para tanto, o pensamento de estudiosas da Literatura Contemporânea como Florência Garramuño (2014) e Graciela Ravetti (2002) nos permite perceber aspectos da narrativa que se instalam na fronteira entre realidade, ficção e performance, gerando assim novos significados políticos e culturais. Nesse sentido, a partir de Philippe Artières (1998) pretende-se também compreender o registro feito pelo autor Bruno Vieira Amaral de uma história familiar através da ficção, como uma tentativa consciente de arquivamento pessoal e também como um experimento de reconhecimento e valorização de quem teve sua história desconsiderada. Para esse fim, retomaremos outros autores interessados no debate sobre hibridismo, memória e performance literária, em busca de apontamentos que nos guiem pela análise da obra em questão.

Palavras-chave: Memória; Hibridismo; Literatura contemporânea.

TEMOR PREVENTIVO EM COMUNICAÇÃO COM “O LORAX”

Gustavo Eduardo Adams
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR
fabricio.edmund@gmail.com

Nicolas Prediger Fialla
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR
nicolas.fialla@gmail.com

Resumo: Através da exploração bibliográfica do desenvolvimento feito por Oliveira (2014) sobre o aspecto do temor em Hans Jonas pretendemos expor uma aplicação prática na história The Lorax de Dr. Seuss (1971), trazendo ao debate também o ensinamento conturbado da adaptação feita por parte da Illumination Entertainment que desfez o elemento essencial de temor que existia na origem. Com isso, iniciamos ressaltando o temor como uma heurística de

advertência, ou seja, um exercício de futurologia sobre os danos presentes e os possíveis riscos para que imaginemos o que devemos esperar; o que se deve incentivar; e o que deve ser evitado em consideração ao que deve ser separado (OLIVEIRA, 2014). A vida é, dessa forma, colocada como uma projeção de periculosidade em si mesma — incentivando a virtude da precaução por uma ética que encara o risco como contornável, assim movimentando as ações humanas em prol da preservação da vida. Em conexão com esse medo, acreditamos que obras artísticas podem ser extremamente valiosas em conduzir a nossa humanidade da mercadoria à visão do futuro distópico de um mundo destruído ao qual estamos nos guiando. Por isso, que vemos no *The Lorax* (1971) original uma ferramenta útil que traumatiza nossas infâncias com o pesadelo de um futuro em que não haja vida, com críticas pesadas a nossa produção exploratória para nossa existência abusiva aos outros seres — podendo, assim, o personagem *Once-ler*, que não possui rosto, ser qualquer um. Contudo, a releitura realizada pela *Illumination* (2012) é um aspecto pesado de criticismo, pois retira essa distopia do imaginário dos espectadores ao dar uma lição de redenção da humanidade. Afinal, o objetivo de Seuss era ensinar a prevenção — defendida por Hans Jonas — por meio de um medo de chegar até aquele estado deplorável da relação humana com a natureza. Então, a lição deve ser evitar de maneira absoluta que essa etapa de degradação chegue, ao invés da representada pela animação de que podemos cometer tamanho erro e, ainda assim, consertar os atos de diversas gerações anteriores em ações simplistas.

Palavras-chave: Temor; Precaução; Futuro.

TEORIA QUEER E RESISTÊNCIA EM *15 DIAS*, DE VÍCTOR MARTINS: UMA LEITURA SOBRE A PERCEPÇÃO DO ‘EU’ EM BUSCA DA IDENTIDADE

Gustavo Moreira Rocha

Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM
gustamr@outlook.com

Fernanda Garcia Cassiano

Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM
fernandagarcia.c@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa analisa o modo pelo qual os conceitos de corpos abjetos, de Butler (2016), Teoria Queer, de Miskolci (2012), e identidades pós-modernas, de Hall (2006), são capazes de propor uma leitura de *15 dias* (2017), do brasileiro Vitor Martins, assim como reafirmar a importância de literaturas LGBTQIAP+ como formas de resistência em sociedades ocidentais. Resistir possui camadas e não se define apenas pelo ato de se opor a algo ou alguém, como conceituado por Ashcroft (2001). Felipe, um jovem gordo e gay de 17 anos, vê seu mundo desabar quando, no início de suas férias, momento em que ele pretende se isolar em seu quarto para fugir do bullying sofrido na escola, descobre que seu vizinho, Caio, ficará em sua casa durante os 15 dias de recesso estudantil e, a partir disto, um sentimento que antes estava adormecido volta para o assombrar. Neste tempo da narrativa, há a redescoberta desta interseccionalidade entre o ser gordo e o ser gay, um processo da percepção do ‘eu’ para o mundo, por meio de reflexões causadas pela dor da rejeição deste corpo excluído. A identidade queer, tema principal deste trabalho, é o estranho que incomoda, e cumpre seu papel de definir o indefinível, ao levar a personagem principal em sua própria jornada do herói. A metodologia, de caráter qualitativo, interpreta as questões sociais e históricas que permeiam a obra de Martins, dessa forma, a análise é pautada nas reflexões e comparações dos valores hegemônicos

de uma sociedade, supostamente, padrão. Espera-se obter, por meios dos estudos teóricos aqui citados, uma compreensão das facetas identitárias de um garoto gay e gordo e os impactos que esse corpo causa ao ocupar espaços.

Palavras-chave: Teoria Queer; Identidade; Resistência; Corpos abjetos.

A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO

Cristiano Mello de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
crisliteratura@yahoo.com

Resumo: Este relatório de investigação científica apresenta as atividades desenvolvidas no projeto de pós-doutoramento, intitulado “A configuração do espaço no Novo Romance Histórico brasileiro”, realizado no intervalo de novembro de 2019 a dezembro de 2021. Nesse período, o pesquisador participou de aulas das disciplinas: Literatura Afrodescendente no programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Mestrado e Doutorado) e Ficção Brasileira I e II (para os alunos da graduação em Letras, como assistente do professor Dr. Godofredo), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sobre a questão do assunto e do objeto da pesquisa, salientamos que importou-nos identificar como se opera a figuração descritiva passadista – casas, casarões, igrejas, mosteiros, sinagogas, prédios públicos, pontes, logradouros, praças, entre outros -, com vistas a interpretar tais representações incrementadas no Novo Romance Histórico brasileiro. É lúcido atestarmos que muitos romancistas históricos de linhagem brasileira investiguem compêndios históricos, documentos do período abordado, arquivos institucionais, centros de pesquisas, museus, sondando como representar ou forjar o pano de fundo dos enredos históricos formulados. Do ponto de vista estético, a integração da montagem do cenário de época (funcionando como localizações espaciais), adicionando à reconstituição dos seus ambientes internos, juntamente com o desenvolvimento da trama histórica, reforça o empenho do autor no apelo à autenticação do passado. É indispensável ressaltarmos que o arcabouço teórico sobre a questão do espaço no romance histórico brasileiro deve ser explorado de forma sistemática e revisionista. Na atual pesquisa, interessou-nos saber como algumas formulações teóricas podem ser úteis ao trabalho com o texto literário em sala de aula. Durante a nossa estadia no Programa, foi possível aprimorarmos o currículo acadêmico em diferentes frentes: leitura e releitura das bibliográficas sobre o conceito de espaço na literatura brasileira, redação e análise de textos científicos, participação nas aulas na graduação e pós-graduação em Letras da UFRJ, contato com autoridades no campo da cultura brasileira, na ministração de palestras e conferências, dentre outros.

Palavras-chave: Relatório de pós-doutoramento; Letras Vernáculas na UFRJ; Configuração e representação do cenário; Novo Romance Histórico brasileiro; Espaço Descritivo Histórico Didático.

"AINDA ESTOU AQUI" – JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO E ESQUECIMENTO

Manuela Cerqueira Martins
 Universidade Federal de Goiás – UFG
 manuelacerqueira@gmail.com

Resumo: O romance autobiográfico “Ainda estou aqui” de Marcelo Rubens Paiva, narra a vida da família do autor antes e depois de seu pai, o ex-parlamentar Rubens Paiva, ser cassado, preso, assassinado e ter seu corpo ocultado por agentes da ditadura civil-militar em 1971. A escrita de Marcelo é informal e objetiva, mas ele é rigoroso ao discorrer sobre o período de exceção. A obra parte de uma explicação histórica sobre o golpe de 1964, e o autor dialoga diretamente com documentos, leis, e depoimentos que conferem veracidade a narrativa construída. Dito isso, elaboramos uma análise que considera o romance como uma importante fonte histórica sobre o regime civil-militar (1964-1985), que além de possuir elementos fundamentais para elucidar as incongruências do período e denunciar as inúmeras violações contra os direitos humanos que foram praticadas com respaldo institucional, permite compreender também as arbitrariedades que envolveram o processo de anistia e transição democrática vivenciados a partir de 1985. Uma anistia irrestrita e uma transição inconclusa que foram responsáveis, respectivamente, pela perpetuação da injustiça por meio do perdão aos crimes cometidos pelos algozes agentes do Estado ditatorial, e pela implementação de uma política de esquecimento que não rompeu com o autoritarismo de seu passado. “Ainda estou aqui” é, portanto, uma fonte histórica que permite a compreensão não somente do recente passado ditatorial brasileiro, mas também dos processos que envolveram a criação da memória sobre o período.

Palavras-chave: Anistia; Autoritarismo; Ditadura civil-militar; Transição democrática.

TRABAJOS DEL TESTIGO EN EL TESTIMONIO (NONA FERNÁNDEZ Y GEORGES DIDI-HUBERMAN)

Daniuska González González
 Universidad de Playa Ancha, Valparaíso, Chile
 daniuska.gonzalez@upla.cl

Resumo: A partir de las aproximaciones al/la testigo que Shoshana Felman realizó en su volumen "Testimonio. Crisis del testigo en literatura, psicoanálisis e historia", en esta ponencia se abordarán dos momentos testimoniales vinculados mediante la elaboración de esta subjetividad que relata para enriquecer o descubrir nuevos elementos sobre acontecimientos de violencia. El primero dentro de la novela "La dimensión desconocida" (2016) de la escritora chilena Nona Fernández y el segundo, el libro "Cortezas" (2011) del filósofo francés Georges Didi-Huberman. Lo anterior con el propósito de problematizar cómo dos formatos discursivos diferentes se apropian de esta tipología y producen nuevas miradas desde donde leerlas: una testigo ficticia y un testigo emancipado. Como soporte metodológico se utilizarán a autores como Nora Strejilevich, Luis Ignacio García, Giorgio Agamben y los mencionados Shoshana Felman y Georges Didi-Huberman. Entre las proyecciones desgajadas de este trabajo cabría preguntarse si el/la testigo, tradicionalmente una figura creíble y fructífera por el relato que levanta, muchas veces de primera mano y/o con información relevante para saber más sobre un evento, pudiera convertirse en una subjetividad incómoda y desestabilizadora.

Palavras-chave: Testigo; testimonio; violencia; literatura contemporánea.

CAPITALISMO GORE EN: “BAJO EL AGUA NEGRA, ¿DÓNDE ESTÁS CORAZÓN?, EL CARRITO Y EL CHICO SUCIO” DE MARIANA ENRÍQUEZ.

Diego Aoun Cartagena
Universidad de Playa Ancha
diego.aoun@gmail.com

José Luis Lagos
Universidad de Playa Ancha

Resumo: El modelo capitalista se ha establecido como la cultura que rige nuestra sociedad mundial y latinoamericana en específico. El concepto de Capitalismo gore acuñado por la mexicana Sayak Valencia busca concebir al tercer mundo como un espacio geopolítico de inacción y a la reinterpretación dada a la economía dominante y global en los espacios geográficos fronterizos, en donde el derramamiento de sangre explícito e injustificado entremezclado con el crimen organizado, el género y uso predatorio del cuerpo por medio de la violencia explícita como herramienta de necroempoderamiento. En los libros de cuentos de la escritora argentina Mariana Enríquez: Los peligros de fumar en la cama y Las cosas que perdimos en el fuego se evidencian y articulan las propuestas de Sayak Valencia en su texto Capitalismo gore, desde la brutalidad y extrema violencia que acontecen en los lugares fronterizos, el devenir de sujetos endriagos nacidos en las sociedades gore. En los cuentos de la autora argentina lo mencionado anteriormente se avizora en el desplazamiento de los márgenes y creando nuevos lugares fronterizos dentro de las mismas ciudades, en este caso ciudades argentinas. En estos territorios desplazados nacen, comparten y devienen estos sujetos alternos, endriagos mostrando como el sistema capitalista más salvaje se ha instalado en todas las capas sociales. En los cuentos en específico: Bajo el agua negra, ¿Dónde estás corazón?, el carrito, El chico sucio se observa los postulados del Capitalismo gore y sus relaciones de Sayak Valencia se articulan con la realidad literaria escindida por Mariana Enríquez, poniendo en tensión la realidad social en la cual nos desenvolvemos con su estilística del horror gótico que transpone toda su producción literaria.

A TEMÁTICA DO HIV/AIDS NA PRODUÇÃO NARRATIVA BRASILEIRA: ENTRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA

Ramon de Santana Borges de Amorim
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – PPGLITCULT –
UFBA – Bolsista CAPES
letrasra@hotmail.com

Resumo: O trabalho consiste na apresentação da pesquisa em estágio de desenvolvimento no curso de doutorado em Literatura e Cultura realizado na Universidade Federal da Bahia, que tem por objetivo investigar a temática do HIV/aids nas produções narrativas brasileiras a partir dos anos 90 e como elas evocam e são evocadas por representações sociais sobre a epidemia e o vírus. Através da leitura dessas narrativas, pretende-se fazer o confronto entre as representações literárias e as representações sociais sobre HIV/aids para entender de que forma a literatura tem abordado o tema e se (e como) essa abordagem dialoga com a forma com a qual a epidemia tem sido discutida no País, em suas várias formas de representação social (propagandas institucionais, reportagens, imaginário social). Um aspecto importante do estágio

atual da investigação diz respeito à análise da posição das minorias de direito (principalmente mulheres e homossexuais) nas produções lidas. Uma conclusão parcial indica o apagamento e as marginalizações sofridas por diversos seguimentos sociais dentro da representação artístico-literária. O corpus é amplo e busca analisar as produções narrativas de Caio Fernando Abreu, Maria Valéria Rezende, Michel Laub, Valéria Piassa Polizzi, Marcelino Freire, Guido Arosa entre outros. O referencial teórico utilizado para desenvolver a argumentação consiste em autores que se dedicam a estudar a representação do tema, seja a social ou a literária, tais como: Claudine Herzlich (2005), Esteban Andrés Garcia (2009), Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), Larissa Pelúcio e Richard Miskolci (2009), Marcelo Secron Bessa (1997; 2002), Francisco Inácio Bastos (2006) entre outros.

Palavras-chave: HIV/aids; narrativas brasileiras; representação literária; representação social

DECADÊNCIA ECONÔMICA E RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS EM MINHA VIDA DE MENINA (1942), DE HELENA MORLEY

Talles Luiz de Faria e Sales

Doutorando no Programa Doutoral em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas pela Universidade do Minho, Portugal
tallesluiz@yahoo.com.br

Resumo: A partir da leitura de *Minha vida de menina*, diário mantido por Helena Morley entre os anos de 1893 e 1895, mas publicado apenas em 1942, propõe-se abordar como a situação de interregno entre a decadência da sociedade patriarcal, na esteira da decadência econômica provocada pelo decréscimo da extração diamantífera em Diamantina (MG), bem como da abolição e da consolidação do modelo político republicano no Brasil, aparecem plasmados no diário da então jovem escritora, oriunda de um núcleo familiar de ascendência inglesa e luso-brasileira enraizada no período colonial da cidade mineira. Para tanto, a partir de um ensaio de Roberto Schwarz (1997) sobre *Minha vida de menina*, caberá destacar a situação socioeconômica *sui generis* da região no período assinalado, a qual engendra protótipos de relacionamento social específicos entre as tradicionais famílias coloniais do patriarcado brasileiro, núcleos familiares estrangeiros, no caso, anglófonos, e ex-escravos que convivem à sombra das ruínas do antigo mundo senhorial, ao mesmo tempo em que emerge uma nova sociabilidade brasileira sob o esteio do republicanismo e do liberalismo econômico. Consequentemente, espera-se apontar como as relações sociais daí derivadas calcam-se não apenas em estereótipos, no sentido sugerido por Homi Bhabha em *O local da cultura* (1998), mas acabam por configurar, literariamente, imagotipos relativos às diferentes culturas que virão a constituir a cultura brasileira a partir da tensão entre nacional e estrangeiro, entretecendo jogos de contraste entre as heranças lusa, africana e inglesa, as quais se destacam no texto de Helena Morley, a reencenar, deste modo, o tema do “desterro na própria terra” levantado por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1936), bem como em seu denso estudo sobre a poesia de Cláudio Manuel da Costa.

Palavras-chave: Helena Morley, diário, Minas Gerais oitocentista, estereótipos, imagotipos.

ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: NOTURNO DO CHILE DE ROBERTO BOLAÑO

Cristiane Soeiro Cunha Gomes
Licencianda em Letras Português/Literaturas – UFRJ
cris_soeiro@letras.ufrj.br

Resumo: O presente trabalho pretende fazer uma investigação literária de uma obra, o romance *Noturno do Chile* de Roberto Bolaño (2004), que mescla fatos e ficção. É situado majoritariamente na segunda metade do século XX no Chile, período tomado pelo contexto pinochetista e pós-ditatorial. Publicado em 2000, o livro é narrado em primeira pessoa por Sebastián Urrutia Lacroix, padre, poeta e crítico literário. O relato é um monólogo de um homem que está nos últimos dias de vida e decide rememorar acontecimentos e ações que, segundo ele, validariam sua história. Cheio de culpa, ao constatar a morte iminente, entra em uma espécie de ritual para apaziguar-se ao mesmo tempo com Deus e a sua consciência. Enquanto a voz dramatiza os dilemas da consciência, diversas faces da história do Chile aparecem figuradas na composição. Entre o homem à beira da morte e o que delira e momentaneamente esquece o seu nome está o indivíduo convicto de sua ideologia e que expressa, inclusive, prazer na posição que ocupa na história de seu país, como um forte apoiador do fechamento político promovido por Pinochet. Como objetivos da pesquisa pretende-se sistematizar tal linha narrativa, com atenção à precisão ou imprecisão das ancoragens históricas, para entender o nexos da ordem ou da desordem do discurso. Visamos acompanhar os trânsitos do personagem entre sua vida pessoal e a vida nacional, e o modo como ele tenta definir e caracterizar o país a partir de sua visão de mundo, favorável ao regime autoritário. O percurso metodológico que tencionamos trilhar parte de uma atenção à maneira como no livro está mesclada a brutalidade recente da América Latina com as questões da história literária recente do Chile. Seguiremos, com auxílio do crítico literário Chris Andrews (2014), as oscilações do monólogo de Sebastián Urrutia Lacroix entre a loucura e a sanidade, vida privada e nacional, arte e política, procurando entender como Roberto Bolaño constrói esse atrito particular entre fato e ficção.

Palavras-chave: Memória; Ditadura Chilena; Literatura Contemporânea.

MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA EM DUAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

Leandro Antognoli Caleffi
Mestrando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP
leandro.caleffi@gmail.com

Resumo: A partir da leitura analítico-interpretativa das crônicas machadianas 19 de maio de 1888, referente à série “Bons Dias!”, e 16 de outubro de 1892, de “A Semana”, ambas publicadas na *Gazeta de Notícias*, a presente comunicação tenciona analisar os modos pelos quais as duas narrativas abarcam as contradições da modernização brasileira ao final do século XIX, revelando a persistência do atraso no país. Na primeira, publicada a exatos seis dias após a Lei Áurea, o advento da modernidade diz respeito à abolição da escravatura, cuja implementação não eximiu o negro Pancrácio da submissão à violência e da sujeição aos caprichos de seu ex-senhor; fato que assinala ironicamente a manutenção de práticas sociais próprias do passado colonial e escravista, a despeito do aparente progresso. Na segunda, por sua vez, o moderno é representado pela chegada dos bondes elétricos na capital carioca; evento discutido por dois burros cientes de que os novos meios de transporte não os poupariam dos

açotes e dos maus-tratos desferidos pelos homens, uma vez que o exercício da brutalidade e o apreço pelo castigo são constitutivos da sociabilidade nacional, historicamente marcada pela opressão contra os mais vulneráveis. Como se vê, valendo-se de histórias simples, aparentemente banais, como é comum ao gênero, Machado de Assis acaba por trazer à tona a não superação de traços arcaicos da sociedade brasileira, ainda que a fachada modernizadora apregoasse o contrário. Sendo assim, este trabalho busca investigar como ambas as narrativas incorporam em suas faturas o descompasso entre a implantação do novo e a perseverança do antigo, expondo o caráter conservador da modernização nacional, cuja instauração, como se sabe, não eliminou o atraso, apenas o reconfigurou, a fim de que ele se reinserisse, em novas roupagens, no tempo presente.

Palavras-chave: Machado de Assis; modernização brasileira; crônica; literatura e sociedade.

O CONTRASTE DE IDENTIDADE: A NARRAÇÃO DO TRAUMA NO ENCONTRO DE IDENTIDADES EM “EU, EMPREGADA DOMÉSTICA”

Queren Silva Lima
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
querensilva13@gmail.com

Resumo: As relações desiguais de poder colonial ainda são mantidas nas antigas colônias mesmo após suas respectivas independências, e no cenário brasileiro não é diferente. Atualmente, com facilidade encontramos discursos que negam a existência das desigualdades ao passo que elas são reproduzidas. O intuito deste estudo é mostrar os desdobramentos destas desigualdades para o grupo de trabalhadoras domésticas, onde sua maioria é de mulheres negras em situações sociais que ainda são frutos das injustiças cometidas na colonização. Usamos assim, os testemunhos de trabalhadoras dispostos no livro *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho de empregada, de Preta-Rara*, analisando-os a partir de uma linha de reflexão entre os conceitos de: identidade - debatido por Stuart Hall, testemunho – analisado por Seligmann-Silva, e colonialidade.

Palavras-chave: Identidade; Testemunho; Colonialidade; Doméstica; Desigualdades.

CENTENÁRIOS

Jonatan de Souza Santos
Escola Estadual Prof. Bento da Silva Cesar – São Carlos, SP
jonatan.souzasantos@gmail.com

Resumo: No ano de 2022, centenário da Semana Modernista e da morte do escritor Lima Barreto, reflexões são oportunas sobre a relação entre o evento que impactou a vida artística brasileira e a voz incomodada com a estagnação de movimentos literários. Trata-se de uma oportunidade para apreciar um ponto de contato muito importante para o processo de renovação das letras nacionais: o coloquialismo. Esse fenômeno se torna uma das principais marcas da contramão da tradição neoparnasiana e que se encontra em obras significativas, como *Vida urbana*, de Lima Barreto, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Manifesto da poesia pau-brasil*, de Oswald de Andrade. Esse exercício de análise representa não somente mais um trabalho a ser comunicado, mas também um ato memorialístico em relação ao tamanho da importância desses centenários na história da literatura brasileira. Portanto, o objetivo é revelar detalhes que tratam desta questão, através dos textos literários mencionados, visto que cada um deles

manifesta uma voz em favor da nova perspectiva no modo de interpretar a realidade nacional por meio da escrita. Nesse sentido, a metodologia consiste na identificação dessas características, considerando o diálogo que existiu entre o pré-modernismo e o modernismo, à luz de uma hipótese que não sai da cabeça do leitor atento: Lima Barreto já estava prenunciando práticas modernistas antes de 1922, ao mesmo tempo em que havia interesse pela inserção do escritor carioca ao grupo paulista que inauguraria a inesquecível semana, basta lembrar o relato de Antonio de Arnoni Prado, em seu breve ensaio “Sérgio, Mário e *Klaxon*: um encontro com Lima Barreto”, para perceber fortemente esse laço de preocupação e de incômodo visando um espírito de vanguarda. Desse modo, a presente comunicação também se configura como releitura de centenários.

Palavras-chave: Coloquialismo; Lima Barreto; Mário de Andrade; Oswald de Andrade.

ESPAÇO URBANO E MARGINALIZAÇÃO SOCIAL E HUMANA: FIÓDOR DOSTOIÉVSKI, LIMA BARRETO, ROBERTO ARLT E JOÃO ANTÔNIO

Clara Ávila Ornellas
Pós-doutoranda PPGECLLP/USP
claraornellas@usp.br

Resumo: Esta proposta de comunicação apresenta reflexões a respeito de como a cidade torna-se palco de representações sociais a demarcar personagens que não possuem condição econômica e/ou social para nela transitar igualmente. Apesar do disposto na Declaração dos Direitos Humanos Universais (1948), quanto aos direitos à dignidade, igualdade, justiça e liberdade como inerentes a todos os seres humanos, não é o que se observa, principalmente em metrópoles, a exemplo de Rio de Janeiro, Buenos Aires e São Petersburgo, seja no século XIX de Dostoiévski, seja na contemporaneidade de João Antônio. Nessas cidades, assim como em outros lugares do mundo, o contingente de indivíduos à margem social vem aumentando de forma sensível em muitas nações, e de forma ainda mais agravada após a ocorrência da pandemia de Covid-19. Portanto, a promoção do progresso e de melhores condições de vida prevista na Declaração Universal dos Direitos Humanos tem sido negligenciada e gera uma persistente condição de miséria, opressão e injustiça. Desta forma, verifica-se que a necessária igualdade de direitos não tem ultrapassado determinadas barreiras sociais e políticas que, ao longo do tempo, impedem a vivência plena da cidadania, o que pode ser observado nas diferentes obras literárias dos autores focalizados nesta proposta de comunicação. Neste sentido, reflete-se sobre as diferentes faces e fases da marginalização social em São Petersburgo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, a partir de obras de Dostoiévski, Barreto, Arlt e Antônio. Entre outros aspectos, pode-se atestar relações de semelhanças, diferenças e continuidade entre o problema da exclusão social e as diferentes cidades representadas em parte das obras desses escritores, a saber, *Crime e castigo* (1866), de Dostoiévski, *Toda a crônica* (2004), de Lima Barreto, *Aguafuertes cariocas* (2013), de Roberto Arlt e *Malhação do judas carioca* (1975), de João Antônio. Essa abordagem fundamenta-se no diálogo com reflexões de pensadores como Walter Benjamin, em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo* (1989), Milton Santos “O tempo nas cidades” (2001), Donald Franger *Dostoiévski y el Realismo Romântico* (1970) e Beatriz Sarlo *Modernidade periférica: Buenos Aires 1929 e 1930* (2010).

Palavras-chave: Espaço urbano; Literatura; Exclusão social.

FICÇÃO HISTÓRICA DE AUTORIA FEMININA: BREVE PERCURSO

Dinameire Oliveira Carneiro Rios
 Universidade Federal da Bahia – UFBA
 dina_meire@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um breve panorama acerca da produção feminina de viés histórico dentro da literatura brasileira, especialmente na segunda metade do século XX. Problematicando, inicialmente, o conceito de autoria feminina, a partir dos estudos de Nelly Richard (2002), constrói-se um percurso acerca da literatura feita por mulheres ao longo da historiografia literária brasileira, tendo como referência as concepções patriarcais em torno da representação dos estereótipos acerca da mulher e suas consequentes desconstruções e críticas. Baseando-se em estudos como os de Lobo (2002) e Xavier (1999), é analisado o surgimento de uma produção de autoria feminina que foi capaz, dentro da literatura nacional, de construir uma nova identidade para a mulher e se desligar, enfim, das representações calcadas sobre a noção de gênero, já que muitas das autoras referidas deixam de estabelecer a origem dos conflitos nas relações de gênero, o que propicia um desenho identitário livre do peso da tradição. Ao ser inserida como presença e voz ativa na literatura, a mulher “desnaturaliza” a visão de um cânone tradicional centrado sobre o homem, revela a importância de valorizar as diferenças e as alteridades e se torna responsável pela revisão do passado literário e social, inscrevendo na história a participação feminina e abalando as “certezas” historicamente construídas pela perspectiva falocêntrica. É dentro desse contexto que emerge a forte relevância dos romances históricos produzidos por mulheres a partir do século XX. Essas narrativas se enquadram com facilidade nos pressupostos históricos articulados pela Nova História e se alinham aos questionamentos da pós-modernidade, principalmente no que diz respeito à impossibilidade de um acesso total ao passado.

Palavras-chave: Ficção; Autoria; Mulher; História.

GAUCHOIDES 2.0 [MODELO PARA DESARMAR]: A DESCONSTRUÇÃO DO GAUCHESCO EM TRÊS TEXTOS CONTEMPORÂNEOS

Gastón Cosentino
 Professor da Universidade Federal da Interação Latino-americana – UNILA
 cosentinogaston76@gmail.com

Resumo: Se o aspecto bufo, ou seja, a condição ambígua e tragicômica do Martín Fierro (1872), na leitura de Leónidas Lamborghini, já estava saturado na figura do gaúcho de José Hernández, aqui assistimos a uma nova série de torções que poderiam ser analisadas sob esse halo crítico. Em três textos contemporâneos: ¿Sueñan los gauchoides con ñandúes eléctricos? (2016), de Michel Nieva; em El Martín Fierro ordenado alfabéticamente (2007), de Pablo Katchadjian, e em Las aventuras de la China Iron (2018), de Gabriela Cabezón Cámara, o procedimento, o (re)armado, a subversão das personagens, ergo, do gênero gauchesco, interpela um dos imaginários medulares da tradição platina. Nestas novas produções literárias a denúncia é, antes do que mais nada, um contraponto; uma força saturada pela (re)montagem, pela (re)escrita, por uma determinante modulação de tom. Estas literaturas pós-gauchescas partem de uma incisiva defasagem dos arquétipos com a reelaboração dos seus atributos em uma série de arcos que vão da língua ao ornamento; dos cantos aos silêncios; das temporalidades às paisagens. Este trabalho se propõe ensaiar de que modo as/os autoras/es desarmam a contrapelo a gauchesca com um novo dispositivo que altera sua pretensão originária em favor de um devir outro que

afectará decididamente uma das coagulações mais transcendentais da história fundacional platina.

Palavras-chave: Gauchesca; comarca platina; literatura argentina; crítica literária.

O ASSASSINATO DO IRMÃO DE NELSON RODRIGUES E O FIM DA ERA DE OURO DO JORNALISMO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SOBRE A DESUMANIZAÇÃO DE SUA ASSASSINA, SYLVIA SERAFIM

Sergio Schargel
Universidade de São Paulo – USP
sergioschargel_maia@hotmail.com

Resumo: No dia 26 de dezembro de 1929 a jornalista e literata Sylvia Serafim entrou na redação do jornal *Crítica* e solicitou uma audiência com o proprietário, Mário Rodrigues. Mário não estava, então ela procurou por seu filho, Mário Filho, que também não estava. Entrou em um gabinete, então, com outro dos filhos, Roberto Rodrigues, ilustrador do jornal. Não se sabe ao certo o que foi dito ou feito dentro do gabinete, mas o fato é que Sylvia atirou na barriga de Roberto, que faleceu três dias depois. Também estava na redação o jovem Nelson Rodrigues, então com 17 anos, outro dos filhos de Mário. Sylvia foi motivada por uma matéria de capa do jornal *Crítica* que mostrava seu suposto adultério. O assassinato entrou à memória coletiva, e permanece mobilizando afetos e disputas ainda hoje. Desde então, Sylvia passou a ser tratada sempre como assassina, tendo sua produção literária, jornalística e política abandonada e esquecida. Ao longo desse processo, ela não somente sofreu um processo de desumanização, mas também foi apropriada pela ficção, sendo transformada em uma personagem rodrigueana, por meio de uma estética da violência e do sensacional. A proposta deste artigo é apresentar o caso do assassinato de Roberto, colocando-o em diálogo com um referencial teórico sobre jornalismo de sensações e estética da violência, em que se destacam autores como Marialva Barbosa e Vera Lúcia Follain de Figueiredo. Dessa forma, trabalhando nessas duas frentes teóricas, será possível destacar e compreender o processo de desumanização sobre o qual Sylvia Serafim sofreu, o que permitirá uma construção inédita sobre uma autora esquecida, e mesmo contribuir para um processo em curso de questionamento de exclusões do cânone.

Palavras-chave: Literatura brasileira de 1930; literatura feminista; Sylvia Serafim; Nelson Rodrigues; assassinato de Roberto Rodrigues.

O OUTRO MODERNISMO BRASILEIRO: PLÍNIO SALGADO E O INTEGRALISMO

Sergio Schargel
Universidade de São Paulo – USP
sergioschargel_maia@hotmail.com

Resumo: Há ligação íntima, e não só no caso Brasileiro, entre movimentos de vanguarda artística modernista e o nacionalismo, tomando aqui nacionalismo como fenômeno amplo, passível de aparecer sobre todas as posições políticas. No caso italiano, há a ligação entre Fascismo e o Futurismo. No Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe uma ampla gama de atores que se tornariam progressivamente influentes no ambiente não apenas artístico, mas político, nacional. Um desses, Plínio Salgado, fundou o maior movimento de matriz fascista fora da Europa, o Integralismo. Na prática, os anos seguintes à Semana de 22

representaram uma ruptura entre Oswaldo de Andrade e o Movimento Pau-Brasil, e Plínio Salgado e o seu Movimento da Anta. Tomando o Modernismo como lócus privilegiado, a proposta deste paper é explorar a relação de Plínio Salgado com o movimento modernista, mesmo em suas fases mais tardias. Neste sentido, oporá os ideais oswaldianos presentes no Manifesto Pau-Brasil com Plínio Salgado, as ideias presentes no Movimento Verde-Amarelismo e, mais tarde, no Integralismo, apontando essas distintas (re)construções do nacionalismo. Assim, será possível ampliar o estado da arte ao apontar um fragmento menos estudado dos movimentos modernistas, e a complexa relação entre modernismo, nacionalismo e fascismo, tanto na política quanto na arte.

Palavras-chave: Plínio Salgado; Integralismo; modernismo.

INTERSECÇÕES ENTRE FOTOGRAFIA E ENCENAÇÃO EM ÁLBUM DE FAMÍLIA, DE NELSON RODRIGUES

Sérgio Ribeiro Pereira

Doutorando em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – POSLING do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais –

CEFET/MG

srgio.ribeiropereira@yahoo.com.br

Resumo: A peça teatral *Álbum de Família*, de Nelson Rodrigues, censurada pela Ditadura Militar por cerca de 22 anos, desnuda a hipocrisia social, a naturalização da violência e o moralismo religioso da sociedade patriarcal brasileira na primeira metade do século XX. Neste estudo, tomamos como objeto processual de análise a montagem realizada pelo Grupo Galpão em 1990, dirigida pelo encenador Eid Ribeiro. Estabelecemos como recorte de investigação os processos criativos empregados na concepção de espacialidades cênicas e as relações transversais entre encenação e cenografia para a construção da imagética de cena. O drama rodriguiano escancara uma sociedade patriarcal autoritária, imbuída de uma moral religiosa hipócrita, que perpetua a banalização da violência e desemboca em assassinatos e suicídios. O autor, ao construir os elementos míticos de sua tragédia, justapõe as configurações imagéticas do registro fotográfico com o cinético e movente da imagética gestual da encenação dos atores, o que tensiona relações entre materialidades do espaço físico e imaterialidades do espaço ficcional. A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho iniciou-se por levantamento bibliográfico de estudos realizados em torno das peças míticas de Rodrigues, conforme classificação estabelecida por Sábato Magaldi, e segue em fase de análise da encenação mediante uma leitura de ensaio fotográfico e filmagem em vídeo do acervo do Grupo Galpão, numa perspectiva de estudos de relações interartes comparatistas que busca identificar interposições semióticas entre sistemas sígnicos que perpassam cenografia, encenação e fotografia. O registro em vídeo foi realizado com uma câmera fixa num tripé com ponto de vista a partir da plateia, utilizando enquadramento centralizado em plano geral, sem edição nem qualquer interferência de montagem. Essa opção possibilitou um olhar sobre a totalidade espacial da imagética de cena, as suas intersecções com os modos de estruturação de narrativas desencadeadas pelos dispositivos cenográficos e os efeitos de produção de sentidos na encenação. A imagética da cena do espetáculo revela elementos da estética expressionista, alternando o tensionamento entre o estático do instantâneo fotográfico e a plasticidade do movente cinético evocados pela alternância entre encenação e registro fotográfico. Uma análise preliminar da pesquisa em andamento sobre a encenação permite inferir que os processos criativos empregados nessa montagem envolveram um exercício de trabalho sinérgico entre encenador, equipe cenotécnica e elenco, o que pode estabelecer conexões com modos de criação

situados em processos colaborativos. A imagética da cena permite uma reflexão sobre a banalização da violência na sociedade atual numa perspectiva das inter-relações entre o exercício da cidadania, da propagação da cultura do ódio e do desrespeito aos Direitos Humanos. A naturalização da violência pode abrir caminho para a agudização do aviltamento e a reificação das relações de convivência. Consequentemente, isso pode contribuir para a consolidação da barbárie.

Palavras-chave: Álbum de Família; Nelson Rodrigues; Fotografia; Encenação; Naturalização da violência.

“SEMEIO SÓIS E SONS NA TERRA VIVA”: ORIDES FONTELA E VIDAS INTERESPÉCIES

Ana Carolina Sampaio Coelho
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio
ana.coelho@unirio.br

Resumo: O presente trabalho investiga de que modo as vidas interespécies, a incerteza diante da vida e os modos de regeneração da terra podem ser lidos na sua Poesia Completa (2015), de Orides Fontela. A partir de uma discussão teórica acerca do antropoceno, buscamos tangenciar a questão da emergência climática, os horrores do “capitaloceno” e como Fontela traduz a cooperação e convivência das vidas interespécies em sua obra. Discutimos como a referência à incerteza Diante da vida, bastante recorrente na obra de Fontela, pode ser lida juntamente com a proposição de Anna Tsing de que devemos “fazer das ruínas os nossos jardins”, num chamado para as Humanidades diante de um cenário global de ausência de garantias. O trabalho conta com uma discussão fomentada pelo pensamento de Anna Tsing, Donna Haraway e Isabelle Stengers, que oferecem pistas teóricas para lermos os poemas de Orides Fontela pelas chaves da heterogeneidade, multiplicidade e a presença de “espécies companheiras”. Por fim, propomos ainda uma leitura dos direitos humanos a partir do encontro e entrelaçamento com o direito das vidas não-humanas, na trilha das recorrentes presenças de plantas e animais nos poemas analisados neste trabalho.

Palavras-chave: Orides Fontela; direitos humanos; vidas não-humanas; vidas interespécies.

SILENCIAMENTO FEMININO EM *TORTO ARADO*: A NECESSIDADE DE PENSAR AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Nicole Garrido Saddi
Universidade Federal de Goiás – UFG
nicolegarridoarquiteta@gmail.com

Resumo: Com base na formulação teórica de epistemologias do Sul, do autor Boaventura de Sousa Santos, será discutido o silenciamento de mulheres no romance contemporâneo ficcional brasileiro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, em uma perspectiva decolonial. Produto direto dos efeitos opressores do capitalismo, colonialismo e patriarcado, o silenciamento feminino é, primordialmente, manifesto na obra, através das relações de poder de exploração efetuadas pelos donos da terra sobre os que a habitam, bem como pela tentativa de imposição religiosa e a violência exercida por homens contra mulheres em relações afetivas desarmônicas e violentas. A violação à dignidade humana, expressa também pela tentativa de silenciamento das lutas de mulheres no contexto particular agrário da chapada diamantina, de que trata a narrativa, remete

a uma ampla construção histórica de base hegemônica, nortecêntrica, que violenta as perspectivas confrontadoras de sua origem monocultural. Pretende-se aqui pensar a urgente necessidade da validação das vozes de lutas e saberes das mulheres que sofrem e resistem às injustiças produzidas por esta hegemonia, como meio de produção de conhecimento emancipatório das ideias de dignidade humana.

Palavras-chave: Epistemologias do Sul; decolonialismo; patriarcado; capitalismo; colonialismo.

SENHOR DAS MOSCAS: UMA LEITURA SOBRE PERDAS

Giovanna Cordeiro Saldanha Braga
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
giobraga1305@live.com

Andrea Teresa Martins Lobato
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
andreatmlobato@gmail.com

Resumo: Podemos dizer que, dentro do universo literário, as obras desse conjunto não são tidas apenas como mero amontoado de palavras com algum sentido final. O intento da literatura, assim como a obra de arte em geral, é visto, também, como uma maneira de contribuir para a formação do humano, através da demonstração de situações e perspectivas singulares, por vezes, distante da realidade do leitor, seja em época ou por questão de vivências. Assim, nosso projeto consiste em fazer uma leitura da obra *Senhor das Moscas* de uma maneira que o enredo possa ser compreendido como uma literatura de perdas, com a distribuição de momentos trágicos anteriores à própria tragédia final. William Golding, autor de *Senhor das Moscas*, fora professor colegial e utilizou seus alunos como uma forma de projeto: em dados momentos, verificou como as crianças agiriam sem a presença de regras e de adultos a fim de visualizar como seria o resultado, e, ao contrário de Rousseau, Golding acreditava que não éramos bons selvagens. Os personagens de *Senhor das Moscas*, e destacamos oportunamente Ralph e Jack, são inicialmente seduzidos pela situação aparentemente utópica em que se encontram: sozinhos, numa ilha deserta, sem adultos, apenas na companhia de outras crianças em virtude de um acidente aéreo, cujos sobreviventes são os personagens da obra. Ralph e Jack, protagonistas, vivenciam interiormente um sonho, já que estavam livres para criar as regras que desejassem e viver tal como queriam. Todavia, logo no início são verificados problemas típicos de quem se encontra isolado em um local desconhecido, com o destaque de que são crianças: viver é mais complexo que se imagina, e exige mais do que se pensa. Alimentação, moradia, conforto, abrigo contra o calor e o frio, inseguranças e medos são alguns dos problemas que devem enfrentar, sem que os personagens percebam que, desde que o avião caiu, iniciou-se a jornada de perdas: a perda da Inglaterra, terra natal das crianças, dos pais, da vida usual, e, o que é pior: da inocência e civilidade. Perder é algo comum, diário; algumas perdas são maiores que outras, tal como vemos ao verificar a perda de uma vida e a perda do horário de uma prova. Contudo, perder bruscamente o que era o pilar de suas vidas, que é o caso das crianças, é, conseqüentemente, o início de uma jornada de perdas sucessivas, perdas que afetam a vida para além daquele momento. Será que há recuperação para uma perda tão dolorosa, como da sua própria civilidade? Ou será que conseguimos seguir adiante, mesmo com pouca idade, carregando consigo a responsabilidade de um homicídio, por exemplo? Como podemos lidar com sucessivas perdas traumáticas e retornar à sociedade? Como lidamos com a questão da perda em nossas vidas? São respostas que não temos, mas intentamos provocar a reflexão,

através de Senhor das Moscas, como as nossas escolhas e as perdas que sofremos afetam a ontologia do ser, sendo uma circunstância tanto formadora como destruidora do humano.

Palavras-chave: Literatura; Senhor das Moscas; Perda; Ontologia.

**ENTRE O DESATINO DA RAZÃO E A RASURA DA VIDA:
O MONGE NEGRO DE TCHÉKHOV**

Wellington Ribeiro da Silva
Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina – UEG
wellington.silva@ueg.br

Keila Matida de Melo
Faculdade de Educação/Universidade Federal de Goiás – FE/UFG
k_mcosta@ufg.br

Resumo: A novela *O Monge Negro*, de Antón Pavlovitch Tchékhev (1860-1904), reúne vários elementos da constância do grande escritor russo, além de permitir lançar o leitor rumo a temas que ganharão mais destaque no curso do século XX, tais como: os novos predicados da loucura, ora derivados dos estudos freudianos e lacanianos acerca da relação sintoma/cura/terapêutica; o problema da estética do homem/mulher saudáveis, coroando o projeto de massificação cultural da sociedade burguesa, envolvendo no mesmo torvelinho a identidade vetusta do intelectual e a contraface “benquista” dos cidadãos normais. Escrita em 1893, e publicada no ano seguinte, em *O Monge Negro*, assim como na maioria de seus contos, Tchékhev apresenta de chofre a questão crucial que move toda a narrativa, no caso, a loucura. Andrey Vasilievich Kovrin, um intelectual, sequioso de ascendência acadêmica e reconhecimento dos seus pares, descobre a partir de desconfiança pessoal e do olhar clínico de um amigo médico que “sofreu um esgotamento que lhe arruinou os nervos”. O mesmo recomenda-lhe a típica solução *fin de siècle* para tais casos: a evasão do agito urbano e consoante repouso n’alguma aprazível charneca. Mas, pela segunda e não última vez, a mão do acaso, matéria-prima das ficções curtas de Tchékhev, desloca-o da estada solitária e o faz aceitar o convite de um tutor de longa data, o Sr. Iegor Semionovitch Pessotski, famoso horticultor e pai de Tânia Pessotski, então descrita pelo narrador como uma menina mirrada, pálida, entretentes o leitor toma ciência de que entre ambos existia afeto e admiração, sobretudo da parte da moça. Uma vez instalado na herdade dos Pessotski, Kovrin continua reproduzindo sua vida urbana, trabalhando incessantemente, dormindo pouco e parcialmente afeiçoado ao esquadrinhamento da natureza regido pelos anfitriões nos pomares e no horto. Assim, o espetáculo de cores e a vivacidade dos pássaros contrasta com a monotonia das podas e o pragmatismo do controle de pragas e escolha de adubos. O encontro com a figura fantasmática do monge negro não encerra a trama no terreno dos efeitos deletérios causados pela tuberculose, da qual era acometido, como delírios, alheamento e o espelhamento, *ad infinitum*, de imagens, mas laboratório para que o próprio Tchekhov, que também era médico, aborde tema caro à modernidade: o normal e o patológico. O casamento com Tânia é presumível, apesar de pouco valorizado pelo protagonista que se enche de alegria a cada conversa com o monge. O ápice da narrativa se dá no momento em que Kovrin, após rigoroso tratamento de saúde à base de brometo, descanso e leite, descobre-se curado e infeliz. Sua separação, nada traumática ao leitor tchekhoviano, só reforça a polêmica crítica aos desatinos da razão quando premedida pela rasura da vida.

Palavras-chave: *O Monge Negro*, Tchekhov, loucura, razão.

LITERATURA E RESISTÊNCIA: *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ, E A MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO CEARENSES

Matheus Silva Vieira
Scuola Superiore Meridionale di Napoli
matheus.svieira91@gmail.com

Mariana Augusto Bandeira
Universitat de València
mariana.bndr@gmail.com

Resumo: Esta comunicação objetiva discutir os dilemas sociais vivenciados por migrantes nordestinos durante a seca de 1915, a partir do romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Nossa pesquisa se baseia inicialmente na Teoria Crítica do Direito, disciplina aberta ao diálogo com outras áreas do conhecimento, como História e Literatura. Como fundamentação teórica também temos como referência os estudos de Literatura Comparada, levando em consideração que as categorias estéticas movidas por Queiroz na construção de seu romance são essenciais para a compreensão dos dramas sociais das personagens, afinal, uma obra literária não nasce no vácuo, nem é desconectada de seu momento histórico. A criação de Queiroz representa uma resistência ao apagamento histórico e descortina nuances que cercam a construção de campos de concentração existentes em Fortaleza, e que objetivavam frear o fluxo migratório em direção à capital cearense, em fins do século XIX e inícios do século XX. Nossa apresentação, levando em consideração o impacto social e literário da obra, será dividida em três partes: 1) discussão histórico-literária e contextualização do romance; 2) análise teórica e jurídica dos fatos históricos que cercaram a produção do referido texto literário; 3) interpretação das normas jurídicas e suas consequências sociais para os migrantes.

Palavras-chave: Direito; Literatura; *O Quinze*.

LUIS ROMANO E A DIMENSÃO POLÍTICA DA SECA

João Luiz Xavier Castaldi
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP
joaocastaldi@usp.br

Resumo: No presente trabalho pretende-se apresentar a obra *Famintos* (escrita em Cabo Verde entre 1944 e 1946, mas publicada apenas em 1962, já em terras brasileiras), do escritor Luis Romano Madeira de Melo. O autor, cabo-verdiano que esteve na mira da Polícia Internacional e de Defesa do estado, a PIDE – órgão repressor do regime salazarista que atuava nas colônias portuguesas, mais tarde chamadas províncias ultramarinas –, radicou-se no nordeste do Brasil, onde encontrou diversas semelhanças com sua terra de origem. Romano era vinculado ao PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), grande defensor do uso do idioma cabo-verdiano, e é notória sua importância como divulgador de outros autores e pesquisador das tradições cabo-verdianas. *Famintos*, o livro que analisamos nesse trabalho, é a única narrativa longa deixada pelo autor, e aborda um tema frequente na literatura cabo-verdiana de meados do século XX: a seca e seus produtos – fome, miséria, emigração – para a população do arquipélago, em grande medida dependente da agricultura. Contudo, o romance legado por Romano destaca-se por sua abordagem mais direta, e muito mais politizada, quanto

comparado a outras obras do mesmo período. Parece-nos que o autor em questão, mais do que em ser aprovado pela censura vigente ou em fazer um retrato sentimental ou palatável da estiagem, estava interessado em denunciar a exploração premeditada do camponês pela elite, a passividade do miserável estimulada pelo clero, o silêncio imposto pela Metrópole, os contratos de trabalho análogos à escravidão, e outras práticas acentuadas durante a ausência das chuvas em boa parte da década de quarenta. Alinhada a essa postura combativa, a linguagem usada pelo autor subverte o português literário e se assume mais livre e genuína, característica sobre a qual também pretendemos nos debruçar.

Palavras-chave: Luis Romano; Literatura cabo-verdiana; Literatura engajada.

MINHA CASA É ONDE ESTOU: OS SENTIDOS DA MIGRÂNCIA NA OBRA DE IGIABA SCEGO

Lívia Verena Cunha do Rosário
Universidade Federal Fluminense – UFF
liviaverenac@gmail.com

Resumo: “Eu sou uma encruzilhada”, afirma Igiaba Scego em sua autoficção *Minha casa é onde estou* (2018). A intersecção de identidades, países e nacionalidades marcam a trajetória da autora-personagem; filha de refugiados somalis e nascida na Itália, Igiaba questiona e é sempre questionada sobre sua origem: africana ou italiana? Fato é que a obra de Igiaba Scego, particularmente o romance objeto deste estudo, provoca muitas reflexões sobre o tema que autores como Chamoiseau (2017) afirmam ser central para compreender o século XXI: o desenraizamento. Assim, o objetivo principal deste trabalho é discutir os sentidos da migrância a partir do romance *Minha casa é onde estou*, já que na obra Scego parte da tentativa de remapear a trajetória de sua família na diáspora somali, ao mesmo tempo em que reflete sobre o sujeito-migrante-negro-africano na Europa, mais especificamente na Itália, país que ainda nega seu passado colonial. Cidadã italiana, mas muitas vezes tratada como estrangeira, Igiaba representa os conflitos daqueles que nascem ou vivem no exílio, condição amplamente retratada por autores como Hall (2003), no entanto, a autora o faz associando ainda gênero e raça às questões das mobilidades contemporâneas, sobretudo em um país central para pensar a crise humanitária dos refugiados. Entre Roma e Mogadíscio, entre a língua italiana e a língua somali, entre novas e antigas formas de controle da circulação de pessoas, pretende-se então discutir os sentidos da migrância através de três pontos da obra: memória e espacialidade; políticas de hostilidade; contar é resistir.

Palavras-chave: Migração; Itália; Somália; Pertencimento; Racismo.

NO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO O CONFRONTO DO VENCEDOR

Eliane Cristina Chieregatto
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
elianechieregattotga01@gmail.com

Resumo: Ao fundamentar a teoria acerca do dialogismo, Bakhtin (1990) defende que a constituição plurilinguística do romance se estabelece por meio de redes de relações que o gênero constitui com outros gêneros e vozes firmando com isso uma base comunicativa que dialoga com a realidade histórica e cultural das épocas. Todo enunciado, segundo o teórico, nasce vinculado ao que foi proposto por outros, a formulação de novos discursos surge, muitas

vezes, como pretensão de resposta a tais proposições. O dialogismo, estaria, pois, assentado sob a base desse entendimento. Para o teórico, o que torna o discurso romanesco essencialmente dialógico é justamente o entrelaçamento de apreciações, ideias, entonações de outros. Considerando essa conjectura, o que propomos nessa apresentação é uma análise sobre possíveis imbricações entre o romance *O homem binário e outras memórias da Senhora Bertha Kowalski* de Eduardo Mahon (2017) e distopias do século XX tais como *Admirável Mundo novo* de Aldous Huxley e *1984* de George Orwell.

Palavras-chave: Distopia, romance, dialogismo.

NOTAS PARA (RE)LER "FLAUSI-FLAUSI", DE DALTON TREVISAN

Katherine Funke
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
funkeaovivo@gmail.com

Resumo: Resultado parcial da tese de doutorado "Erra outra vez: Dalton Trevisan com Katherine Mansfield" (UFSC), esta comunicação vai explorar as novas possibilidades de leituras da obra de Dalton Trevisan (1925-) abertas pela discreta e talvez estratégica convocação feita pelo autor em seus dois últimos livros, ambos de 2014, ao destacar a presença de Katherine Mansfield (1888-1923) em sua obra por meio da reescrita do conto "Flausi-Flausi", originalmente publicado em 1947. O que significa essa reparação, ou melhor, o que coloca em movimento? Nas diferenças entre as versões desse e de outros textos (pois Dalton costuma usar o procedimento da repetição), o que há de diferente não só entre um e outro, mas na própria forma de operar essa máquina da diferença (DERRIDA)?

Palavras-chave: Dalton Trevisan; Katherine Mansfield; conto; Flausi-Flausi; futuro.

O BESTIÁRIO DE *QUATRO SOLDADOS*, DE SAMIR MACHADO DE MACHADO

Luiza Prates dos Santos
Aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, na linha Literatura, Cultura e Tradução – UFPel
lupsprates@gmail.com

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar o bestiário como um dos aspectos abordados na obra *Quatro Soldados* (2017), de Samir Machado de Machado. Partindo da perspectiva da narrativa fantástica, é possível analisar essa manifestação enquanto uma abordagem que constitui um dos gêneros literários mais antigos da literatura e atravessa sua história, chegando à contemporaneidade e resgatando parte da construção do imaginário regional, perpassando os mitos e lendas que constituem o que conhecemos como folclore. *Quatro Soldados* (2017) é uma obra de ficção que apropria-se de determinados aspectos de diversos gêneros narrativos, sendo considerado um romance historiográfico que incorpora elementos fantásticos, ampliando a concepção da obra para uma narrativa de imaginários. Ambientada no final do século XVIII, e, também, final do período colonial no Brasil, a obra se estabelece na região sul do Brasil, apresentando a cena missionária durante a guerra guaranítica, um dos períodos mais sangrentos da história dos povos nativos do que hoje compreendemos como Rio Grande do Sul. Apesar da dureza do cenário em que se constitui a obra, seu desenvolvimento se dá de uma forma fantasiosa, que utiliza de recursos cômicos, satíricos, irônicos e fantásticos, escolhidos para uma exposição em primeiro plano, sem deixar de criticar

o passado em que se faz presente nas lembranças de figuras como Sepé Tiaraju. Subdividido em quatro livros, a narrativa que é toda criada pelo narrador da obra, Andaluz, a obra apresenta em cada uma de suas partes um animal fantástico que se destaca, sendo eles: Boitatá, Jaguarão, Anhangá e Mula-sem-cabeça. Como dito anteriormente, este estudo ampara-se na teoria da literatura fantástica, que tem como principal característica o cruzamento entre a realidade e um elemento estranho. De acordo com Tzvetan Todorov, "o fantástico se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor - um leitor que se identifica com a personagem principal - quanto à natureza de um acontecimento estranho." (TODOROV, 2014, p. 166) e é justamente a partir desse estranhamento que identificamos esses elementos que fogem da lógica e de uma explicação racional. Os seres já apresentados, participam da narrativa de forma ativa e são identificados pelos próprios personagens, quer seja uma situação de confronto, de avistamento ou mesmo de comunicação. Essas aparições são bastante dinâmicas e têm destaque em cada um dos livros nos quais participam. O Jaguarão é um animal domesticado, o Boitatá é derrotado em seu próprio habitat e o Anhangá conversa com um dos personagens. A Mula-sem-Cabeça difere dos outros por ser uma encenação, na verdade é uma égua que teve sua cabeça decepada e lhe atearam fogo, fazendo-a correr por um vilarejo, causando o avistamento e a conclusão de que sim, era o ser mítico. Através desta comunicação, busca-se dar ênfase para a presença das construções do imaginário na literatura contemporânea e da mesma forma, dar visibilidade à literatura que busca resgatar as lendas originárias de um Brasil anterior aos processos de dominação, ainda que esse imaginário tenha sido transformado pelo olhar estrangeiro.

Palavras-chave: Literatura Fantástica; Imaginário; Folclore; Bestiário.

LITERATURA E FUTEBOL NO BRASIL – DOS PRIMÓRDIOS AOS DIAS ATUAIS - ROBERTO DRUMMOND E O TRAUMA DE 1977: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO TORCEDOR DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO.

Felipe Emanuel da Silva Costa

Graduando em Letras – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Graduado em
História – Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH
felipeemanuel847@gmail.com

Resumo: O futebol, como um dos principais fenômenos culturais do Brasil, tornou-se ao longo do século XX e início do século XXI objeto de interesse das mais diversas manifestações populares e artísticas, seja por questões de ordem estética, seja pela relação que o futebol estabelece com a história e a memória cultural do país. Poetas, escritores, jornalistas, pintores, arquitetos, escultores, músicos e cineastas procuraram – e têm procurado –, cada um a seu modo, prestar seu tributo a esse fenômeno, contribuindo decisivamente para a formação da identidade nacional da população em torno de uma de suas maiores paixões, culminando com o que Nelson Rodrigues denominou emblematicamente de “a pátria em chuteiras”. Se muito já se escreveu e ainda se escreve sobre futebol e literatura no Brasil, algumas questões permanecem incontornáveis: como se estabeleceu essa relação do início do século XX aos dias atuais? Que escritores se enveredaram ou se enveredam pelas sendas do futebol? Quais são os principais desafios que eles enfrentam ao investirem em tal empreitada? Como registrar em palavras o que é da ordem do corpo em movimento? Que gêneros literários acolhem de bom grado o esporte bretão naturalizado brasileiro? A partir dessa perspectiva, o presente projeto visa a contribuir para o debate sobre a presença temática significativa do futebol no âmbito da Literatura Brasileira, dos primórdios aos dias atuais, produzindo, para isso, um amplo inventário das principais obras a partir do acesso a diversas fontes (acervos, arquivos,

publicações, sites etc.). O objeto do estudo ora proposto para desenvolvimento de pesquisa em nível de Iniciação Científica Voluntária como subprojeto do projeto “Literatura e Futebol no Brasil – dos primórdios aos dias atuais”¹ será, justamente, a relação entre literatura e futebol em crônicas do escritor mineiro Roberto Drummond, autor de célebres romances, entre outros, *Sangue de Coca Cola* (1980), *Hitler manda lembranças* (1984) e *Hilda Furação* (1991). Torcedor declarado do Clube Atlético Mineiro, Roberto Drummond publicou uma série de crônicas que relacionam a história do time alvinegro e o caráter identitário do torcedor do clube, incluindo um de seus momentos mais trágicos: a perda do título brasileiro em 1977. Em termos gerais, nosso objetivo principal é promover, estimular e desenvolver a formação, no âmbito da Graduação, de aluno pesquisador na área de Letras, proporcionando-lhe a aprendizagem de técnicas e métodos pertinentes à área, e preparando-o adequadamente para a Pós-Graduação. Em termos específicos, buscamos (1) promover uma análise de crônicas de autoria de Roberto Drummond sobre o Clube Atlético Mineiro; (2) contribuir para os estudos da relação entre futebol e literatura no campo da Teoria Literária; (3) refletir de maneira crítica sobre a relação entre futebol, literatura e sociedade.

Palavras-chave: Literatura; Futebol; Sociedade; Atlético Mineiro.

PELA AMÉRICA LATINA: A REVOLUÇÃO POLÍTICA E CULTURAL DE VERSUS

Mariana Link Martins

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel
marianalinkk@gmail.com

Resumo: Pretende-se, nesta comunicação, apresentar algumas reflexões sobre *Versus*, um importante jornal alternativo que circulou durante a ditadura militar brasileira, entre 1975 e 1979. Fundada pelo gaúcho Marcos Faerman a partir de um projeto político-cultural inédito e revolucionário que assumia a América Latina e a colocava como o tema central de suas edições, a publicação elaborada em São Paulo denominava-se como um “um jornal de aventuras, ideias, reportagens e cultura”. Com seu caráter de oposição e resistência, *Versus* reivindicou em suas páginas a liberdade dos povos latino-americanos e o fim das ditaduras instauradas nos países do Cone Sul, assim como defendeu os direitos humanos e denunciou a tortura. Um jornal à esquerda, criado a partir de uma consciência crítica e democrática, que construiu, desde seu início, uma rede de conhecimento latino-americano, um intercâmbio entre o Brasil e o restante da América Latina, clamando a identidade latina da nação brasileira. Nos seus 39 números publicados, entre edições normais e especiais, encontram-se narrativas ficcionais, principalmente dos heróis da esquerda, poesias, histórias em quadrinhos, pinturas, desenhos, entrevistas, ensaios críticos, entre outras manifestações que permitiam empregar uma linguagem literária e subjetiva, a marca registrada de *Versus*. Com um projeto estético muito rico e original, a beleza de suas edições chamava a atenção dos leitores, o que, atrelado ao seu conteúdo, resultou em uma vendagem intensamente alta, chegando a vender cerca de 35 mil exemplares por edição no ano de 1977. Diante de tais considerações, é possível perceber a importância do jornal fundado por Marcos Faerman para a história brasileira e latino-americana, tanto na dimensão política, devido ao seu papel frente à ditadura militar, como pela perspectiva cultural. *Versus* foi um importante instrumento literário e artístico, que difundiu as mais diversas manifestações, priorizando especialmente aquelas desconhecidas pelos brasileiros,

sendo responsável, em certo ponto, pela apresentação de autores de outras partes do subcontinente. Portanto, a intenção deste trabalho é destacar a posição precursora de Versus, demonstrando como sua intervenção foi significativa, sobretudo, no cenário político-cultural do Brasil. Para tanto, o estudo parte das noções teóricas de Bernardo Kucinski (1991), Maria Paula Araújo (2000) e Regina Crespo (2011; 2018).

Palavras-chave: Versus; imprensa alternativa; resistência cultural.

RELAÇÕES INTERESPÉCIES: APRENDIZADOS DE HUMANIDADE NA POÉTICA DE CLARICE LISPECTOR E GUIMARÃES ROSA

Angela Maria Guida

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
angelaguida.ufms@gmail.com

Kauã Matheus Nunes Pardal

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
kauamath35@gmail.com

Resumo: Em 2021, um documento elaborado pela ONU assumiu que cuidar do meio ambiente também é um direito humano e incluiu na pauta dos direitos humanos a preocupação e cuidado com outras formas de vida que habitam a Terra, ou seja, humano, animal e natureza não devem ser pensados separadamente. Essa postura inédita, por parte da ONU, corrobora o que o filósofo australiano, Peter Singer, vem dizendo desde a década de 1970 – que a libertação animal também é uma libertação humana. Na literatura de Clarice Lispector e de Guimarães Rosa esse recado também já vem sendo dado há muito tempo, por meio do protagonismo de seus personagens do reino animal e vegetal, como pode ser visto, por exemplo, na novela de Rosa – O recado do morro – em que a voz poética determinante da narrativa é a de um morro. Assim, com esta proposta de trabalho, pretendemos discutir as relações interespecies (Haraway) como possibilidades de aprendizado de humanidade, a partir do encontro com os textos literários de Clarice Lispector e de Guimarães Rosa, os quais nos dão preciosos exemplos de exercícios de alteridade. Vamos conferir especial atenção às narrativas “Morte de uma baleia” (A descoberta do mundo) e “Tapiiraiaura” (Tutameia). Ademais, pautados no pensamento vegetal de Evando Nascimento e nas reflexões acerca da animalidade de Maria Esther Maciel, pensaremos no diálogo literário-científico-filosófico enquanto uma porta para repensar conexões entre os seres vivos humanos e não humanos no Antropoceno, dando especial atenção para a capacidade de sensibilização presente em obras como as de Lispector e de Rosa. Assim, poderemos evidenciar como o pensamento antropocêntrico tem culminado no afastamento do homem da Terra enquanto Gaia e, por conseguinte, erguido mais uma barreira para a garantia dos direitos humanos.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Guimarães Rosa; alteridade; direitos humanos; antropoceno.

REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NO ROMANCE *A ÚLTIMA PORTA*, DE ELISA LISPECTOR

Alínice Alves Jardim
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
alinicelopes@gmail.com

Resumo: Este trabalho integra o projeto de pesquisa do Mestrado em Letras/ Estudos Literários, por meio do Programa em Pós-Graduação em Letras/PPGL, da Universidade Estadual de Montes Claros. O objeto de pesquisa é a análise dos dilemas da maternidade nos romances *O muro de pedras* (1963) e *A última porta* (1975) da escritora Elisa Lispector. Neste resumo, examina-se, entre outros aspectos, a experiência da personagem Ana com a maternidade no romance *A última porta* (1975) da referida escritora com o objetivo de verificar alguns dos dilemas vividos pela mulher acerca da maternidade, pois a maternidade era o destino inexorável de todas as mulheres, educadas para serem mães e cuidarem de seus maridos e casas, para amar, obedecer e manter a casa em ordem: este é o mundo feminino na sociedade patriarcal. A personagem feminina, protagonista dessa narrativa, com suas características subjetivas e seus posicionamentos diante da sociedade e de si mesma, carrega os arquétipos de gênero que envolvem a maternidade e o papel social reprodutivo atribuído à mulher. Este estudo foi desenvolvido a partir da releitura do referido romance e da leitura bibliográfica acerca da história social da mulher e da maternidade conceituadas pelas historiadoras Michelle Perrot (2007) e Mary Del Priore (2009), da filósofa Elisabeth Badinter (1985), caracterizando, portanto, como qualitativo e bibliográfico. Ana é uma mulher casada que deseja ser mãe, e que por questões biológicas via-se impedida. Na tentativa de suprir essa falta, na busca de dar sentido ao ser mulher e de sua completude, enquanto mulher, Ana adota Marcelo. Com o passar do tempo, o filho passa a tratar a mãe com indiferença e desamor, procurando-a somente para extorqui-la. Tudo isso frustra as expectativas de maternidade criadas pela mulher que passa a duvidar do amor entre si e o filho. Certamente, a maternidade por si só, não conseguiu sustentar a felicidade, amor próprio e realização pessoal para essa personagem, possuindo diversas e adversas implicações da herança histórica impostas ao gênero, e que a narrativa coloca em questão pelo protagonismo feminino que busca adequação a um papel social e seus efeitos individuais pela não correspondência ao esperado. Portanto, a pesquisa em andamento demonstra que a afirmativa de que para uma mulher se realizar é necessário ser mãe não é aplicável a todas as mulheres, uma vez sempre haverá dilemas este elemento que acompanha as mulheres por toda a vida.

Palavras-chave: Adequação social; Elisa Lispector; Idealização; Maternidade; Mulher.

UM OLHAR DECOLONIAL PARA A SEMANA DE 22

Emilly Reis Cordeiro Santos
Graduanda de Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de
Santana – UEFS
emillyreis9@gmail.com

Resumo: A proposta deste trabalho é tecer reflexões sobre a Semana de Arte Moderna em 1922 e seus desdobramentos, bem como capturas de uma arte ocidental para determinados povos. Com isso, proporcionar narrativas e aguçar pensamentos críticos a partir da construção do movimento, tal como ele repercutiu para a formação da identidade cultural brasileira. Logo,

propor novos olhares e novas narrativas para uma reconstrução. Bem como, trazer discussões acerca do Modernismo em sua composição nacional e reais influências.

Palavras-chave: Modernismo; Decolonial; Identidade; Cultura.

SOCIEDADE, PODER E FICÇÃO: CONCEPÇÕES SOBRE AS DESIGUALDADES SOCIAIS E RACIAIS NO LIVRO “O SOL É PARA TODOS”, DE HARPER LEE

Francisca Cibele da Silva Gomes

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI

cs6445758@gmail.com

Resumo: O presente artigo possui como objetivo de estudo as implicações e reflexivas sobre gêneros, desigualdade social e discriminação racial constituintes da sociedade fictícia Maycomb, no Estado do Alaba (Estados Unidos da América) descritas pela personagem infantil chamada Scott que viveu na região na década de 1930. A história tem como pano de fundo as percepções e inquietações que permeavam um contexto profundamente marcada pelo racismo, pobreza e violência típicas da depressão criada com a Crise Econômica de 1929 que provocou o colapso econômico estadunidense e mundial. Assim como as reflexões da própria autora, Harper Lee, que escreveu o livro na década de 1960, período eferescente em mobilizações políticas em torno da igualdade e do acesso a cidadania para todos sem a segregação espacial e ideológica. Nessa conjuntura, tem-se como problemática como as minorias sociais foram abordadas na produção literária? E quais representações e construções segregacionistas que fizeram parte do enredo? Tendo como objetivo geral analisar as perspectivas representadas pelos personagens acerca da discriminação, violência e segregação que faziam parte do contexto literário. Como objetivos específicos têm-se intento em descrever a estrutura segregacionista presente na sociedade fictícia, especificar os olhares infantis criados e produzidos acerca da igualdade e abordar como as percepções da humanidade que foram reformuladas e desconstruídas a partir do conflito com as imposições do senso comum adulto. A metodologia consistiu em uma pesquisa bibliográfica composta pelos autores: Hooks (2017), Rivena (2020), entre outros que foram consultados na análise das abordagens sociais, políticas e culturais da sociedade fictícia, mas também foi feito um estudo do universo literário, dos seus personagens e das suas críticas a realidade. Nessa conjuntura, os fatores discriminatórios foram utilizados para justificar a expressão do medo e violência sob as camadas sociais minoritárias, mas sobretudo para manter uma estrutura que impõem uma soberania branca, masculina e ideologicamente aceita com naturalidade em detrimento da diversidade. Mesmo assim, o livro conseguiu incitar diversas leituras acerca da liberdade, igualdade e respeito que enfoca um mundo para todos e não apenas para justificar uma segregação necessária a manutenção dos privilégios e a custo do sufocamento e aprisionamento dos grupos não excluídos. Fazendo uso dos olhares da infância para criticar a postura dos adultos e seus padrões segregacionistas como sendo reforços da exclusão, intolerância e violência.

Palavras-chave: Literatura; Sociedade; Minorias Sociais.

LITERATURA E SOCIEDADE NAS DISTOPIAS: UMA ANÁLISE DE 1984, DE GEORGE ORWELL

Leon Vieira Bentolila
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
leonvieira6@gmail.com

Resumo: Este trabalho está voltado para a relação entre literatura e sociedade nas obras distópicas, com o objetivo de analisar o funcionamento desta relação, a partir da análise de alguns elementos da distopia de George Orwell, 1984. Para isso, realiza-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, com base em autores como as de Candido em seu Literatura e Sociedade, Lukács, em A Teoria do Romance, Goldmann com Sociologia do Romance, dentre outras obras. Conclui-se que, embora tematizem um futuro distópico, as obras deste gênero não imaginam estes futuros de um lugar inexistente, mas sim com base nas sociedades existentes, satirizando sua configuração totalitária, ironizando sua pseudodemocracia e até apontando para possibilidades futuras de estados totalitários ainda mais castradores e violentos e, portanto, podemos notar que as distopias servem como importante instrumento literário de análise e crítica da sociedade contemporânea. Logo, a partir da abordagem do estado totalitário e suas características na obra, correlacionadas com o contexto da época de publicação – 1949 – notamos que George Orwell satiriza os governos que fizeram parte do auge do totalitarismo no mundo, nas décadas de 1920 e 1930, especialmente o nazismo na Alemanha, o stalinismo na Rússia e o fascismo na Itália. Verifica-se, ainda, que Winston, o protagonista do romance, é um herói problemático, pois vive em desacordo com seu mundo e, ao tentar mudar essa circunstância, sofre as punições do estado violento no qual vive, acabando por ceder à tortura e se tornar passivo aos desmandos deste estado, provando que, mesmo o cidadão mais consciente é obrigado a ceder ao controle social imposto pelo estado totalitário, para sobreviver. **Palavras-chave:** Distopia; literatura e sociedade; 1984; crítica social.

O LIMIAR UTÓPICO: UMA ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO DA UTOPIA AFROFUTURISTA EM “PELE DE EMERGÊNCIA” DE N.K JEMISIN

Millena Cristina Silva Portela
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
lennieportela@gmail.com

Profa. Dra. Maria Aracy Bonfim
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
aracybonfim@gmail.com

Resumo: A prática de imaginação de ideais não é uma especialidade da contemporaneidade. Muito antes da era da revolução tecnológica, importantes obras da literatura já narravam perspectivas de construção de sociedades melhoradas, de países imaginários, de cidades idílicas e espaços de ordem e felicidade. Arcádia, o Jardim do Éden, a cidade do Eldorado, a Utopia de Thomas More, entre outros diversos exemplos de narrativas de ideais revela que, quando se trata de utopias, o nosso imaginário é rico em referências. Tais referências, talvez, tenham impulsionado até mesmo marcos que trouxeram poderosas mudanças que influenciam até os dias de hoje, como foi o caso das grandes navegações, que, em busca do sonho do ideal do novo mundo deram início a processos como a colonização, a globalização, e posteriormente o que veríamos compreender como a modernidade, essa que também pode ser apontada como um

projeto que parte de um ideal utópico de transformação social, econômica, artística, humana. No entanto, enquanto os processos posteriormente apontados podem ser considerados positivos quando encarados por meio da ótica da lógica branca, ocidental e europeia, em outras perspectivas não tão populares, estes processos produziram resultados violentos, como é o caso da escravidão de pessoas pretas. A máxima “a utopia de uns é a distopia de outrem” nunca foi tão verossímil. Pelos motivos supracitados, pensar em narrativas de ideais e esperança quando se trata da perspectiva de sujeitos pretos é um exercício complexo e não tão praticado quando comparado as narrativas de opressão, catástrofe, tragédias e violências tão comuns no imaginário e na literatura preta. O Afrofuturismo é um movimento resposta à necessidade de criação de imagens de vida e esperança, à necessidade de criação de utopia para sujeitos que já experienciam a distopia muito antes desta se tornar o gênero da experiência pós-moderna. É um movimento de exploração dos limites impostos pela própria ordem do mundo real. Mas, como se dá a produção dessas utopias? Será mesmo que, defronte as forças ancoradoras da experiência dos sujeitos pretos com as violências do cotidiano, há sentido em criá-las? Uma vez produzidas, o que as difere das utopias tradicionais? Para responder a esses e outros questionamentos, objetivamos analisar a perspectiva literária de utopia preta presente no conto “Pele de Emergência” de N.K Jemisin, com o intuito de entender como esta se assemelha e/ou difere da utopia tradicional e, assim, expor as configurações da utopia afrofuturista. Para esse propósito buscamos nas contribuições teóricas, estudos e apontamentos de Raymond Williams (1978), Zygmunt Bauman (2000), David Harvey (2008), Marilena Chauí (2008), Ytasha L. Womack (2013) e Alex Zamalin (2019) os aportes necessários para a compressão de modernidade, pós-modernidade, ficção especulativa e utopia afrofuturista, pilares que sustentam a nossa análise e reflexão.

Palavras-chave: Literatura; Ficção Especulativa; Utopia; Afrofuturismo; Pós-modernidade.

O DIREITO À LITERATURA E O IMAGINÁRIO NORDESTINO: UMA ANÁLISE DA ILUMINOGRATURA INFÂNCIA, DE ARIANO SUASSUNA

Alysson Jorge Alves de Andrade
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
alysson-1997@hotmail.com

Alba Valéria Niza Silva
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
albavniza@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho intitulado “O Direito à Literatura e o Imaginário Nordeste: uma análise da iluminogratura Infância, de Ariano Suassuna” tem como objetivo analisar as relações do direito à literatura com o imaginário nordestino presente na iluminogratura Infância, de Ariano Suassuna. Este trabalho justifica-se pela intenção de divulgar as manifestações do imaginário nordestino na iluminogratura já referida, e como ela é importante para a exteriorização artística, política e social. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica crítica-teórica e, como principais fundamentos, baseamo-nos em estudos de Antonio Candido (1998), Carlos Newton Júnior (1999; 2008), Ariano Suassuna (2008), Albuquerque Júnior (2001; 2013) Alba Valéria Niza Silva (2009), Luzia de Maria (2009), José Maria Tavares Andrade (2013) e Ester Suassuna Simões (2017). Segundo Alba Valéria Niza Silva (2009), as publicações e trabalhos de Ariano Suassuna não se resumem apenas aos seus romances ou teatros, ele também enveredou pelos caminhos da poesia, com os trabalhos nomeados de Sonetos com mote alheio e Soneto de Albano Cervonegro, de 1980 e 1985 respectivamente. As

chamadas iluminogravuras, de acordo com Carlos Newton Júnior (1999), são nomeadas assim porque resulta da iluminura medieval com os processos modernos de gravação com papel, e integram o importante Movimento Armorial cujo seu fundador é Ariano Suassuna. O movimento armorial teve o objetivo de criar uma arte erudita brasileira alicerçada nas raízes populares de nossa cultura, então, nas manifestações artísticas armoriais estão presentes aspectos do imaginário brasileiro, principalmente nordestino, uma vez que o movimento teve o seu início com Ariano Suassuna. Na iluminogravura analisada encontra-se alguns aspectos desse imaginário nordestino como, por exemplo a “Onça Caetana”, a morte Sertaneja. Sendo assim, pretende-se demonstrar, neste trabalho, a relação do direito à literatura e o imaginário nordestino, analisando a iluminogravura suassuniana Infância.

Palavras-chave: Ariano Suassuna; Direito à Literatura; Iluminogravura; Imaginário Nordeste; Infância.

O DONO DA ESCOLA EM "PAULO HONÓRIO NUNCA FOI CORONEL, MAS TINHA OBSESSÃO POR SEIS CONTOS DE RÉIS"

Cleiry de Oliveira Carvalho
Faculdade de Educação – UFG
cleiry@gmail.com

Resumo: Nesta comunicação apresento uma interpretação crítica do romance São Bernardo. Devido ao fato de São Bernardo ser uma obra lida e analisada em diferentes perspectivas (tais como: sua composição, a questão da força de trabalho, o papel da mulher, os ciúmes de Paulo Honório, a credibilidade do narrador etc.), proponho aqui um outro olhar, voltado para a forma como o aprendizado (de Paulo Honório) e o ensino (construção da escola, o papel da professora Madalena) são capitalizados por Paulo Honório. Tudo isso faz com que eu observe a escola para pensar não só na necessidade de articular um curral de eleitores, mas, principalmente, o que significa pautar essa temática em uma obra que parece não dar muito destaque para a escola. O romance parece ser sobre ciúme, sobre trabalho etc.; minha interpretação contempla a formação da personagem principal para além do que o mundo da escola oferece e, para esse enfoque, considero que a forma internaliza a realidade histórico-social da época.

Palavras-chave: Escola; Formação; Graciliano Ramos; São Bernardo.

O ORGULHO DEPOIS DA VERGONHA PRESENTE EM ORGUNGA, DE RICO DALASAM: UM CONVITE PARA (RE)CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS – RECORTES DE PESQUISA DE MESTRADO

Lucas Dias Dionísio
Mestrando em Estudos Literários - Universidade Federal de Uberlândia – UFU
dionisio.lucas.dias@gmail.com

Resumo: Em pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nos aproximamos do diálogo entre Rap e Literatura. Em nosso processo de construção, por meio da literatura contemporânea, trabalhamos a partir do recorte de um dos elementos artístico-sociais do movimento Hip-Hop, o Rap de Rico Dalasam, primeiro rapper assumidamente gay a emergir no cenário do rap nacional. No constructo teórico-analítico, nossas escolhas acerca do rhythm and poetry (ritmo e poesia) nos fazem pensar acerca da poesia de caráter de político-identitário a partir dos

espaços em que as rimas são concebidas e o conteúdo que apresentam através das crônicas das margens; musical pelo fato de ser acompanhado por beats, instrumentos musicais de percussão e corda, geralmente, e samples que auxiliam no processo de construção rítmica e considerado gênero musical pelo trânsito nas rádios, mainstream e shows; e artístico a partir das construções e performances apresentadas. Através do processo de identificação gerado pelas rimas, optamos por trabalhar através do olhar das produções de bixas pretas que se colocam em evidência pela inclusão de discursos e vivências da comunidade LGBTQIA+ nas rimas, o combate à homofobia e ao racismo, atualmente conhecido por Queer Rap. Dentro do segmento escolhido, nosso objeto de análise é o álbum *Orgunga* (2016), acrônimo para “Orgulho Negro Gay”, de Rico Dalasam, trazendo à tona o reconhecimento e orgulho de ser negro, gay e rapper. Através das análises das músicas “Dalasam”, “Esse close eu dei” e “Honestamente”, apresentaremos um breve panorama da pesquisa, o fervor em forma de protesto, a celebração da aceitação, que convida à identificação e reconhecimento de bixas pretas que deixam de ser invisíveis no rap, o caminho e rotas para resgate da identidade ancestral e ostentação da liberdade e afirmação de transitar por todo e qualquer espaço a partir das rimas.

Palavras-chave: Rap; Identidade; Poesia.

O PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA: ENTRE MEMÓRIAS E FLASHBACKS NO ROMANCE AS HORAS NUAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Lilia Ricardo de Sousa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

lilia-ricardo@hotmail.com.br

Resumo: O trabalho baseou-se no romance *As Horas Nuas* (1989), da escritora Lygia Fagundes Telles (1923- 2022). O estudo teve como objetivo analisar a condição feminina na obra, focalizando as facetas da mulher no ofício de atriz e as relações que a personagem cria ao longo do romance. A autora criou uma narrativa que une memórias e flashbacks de Rosa Ambrósio, a personagem principal. Na obra em questão ela discute sobre a mulher na sociedade e o seu espaço na Literatura. Em sua obra, Telles aproxima o leitor do texto, colocando um leque de opções para interpretar seus romances. Com forte teor feminista e filosófico, a obra *As Horas Nuas* estabelece uma literatura rica, possibilitando ao leitor um recorte da figura feminina em diversos ambientes da sociedade. Foi feito um estudo sobre as principais características das figuras femininas, buscando discutir como o processo narrativo da escritora envolve a intertextualidade e outras linguagens tendo como base estudos de Regina Dalcastagnè, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Zygmunt Bauman, Tânia Carvalhal entre outros. Por meio de pesquisas em livros, trabalhos acadêmicos, resenhas e estudos de outras linguagens, esta pesquisa buscou mostrar a relevância da referida obra no contexto da Geração de 45.

Palavras-chave: Literatura; Romance; Literatura feminina.

O VIÇO DA NOSTALGIA EM LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR

Pablo Vinícius Nunes Garcia

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

pablogarcia.vn@gmail.com

Resumo: Objetiva-se investigar a relação de André, protagonista e narrador de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, com seu passado, tendo como perspectiva de análise o páthos

nostálgico. Para isso, abordam-se, primeiramente, questões relativas à memória, já que é por meio dela que o narrador relata os fatos que compõem a narrativa. O caráter fragmentário e irregular da memória experiencial ou vivencial, apontado por Aleida Assmann, é fundamental para a leitura que se propõe do romance, relacionando-se intimamente com as questões relativas à nostalgia. Observa-se que a dicção de André, quando discorre sobre seu passado, destacando o espaço da casa, da fazenda e dos acontecimentos da infância, é atravessada por afeto, o que permite entrever o peso do passado para o narrador. Em um segundo momento, busca-se demonstrar como o sentimento nostálgico afeta o protagonista, marcando sua relação com o passado e gerando consequências para o narrador e para a narrativa, uma vez que, sendo a memória do protagonista afetiva e lacunar, espera-se também uma narração lacunar e matizada pela subjetividade do narrador, tornando-o não confiável. A nostalgia, aliás, avulta-se no romance como experiência da impermanência e da finitude, conferindo mais nuances ao conflito entre o protagonista e o tempo. Por fim, em atenção ao que Jean Starobinski afirma sobre a vida adulta por vezes ser representada na literatura como exílio, em oposição à infância, intenta-se pontuar que o páthos nostálgico desvela como André avalia seu próprio presente, à medida em que este é contrastado com seu passado, o qual o protagonista tenta conservar de todo modo, sendo a própria escrita da infância, possivelmente, um expediente direcionado a preservar o vivido, resguardando-o, ainda que precariamente, do ritmo inexorável do tempo.

Palavras-chave: Raduan Nassar; Lavoura Arcaica; memória; nostalgia.

O TERCEIRO ATO: A JORNADA DA HEROÍNA NO CONTO “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI

Camila Lima Pontes de Mello
Universidade Federal de Goiás – UFG
camilalpm@discente.ufg.br

Resumo: Os contos de fada contemporâneos escritos por mulheres trazem à baila o empoderamento feminino e fazem repensar como a jornada do herói pode ser atualizada para abarcar as narrativas singulares das heroínas. Este estudo procurou expor o monomito de Campbell (1995) e cotejar a teoria da heroína errante de Bower (2005), para então analisar a jornada da heroína no conto de Marina Colasanti, “A moça tecelã”.

Palavras-chave: Jornada da heroína; Literatura brasileira; Monomito.

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS EM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO EM SAÚDE

Márcia Regina Viana
Docente Adjunta do Curso de Nutrição do IAN/CM UFRJ-Macaé
marcianutrifil@gmail.com

Ana Carolina de Matos Machado Cunha
Graduanda do Curso de Medicina do CM UFRJ-Macaé.
acmm.cunha@gmail.com

Beatriz Rabello Galhardi
Graduanda do Curso de Medicina do CM UFRJ-Macaé.
beatrizrgalhardi@gmail.com

Resumo: A necessidade de maior interação entre as Ciências da Saúde e as Ciências Humanas, a primeira caracterizada por aspectos tecnicista e hospitalocêntrico, motivaram a criação da disciplina optativa **NARRATIVAS LITERÁRIAS E CINEMATOGRAFICAS COMO FERRAMENTA PARA O CUIDADO EM SAÚDE**, oferecida pelo Curso de Nutrição para estudantes dos quatro cursos de formação em saúde do Centro Multidisciplinar UFRJ - Macaé: Enfermagem e Obstetrícia, Farmácia, Medicina e Nutrição. A disciplina traz o objetivo de desenvolver aspectos subjetivos facilitadores da humanização em Saúde através da experiência estética da leitura e da linguagem do cinema. Esse semestre letivo (2022.2) é a quarta edição da disciplina, com 44 estudantes inscritas/os oriundas/os dos quatro cursos citados. O presente resumo traz a intenção de apresentar como a disciplina tem se desenvolvido ao longo do semestre letivo. Os encontros são semanais, com duração de 1 hora e 30 minutos, que se iniciam com o resumo da obra e posterior troca de ideias, experiências e sentimentos relacionados e como cada narrativa estudada tocou a/o aluna/o em sua singularidade. Essa metodologia cria perspectiva mais ampla, integral e humanizadora à prática clínica, proporcionando oportunidade para o desenvolvimento de futuras/os profissionais que pensem criticamente e dediquem-se com maior empatia às/aos suas/seus futuras/os usuárias/os de serviços de saúde, a partir da exposição das próprias vulnerabilidades das/os graduandas/os, encaradas durante a interpretação das narrativas. Todo o diálogo está fundamentado nas leituras e interpretações pessoais de contos, livros, filmes e músicas, e sensibilização de conhecimentos acerca de subjetividades familiares àquelas que serão encontradas em seus cotidianos de trabalho. Como avaliação, as/os estudantes entregarão uma produção textual significativa à sua percepção sobre a contribuição da disciplina para sua formação, as quais servirão de conteúdos a serem analisados para comprovar a efetividade da proposta disciplinar. Como resultados esperados, apontamos a contribuição que a reflexão de futuras/os profissionais de saúde pode oferecer sobre a produção de cuidado centrado na pessoa, a partir de um espaço aberto para discussões do dia-a-dia, para o compartilhamento de experiências de cada aluna/o, para o encontro da educação interprofissional oferecida pela presença de diferentes formações.

Palavras-chave: Literatura; Narrativas; Humanização em saúde; Formação em saúde; Cinema.

LITERATURA E QUADRINHOS

Paulo Henrique Camargo Rinaldi
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
paulohenriquerinaldi@hotmail.com

Resumo: Temos assistido nos últimos anos a transposição de consagradas obras da literatura para as Histórias em Quadrinhos. Assim já foi com Jane Austen, em *Razão e Sensibilidade* (Ateliê editora, 2021) e com Edgar Allan Poe em *Contos Extraordinários* de (Ed. Caraminhoca, 2018) e muitos outros. Vamos, pois, observar o relacionamento entre a linguagem literária e a dos quadrinhos. A questão que se coloca é saber se os elementos estéticos que compõem os HQs são capaz de equivaler-se ou reproduzir satisfatoriamente os valores do texto literário. Leremos, nessa comparação entre linguagens a versão feita para os HQs da obra *A Metamorfose* de Franz Kafka (Ed. Caraminhoca, 2018). Ressaltaremos os elementos básicos que constituem as estruturas formais da chamada arte sequencial (Will Eisner, *Quadrinhos e Arte Sequencial*, Martins fontes, 2015), tais como a perspectiva, as formas dos quadrinhos e o espaço entre eles, o timing, o papel dos balões etc. em comparação com os também elementos estruturais da linguagem literária. Nessa análise, veremos como essa obra traz à tona a atualização de dilemas relativos aos Direitos Fundamentais e, especificamente, aos das Minorias. Conceituaremos os

Direitos Humanos como valores universais. A seguir, trataremos do princípio da dignidade Humana e o da igualdade para podermos, enfim, tratar do conceito de Minorias. O Clássico da literatura universal *A Metamorfose* de Franz Kafka (Camelot editora, 2021) pode ser classificado como um conto fantástico, cujo protagonista Gregório Samsa, um caixeiro viajante, frustrado e infeliz com sua vida e com seu trabalho, certa manhã, ao acordar, se vê transformado em um repugnante inseto. Seu pai, sua mãe e sua irmã, além da empregada foram bater à porta de seu quarto. A partir daí desenvolvem-se diálogos e situações que refletem e nos fazem pensar em nossos valores, comportamentos e, naturalmente, nos conflitos que nos cercam hodiernamente. Gregório Samsa representa a diversidade, as minorias e passa a sofrer o preconceito e a discriminação que a sociedade dá às minorias. O pai, autoritário, por vezes violento; a mãe, compondo um olhar e comportamentos maternos, mas sem coragem de ver e se solidarizar com o filho; e, principalmente, a irmã, cujo comportamento em relação ao irmão Gregório Samsa é, a princípio de fraternidade, mas que sofre alteração com o desenrolar do enredo, sendo ela a levantar a hipótese da morte de Gregório para alívio de todos. Finalmente, a empregada, que surge depois e não tem, portanto, uma relação afetiva familiar como os outros. A solidariedade e a fraternidade e principalmente o respeito à diferença são, portanto, temas sempre presentes no desenvolvimento da obra. Gregório Samsa é o retrato das minorias e do preconceito que sofrem. A obra escolhida e vertida para os quadrinhos permite, pois, uma interpretação relevante ao princípio da igualdade de aos direitos das minorias. A leitura dessa obra de ficção na forma de arte sequencial, não deixa, pois, de representar uma novidade e um desafio, tanto na compreensão do diálogo entre essas linguagens artísticas quanto no que diz respeito à forma de leitura e interpretação e às implicações sociais e políticas que esse diálogo traz à tona.

Palavras-chave: Literatura; quadrinhos; direitos humanos; minorias.

UMA LEITURA DA NARRATIVA *O SILÊNCIO DE JÚLIA*, DE PIERRE CORAN E MÉLANIE FLORIAN: O SABER E O DIREITO AO USO DA LIBRAS PARA INTERAÇÃO COM CRIANÇAS SURDAS

Gisele Ferreira Brito
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
giseli.ferreira.brito@hotmail.com

Solange Santana Guimarães Morais
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
sogemorais@gmail.com

Resumo: A Literatura é uma área que traz magia, é um encontro com a arte em processo. O envolvimento com o autor, por cada espaço, lugar e ações presentes manifestam coisas não ditas, que são interpretadas pela forma como é estruturada e intencionada. A literatura infantil, ramo da literatura, são acervos que ficaram na memória dos adultos, pois são fontes que contribuíram para sua formação enquanto leitores. No contexto histórico é possível compreender, que todas passaram por adaptações para chegar ao público infantil. De igual modo, são as literaturas surdas. O objetivo desse estudo é fazer uma leitura fenomenológica sobre a obra *o silêncio de Júlia*. O corpus em análise é, o *Silêncio de Júlia*. Na narrativa apresenta um teor compreensível e interpretativo, pois nela é possível extrair as concepções de surdez, mas também, temáticas a serem interpretadas, a saber, amizade, surdez como diferença e deficiência, exclusão/inclusão, Identidade e direito. Tendo como base teórica: A Literatura infantil brasileira, Cademartori (2010); O que é Literatura Infantil, Zilberman (2005); Literatura

e sociedade, Cândido, (1965); O que é fenomenologia, Husserl (1989); ademais, área da surdez: Documento- Diagnóstico da Saúde Mundial- DSM-5; livros, a saber, a criança surda, Goldfeld (2002); Educação de surdos: Aquisição da linguagem, Quadros (1997); A surdez: Um olhar sobre as diferenças, Skiliar (1998), dentre outros. O procedimento metodológico parte de pesquisa bibliográfica, qualitativa e fenomenológica. Dessa forma, por meio dos contos literários é perceptível questões atuais sobre a surdez, as dificuldades de as pessoas manterem a comunicação e o contato. Para esse fim, a relevância da Libras nesse processo de interação para com crianças surdas deve ser pauta de análise.

Palavras-chave: Literatura infantil brasileira. Surdez. Libras. Criança surda.

AÇÕES EDUCATIVAS CULTURAIS PARA CONSTRUÇÃO DE UM PLANO DE GOVERNANÇA COLABORATIVA PARA O MUSEU DA VILA

Laiane Fontenele de Sousa
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
laiane2021@ufpi.edu.br

Áurea da Paz Pinheiro
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr/ UFPI
aureapinheiro@ufpi.edu.br

Resumo: Em museu de comunidade, é fundante destacar a gestão do patrimônio cultural no território e as nuances responsáveis por fomentar e subsidiar práticas dialógicas e contextuais que se relacionam com a museologia comunitária se afirmando em práticas socioculturais e educativas. Destacamos o museu e sua função macro de mediador e responsável pela salvaguarda e propagação constante de memórias, histórias e do patrimônio cultural. O museu de território está atravessado por relações e práticas que envolvem múltiplas comichidades se estendendo para além muros e colocam a comunidade como público participante ativo na elaboração, execução e avaliação de projetos e ações, protagonistas que gerem no território seus patrimônios. Portanto, é importante fomentar condições favoráveis à governança compartilhada para acompanhar ações que prezem pelos aspectos democráticos da gestão, para colaborar na formação e sensibilização das comunidades locais sobre a importância do museu, neste estudo o Museu da Vila, reiterando seu papel de propor e ofertar atividades, com foco na formação de agentes do patrimônio, multiplicadores, que transmitam conhecimentos e práticas de gestão dos patrimônios para a comunidade, fortalecendo a integração social. O objetivo deste estudo consiste em abordar o processo de construção de uma governança colaborativa para o Museu da Vila, gestão como ferramenta de promoção e efetivação da função social do Museu. Para este trabalho, selecionamos professores/as e alunos/as do 9º ano, gestores/as e servidores/as terceirizados/as da Unidade Escolar Professora Carmosina Martins da Rocha, instituição de ensino vinculada à Prefeitura de Luís Correia, Piauí. As ações executadas com este público participante são rodas de conversas para dialogar sobre a importância do Museu e de sua gestão com o envolvimento direto da comunidade local, um museu como equipamento cultural que salvaguarda histórias e memórias, que promove ações de reconhecimento do patrimônio cultural. O delineamento metodológico deste trabalho tem natureza qualitativa, do tipo pesquisa-ação. Usamos revisão de literatura, construímos objetivos estratégicos definidos a partir das características do público participante, atendendo aos aspectos conceituais, de contexto e prioritários na gestão do patrimônio cultural. Os estudos e intervenções realizados no Museu da Vila, sob as orientações de Pinheiro e Moura (2015-2022), as discussões realizadas pela Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários e as reflexões de

Hugues de Varine e Paulo Freire oferecem suporte conceitual e técnico-metodológico a esta pesquisa-ação. Esperamos com este trabalho criar um espaço efetivo de gestão participativa, um Conselho Gestor do Museu da Vila, que envolva a universidade, a comunidade e outros agentes e setores públicos e privados, um espaço de escuta e tomada de decisões, de produção e transferência de conhecimentos, multiplicando informações e troca mútua de vivências para a defesa do patrimônio cultural, um órgão gestor com o protagonismo das populações que habitam e que são detentoras dos patrimônios do lugar. Mediante os aspectos delineados, conclui-se que a presente pesquisa possui uma visibilidade e delineamento essencial dentro do conjunto de realização da pesquisa, tendo em vista o processo de integração e protagonismo dos atores presentes no campo de investigação e ações práticas do presente estudo.

Palavras-chave: Patrimônio; Museologia; Comunidade; Território; Conselho Gestor.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO PROGRAMA EDUCATIVO CULTURAL DO MUSEU DA VILA, LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL

Niuza Alves da Costa Ribeiro
Mestranda – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr/UFPI
niuzaalves@ufpi.edu.br

Áurea da Paz Pinheiro
Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr/ UFPI
aureapinheiro@ufpi.edu.br

Resumo: Essa pesquisa tem natureza ação e objetiva realizar estudos e intervenções associados ao Programa Educativo Cultural do Plano Museológico do Museu da Vila (MUV) e a Creche Municipal Tia Neuza, localizada na cidade de Luís Correia, Piauí. Mediante este cenário, essa pesquisa tem o objetivo de propor práticas pedagógicas com ênfase na educação patrimonial, estimulando o pensamento crítico e dialógico entre indivíduos e suas perspectivas acerca da formação identitária local. Os docentes servirão como intermediários entre os discentes e o acesso à cultura, para haver, efetivamente, a fomentação, o conhecimento, a participação e a construção cultural na comunidade. O estudo tem como objetivo geral compreender como projetos e ações de educação e interpretação patrimonial com 30 (trinta) crianças de 5 (anos) de idade e suas famílias, professores, gestores e servidores da Creche Tia Neuza potencializará as relações desses grupos com o Museu da Vila e com seus patrimônios (natural e cultural), e os objetivos específicos: realizar diagnóstico sociocultural de 30 (trinta) crianças de 5 (anos) de idade e suas famílias, professores, gestores e servidores da creche Tia Neuza; ouvir e contar memórias e histórias do Museu da Vila utilizando bonecos com acessibilidade em libras e construir com as duas professoras das duas turmas do Nível V, oficinas de teatro de bonecos, apresentação de uma peça de teatro e um vídeo de 13 minutos com o registro da peça teatral com acessibilidade em libras para comunicação nas redes sociais do Museu da Vila. A presente pesquisa-ação traz uma abordagem de envolvimento no local onde esta se realizará. Portanto terá início com a apresentação da pesquisa na Creche Tia Neuza, depois com o diagnóstico socioeconômico e cultural, em seguida a participação no planejamento anual da Creche Tia Neuza com as professoras, partindo então para apresentação do projeto para a comunidade escolar. Durante a pesquisa-ação, serão desenvolvidas ações educativas e culturais pedagógicas na comunidade escolar da Tia Neuza, que proporcionará um conhecimento e reconhecimento de si e do patrimônio natural e cultural da região. A realização do estudo contribuirá para a atuação de forma sustentável e prática, objetivando a participação da comunidade em atividades culturais servindo de forma educativa para consolidação de suas visões identitárias.

Palavras-Chave: Patrimônio Cultural, Educação, Comunidade Escolar.

Financiamento: UFPI / UFDPAr, CAPES, CNPq.

MUSEU ORGÂNICO: PERTENCIMENTO E ENCONTRO COM O PATRIMÔNIO CULTURAL

Neycikele Sotero Araújo

Mestranda em Artes, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
neycisotero@ufpi.edu.br

Rodrigo de Sousa Melo

Professor Adjunto (DE) do Curso de Bacharelado em Turismo e do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia (MAPM) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
rodrigomelo@ufpi.edu.br

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo apresentar como o pensar e o fazer museológicos foram se transformando com o passar do tempo, possibilitando a criação de novas práticas museológicas. Assim como as demais ciências, a museologia também passou por muitas transformações e a partir dos anos 1980, com o advento dos movimentos sociais, o pensar museológico foi questionado sobre a função social do museu diante as realidades que estavam em seu entorno. Diante dessa provocação e de experiências museológicas vivenciadas tanto na Europa como na América Latina, nasce a nova museologia com a proposta de pensar os museus de uma forma mais aberta, conjugando comunidade, patrimônio e território como o tripé desse novo pensamento (TOLENTINO, 2016). Diante das experiências museológicas que nasceram a partir desse novo pensamento sobre museus, ainda hoje quando é perguntado a alguém sobre o que é um museu, a resposta quase sempre é “um lugar onde se guarda coisa antiga”, tal afirmação nos remete a antiga concepção de museu que estava mais preocupada com suas coleções, mas também é um convite a pensar o olhar que cada pessoa tem sobre o museu e como esse “lugar” ainda parece ser distante da realidade da maioria dos cidadãos, bem como parece “guardar” algo que fala do outro, mas não de si. De acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p. 64) o termo museu pode designar “o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do homem e do seu meio”. Sendo o museu esse lugar de “guarda”, mas sobretudo de diálogo sobre o homem e seu patrimônio cultural, questiona-se o porquê do museu ainda ser visto como apenas um “lugar de guardar coisa antiga” e lança-se então a seguinte provocação: Como desmistificar a palavra museu e atribuir um sentido de pertencimento? A partir da museologia experimental que concebe o museu como um espaço de criação e vivência (SOARES, 2019), esse trabalho apresenta a experiência museológica dos Museus Orgânicos que estão sendo criados na região do cariri cearense e constituem-se espaço de vivência e transmissão das expressões culturais apresentando uma forma afetuosa de fomentar a relação da comunidade com seu patrimônio cultural, gerando sentido e sentimento por suas histórias, memórias, tradições e principalmente pelo seu lugar.

Palavras-chave: Museu Orgânico; Nova Museologia; Museologia Experimental; Patrimônio Cultural; Pertencimento.

NARRANDO HISTÓRIAS: UM COMPROMISSO COM A VERACIDADE DOS FATOS DE GROSLÂNDIA – MT

Neiva Guarienti Pagno
Secretaria Municipal de Educação - SME - Lucas do Rio Verde – MT
neivagpagno@gmail.com

Cláudia Landin Negreiros
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
clnegreiros@unemat.br

Resumo: A produção escrita é uma prática que, necessariamente, precisa fazer parte das atividades escolares dos estudantes do ensino fundamental, uma vez que é imprescindível capacitá-los para as mais diversas situações de comunicação ao se trabalhar com atividades significativas de uso social da escrita. Para tanto, este trabalho, resultado da pesquisa empreendida no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Campus de Sinop, foi desenvolvida com estudantes do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Fredolino Vieira Barros, pertencente ao distrito de Groslândia, no município de Lucas do Rio Verde, no estado de Mato Grosso. O trabalho tem por objetivo principal: recuperar histórias dos pioneiros da comunidade de Groslândia; e específicos: reconstruir a memória coletiva da comunidade, valorizar aspectos relevantes do local, perpetuar os relatos dos seus antigos moradores, bem como levar os alunos a conhecer o gênero narrativo e aprimorar seus conhecimentos acerca da produção textual. A metodologia aplicada na pesquisa filia-se aos princípios da pesquisa-ação, baseada em Thiollent (2011), e apresenta uma abordagem qualitativa, apoiada em Minayo (2001), que trabalha com o universo de significados e não com dados numéricos. No estudo da oralidade e da escrita, o autor de destaque é Marcuschi (2010), imprescindível também nas atividades de retextualização das narrativas. Em se tratando dos conhecimentos acerca do gênero narrativo, Walter Benjamin (1985), Cascudo (1984) e Passegi (2011) são os autores embasados. A respeito da produção textual dos alunos envolvidos na pesquisa, os autores de destaque são Antunes (2003/2009), Travaglia (2000) e Passarelli (2012). No que diz respeito aos gêneros do discurso, a pesquisa busca fundamentação em Bakhtin (2011). Com relação ao período de isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, o trabalho também buscou referência acerca do ensino híbrido e do ensino remoto em grupos de autores, como Camargo e Daros (2018); Garcia, Morais, Zaros e Rêgo (2020); Bacich e Trevisani (2015). Os autores que fundamentam a pesquisa em relação à utilização da sequência didática são Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Além disso, todo o trabalho está referenciado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento de Referência Curricular para a Rede Municipal de Lucas do Rio Verde/MT (DRC/LRV). No desenvolvimento desta pesquisa, os estudantes participaram de diversas atividades de leitura, produções textuais, bem como produziram textos escritos a partir da oralidade, de forma a aplicar a atividade de retextualização de Marcuschi (2010), a partir do modelo das operações discursivas em que se passa o texto oral para o texto escrito, com o intuito de aperfeiçoar a produção escrita. Para finalizar, apresentamos as produções finais como objeto de publicação das narrativas produzidas.

Palavras-chave: Narrativas; Pioneiros; Comunidade; Produção de Texto.

O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE PARNAÍBA. MODIFICAÇÃO DO TECIDO URBANO

Luiz Carlos Gomes Passos
Universidade Federal do Piauí – UFPI/Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
luizpassos@ufpi.edu.br

Áurea da Paz Pinheiro
Universidade Federal do Piauí – UFPI/Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
aureapinheiro@ufpi.edu.br

Resumo: Os debates sobre gentrificação realizados em ambientes de pesquisas traduzem sua fórmula como um processo de natureza instável, dinâmica e pungente, seja em juízo de fato, sua forma enquanto transformação do tecido urbano, ou juízo de valor, pela transformação social dos sujeitos envolvidos. Quando observamos este processo, especialmente nos sítios urbanos, notamos ser este objeto de mudança necessária e inevitável para se obter qualidade de vida, geração de renda, reorganização, revitalização do espaço para produção, movimentação e consumo de mercado. É preciso, portanto, refletir a partir de visões teóricas e ou técnicas acerca dos interesses políticos e das diferenciadas formas de manuseio da economia nesses espaços urbanos e históricos, bem como discutir seus processos inerentes de segregação social na produção de novas paisagens e na apropriação do espaço urbano. Através da produção textual encontrada nas mais diversas mídias, iremos buscar compreender a importância do estudo do tema “Processos de gentrificação no Centro Histórico da cidade de Parnaíba, uma construção ou desconstrução?”

Palavras-chave: Gentrificação. Ambientes. Impacto. Renovação Urbana. Segregação Social.

POESIA PANDÊMICA EM DEFESA DA VIDA: UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL

Jonsos Nunes Júnior
Universidade Federal do Acre – UFAC
jonsos.nunes@ufac.br

Resumo: As diferentes linguagens artísticas refletem o mundo, as relações sociais, os sentimentos, as dores e os dilemas humanos em cada época. O que a Arte tem a dizer sobre o presente será sempre uma pergunta atual e válida. Neste sentido, escutar e analisar as expressões artísticas sobre os dias pandêmicos consiste numa oportunidade de aprendizado para a consciência coletiva, possibilitando a humanidade compensar as suas unilateralidades e corrigir sua trajetória que tem conduzido à crises climáticas e civilizatórias. Possibilita, mas não garante. Atualmente, morreram por COVID-19 6.578.231 pessoas no mundo, 687.527 no Brasil (sendo segundo país em números de óbitos) e no Acre 2.029. Uma tristeza sem fim. O adoecer e o morrer são fatos naturais. Sofre-se mas faz parte da vida. O que choca, mobiliza, incomoda, inquieta e escandaliza são as chamadas mortes por causas evitáveis. São aquelas que poderiam não ter acontecido se as ditas “autoridades competentes” tivessem tomadas as medidas sanitárias norteadas pelas orientações tecnicocientíficas. Ao longo da história da humanidade a Arte retratou inúmeras catástrofes naturais, guerras e pandemias consistindo em temas recorrentes. Entre os anos de 2020 a 2022, durante os períodos de distanciamento social, as artes serviram de suporte a incontáveis pessoas no enfrentamento das dificuldades vivenciadas. Mediante redes sociais, plataformas de música e streaming, visitas virtuais à galerias de arte e museus, as pessoas buscaram nas linguagens artísticas novos referenciais para ler o mundo,

compreender todo esse caos coletivo, além de alívio para o sofrimento e como recurso expressivo e terapêutico. Somado a isto, a humanidade se aproxima de um ponto sem retorno na crise climática planetária, em função da sua maneira de lidar com os ecossistemas, a exemplo dos atuais e impunes desmatamentos das florestas e destruição de diversos biomas, poluição de rios, mares e atmosfera. Importante salientar que uma poesia pandêmica não está restrita à temática da pandemia do COVID-19 ou delimitada apenas ao momento histórico entre os anos de 2019 a 2022. Não fala somente da vivência sofrida pelo luto, pelo medo de adoecer e da morte ou pelo distanciamento social. Fala disso também. Mas, principalmente, aponta para os condicionantes e determinantes da saúde, para a geopolítica, para a necropolítica, para a crise climática, para a organização social (ou seria desorganização?!), para a ocupação geográfica desordenada e irresponsável, para a relação das cidades com o meio ambiente, para a violência nas relações de gênero, o racismo, a LGBTQIA+fobia, para o uso da religião como instrumento político, entre tantos outros temas. Neste contexto seria possível falar de uma Poesia Pandêmica em Defesa da Vida?! Se sim, o que ela tem a dizer?! Seria uma poesia pandêmica ou seriam poesias pandêmicas?! A poesia pandêmica possui algum efeito terapêutico ou curativo?! Essas e outras questões impulsionam a presente comunicação que visa apresentar a publicação do livro *Poesia Pandêmica em Defesa da Vida* como uma intervenção possível, uma via expressiva para o poeta e de comunicação com a consciência coletiva.

Palavras-chave: Poesia; Pandemia; Defesa da Vida; Arte Decolonial; Necropolítica.

MINHA OBRA EM OUTR@S? AS JORNADAS DEL COLOR Y LA FORMA ENTRE A SOMATÓRIA E O ACONTECIMENTO

Lisbeth Juliana Monroy Ortiz
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/CNPq
ljmonroyo89@gmail.com

Resumo: Entre 1971 e 1981, a artista argentina Mirtha Dermisache desenvolveu as seis edições que tiveram as Jornadas del color y la forma. De modo geral, as Jornadas... podem se descrever como oficinas massivas de expressão artística que, ainda nos tempos mais crueis da repressão da ditadura cívico-militar na Argentina (1976-1983), permitiram a jovens e adultos ter um espaço de liberdade. Contudo, as Jornadas... aparecem como um fenômeno artístico e político mais complexo quando são re-colocadas dentro da produção plástica e pedagógica de Mirtha Dermisache. Este trabalho foca-se, precisamente, nos antecedentes, desenvolvimento e compreensão dentro da produção plástica-pedagógica de Mirtha Dermisache das Jornadas... (1971-1975/ 1977-1981, 6 edições). Nossa hipótese de trabalho é, por uma parte, que as Jornadas... operam um curto-circuito entre os âmbitos da arte e a educação, porque estabelecem “uma conexão imediata entre ordens heterogêneos”. E esta operação crítica opera um questionamento profundo da linha que os divide. A reflexão sobre as relações entre arte, museu e educação será fundamental para evidenciar que, no caso das Jornadas..., não se trata de uma obra de “Educación pela arte”, mas da instalação de uma situação, guiada por dois tipos de partitura (de evento e ambiência), que organiza um espaço acontecimental no qual as pessoas se esbarram com uma experiência que lhes oferece a possibilidade de duvidar de si, se conhecer e comunicar consigo mesmo e com os outros.

Palavras-chave: Mirtha Dermisache; plástica argentina; acontecimento; somatória

PARA O BRASIL, SUAS IMAGENS: RASCUNHO CRÍTICO SOBRE OS CADERNOS DO POVO BRASILEIRO DE LEILA DANZIGER

Bárbara Mol Gonçalves
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
abarbaramol@gmail.com

Resumo: É para o Brasil que se olha através da publicação da artista brasileira Leila Danziger, Cadernos do Povo Brasileiro (2021), com o desejo de refletir sobre o gesto sensível que faz ver o apagamento das vidas desintegradas pela ditadura e violenta democracia atual. Articula-se, então, uma filosofia desde as imagens na tentativa de encarar a incompreensão e o luto público. É preciso dizer: SOS Brasil, intuindo que a arte, parte constituinte da democracia que sustentamos, dialoga por sua alteridade com os dissensos e as exigências da ética do olhar, pelo dever com a vida mesma.

Palavras-chave: Leila Danziger; Luto público; Olhar; Política das imagens; SOS Brasil.

MULHERES EM FOCO: POR ENTRE NARRATIVAS QUE INSPIRAM, INVISIBILIDADES QUE AUSENTAM E ELOS E DES-ELOS QUE NOS MOVIMENTAM

Luísa de Angelis Pimentel
Graduanda em Teatro na Universidade Federal de Uberlândia – UFU
luli.dap@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa propõe um levantamento e vocalização da importância da atuação feminina nas áreas técnicas teatrais selecionadas, sendo estas cenografias, iluminação, dramaturgia e direção, e de que maneiras a participação feminina neste mercado interfere ou não em suas produções. A pesquisa contou com a realização de duas etapas, a primeira sendo um levantamento e identificação de profissionais mulheres atuantes nas áreas de dramaturgia, cenografia, iluminação e direção teatral no Brasil, buscando através do contato com estas entender como conquistaram seu espaço no mercado de trabalho, qual a relação social com a presença do feminino nessas funções, possíveis dificuldades encontradas nos seus caminhos e de que forma acreditam agregar qualidade a suas produções a partir de suas perspectivas de vida. A partir desses relatos foram identificadas histórias que de maneiras diversas se repetem e reproduzem, como a da necessidade de uma validação masculina para terem seus trabalhos creditados em cenografia e iluminação, a necessidade de escritas pessoais femininas nas áreas de dramaturgia pela carência de textos que relatem o feminino e vivências femininas de maneira verossímil e menos estereotipada, assim como a necessidade da ocupação de cargos de direção para a sustentação e manifestação de trabalhos que partam de um olhar com orientação feminina. E foi por meio da síntese entre estas narrativas e possíveis fontes problemáticas que se foi estruturada a segunda etapa da pesquisa, desenvolvida apoiada em três tópicos de discussão, sendo estes: “A invisibilidade referencial feminina”, “Um quase des-elo: as técnicas distanciadas do gênero” e “O elo imprescindível: as técnicas vinculadas ao gênero”, nos quais são apresentadas a ausência histórica de referências femininas em meios escolares e acadêmicos e de que possíveis maneiras essa ainda escassa presença de referenciais femininos nos afeta em esfera pessoal e social e a conexão ou desconexão entre os fazeres técnicos e os vínculos de gênero, apontando medidas de aproximação e distanciamento entre esses, como se relacionam e atingem diretamente a presença e a ausência de mulheres na ocupação destes cargos. Através de tais, abrindo a discussão, pedindo uma maior disseminação e buscando o reconhecimento da

presença dessas mulheres no teatro, em todo seu profissionalismo, suas potências e capacidades à frente do que a história e até hoje a escassez de suas citações e referências as credita.

Palavras-chave: Mulheres no teatro. Teatro brasileiro. Narrativas femininas. Técnicas teatrais.

A CRÍTICA DA IDEALIZAÇÃO DO FEMININO NA SÉRIE *SEMPRE CONVOSCO*, DE PRISCILLA PESSOA

Jéssica Lacerda

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
jeslacerda@gmail.com

Eluiza Bortolotto Ghizzi

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
eluizabortolotto.ghizzi@gmail.com

Resumo: As manifestações artísticas contemporâneas têm realizado questionamentos em torno das representações do feminino, que nos fazem refletir sobre um ser mulher pré-estabelecido e sobre como podemos ressignificar esse “ser mulher” a partir de um olhar mais atento para as transformações sociais vividas pelas mulheres hoje e os conflitos com sua idealização. Dentro desse contexto, este artigo propõe uma leitura semiótica sobre três obras pertencentes à série artística *Sempre Convosco* da artista Priscilla Pessoa, sendo elas, *In the midnight hour* (2016), *Leda Maria Cisne Pomba* (2017) e a obra homônima *Sempre Convosco* (2017). As obras selecionadas são construídas por meio de autorretratos e elementos da iconografia mariana, de modo que a artista reflete criticamente sobre os desígnios de Maria e a idealização do feminino. Para orientar teórica e metodologicamente essa leitura elege-se a semiótica de Charles S. Peirce (1839-1914), apresentada em textos dele próprio e de estudiosos da sua obra, principalmente Lúcia Santaella, que orienta um percurso de leitura de imagem que será adotado neste momento da investigação. A análise deverá valer-se, ainda, de um referencial teórico que inclui textos da área de artes visuais - direcionados pela temática das obras - e estudos sobre a condição feminina na sociedade e os modos pelos quais o contexto sócio-histórico e religioso legitimam o que é ser mulher. O propósito definido para o desenvolvimento deste artigo, é realizar um processo de observação e análise sobre os signos responsáveis pelo poder dessas obras para provocar questionamentos acerca da representação do feminino.

Palavras-chave: arte contemporânea; representação do feminino; semiótica peirciana.

CHINUA ACHEBE: É POSSÍVEL FALAR DE UMA ESCRITA ANTI-COLONIAL?

Luiz Henrique Costa de Santana

Discente egresso da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE
santanaluzhc@gmail.com

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE
eduardo.fernandes@ufape.edu.br

Resumo: Em uma sociedade racista, machista e criptofascista como a formação social brasileira se torna evidente apontar que falar do passado escravocrata nesse solo é mais que essencial, é

vital para podermos proceder em direção a derrubada dessa estrutura. Alicerçado nesse pensamento visou precisar o passado colonial imperialista na obra *O coração das trevas* do escritor britânico, de origem polonesa, Joseph Conrad e compará-la a visão pós-colonial da obra *O mundo se despedaça* do escritor nigeriano Chinua Achebe. A metodologia dessa pesquisa é de cunho bibliográfico e qualitativo, visando entender o processo da colonização alicerçando esse acontecimento ao crivo da História, por meio dos estudos pós-coloniais. Os autores estudados que auxiliam em tal empreitada são: Achille Mbembe, *Crítica da razão negra: 1-O devir negro no mundo* (2014); *O sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada* (2014), Frantz Fanon, *Os condenados da terra; Pele Negra mascaradas brancas* (2005; 2008), Homi K. Bhabha, *A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do Colonialismo* (1991), Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas, Flecha no tempo* (2018; 2019). Para tanto, objetiva-se analisar, por meio de um estudo comparatista, como a literatura se embasa no processo histórico para construir meios que possibilitem as vozes silenciadas pelos meios oficiais de documentações? Portanto, pretende-se alcançar por meio desses objetivos, textos, análises e materiais um entendimento que se aproxime da totalidade da complexidade que é o colonialismo imperialista e a colonialidade que escravizou milhões de corpos, que promoveu o genocídio de milhares de culturas e desumanizou corpos e deteriorou diversos saberes ancestrais.

Palavras-chave: Chinua Achebe, Joseph Conrad, Colonização, Literatura, História.

ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS E DITADURA MILITAR NO BRASIL: DECOLONIALIDADE E MORALIDADE NOS ANOS 1970

Pedro Ferreira
EHESS/UNESCO
pedroferreirafig@gmail.com

Resumo: Durante a segunda metade do século XX, ascenderam na América Latina diversos regimes ditatoriais que infringiram liberdades e direitos básicos através do uso de um discurso de moral e ordem. No caso brasileiro, o regime inicia em 1964 com o golpe de Estado que tira da presidência da república João Goulart, e dura até 1985, com a eleição indireta do primeiro presidente civil em 21 anos. Como uma das consequências do período, os anos do regime militar são marcados por um constante conflito entre a censura e diversos setores da sociedade civil, entre os quais se destaca a cultura. Esta comunicação pretende apresentar dois estudos de caso para observar uma arte de resistência no Brasil entre os anos 1970 e 1980. Em primeiro caso, os Cursos Latinoamericanos de Música Contemporânea (1970 – 1989) e suas estratégias de promoção e formação de artistas seguindo as diretrizes de uma música política e decolonial. Os Cursos foram organizados em diversas cidades da América Latina e formaram diversos músicos estabelecendo um diálogo com teorias decoloniais que se desenvolveram a partir dos anos 1960. O segundo caso tratará do Movimento de Arte Pornô (1980 – 1984), que ataca diretamente as palavras de ordem “moral e os bons costumes” promovidos como base da sociedade brasileira pelo regime durante o período militar. Criado no Rio de Janeiro, o movimento realizou performances na praia de Ipanema e no centro da cidade, explorando novas formas de poesia e novas leituras sobre a tradição da cultura brasileira. Em ambos os casos, as análises das estratégias se baseiam na análise de discursos e na busca de conceitos-chave para compreensão das principais ações de ambos os movimentos.

Palavras-chave: Moral e bons costumes; Cultura; Política.

ESCREVIVÊNCIAS MANICOMIAIS COMO VOZ DO SILÊNCIO

Michelle Martins de Almeida

Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras –
PPGL/EL – Unimontes, com Bolsa de pesquisa CAPES
mmartins.michelle@outlook.com

Alex Fabiano Correia Jardim

Professor efetivo da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, no curso de
Graduação em Filosofia; professor permanente do Programa de Mestrado em Letras/Estudos
literários e professor do Mestrado profissional em Filosofia pela Universidade Estadual de
Montes Claros em parceria com a Universidade Federal do Paraná – UFPR
alex.jardim38@hotmail.com

Resumo: O Artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz: “Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.” (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948). Em sua esteira, o Artigo 5º, inciso III da Constituição Federal diz: “Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante”. (BRASIL, 1988). Porém, não se faz necessária uma observação em larga escala e meticulosa para evidenciarmos o tratamento mortificante a que nossas instituições de sequestro – como bem nomeia Foucault – oferecem àqueles que estão à margem da sociedade e são considerados uma sujeira que precisa ser varrida. Os dispositivos de controle dos corpos atuam a fim de uma docilização e disciplina dos corpos destoantes do sistema normativo vigente, em que o discurso que opera é o de um que carrega a conjunção de um saber-poder e se capilariza no tecido social como uma verdade normalizante. Há um controle sobre a vida, onde na teia da repressão e punição temos àquelas vidas que são matáveis. Não há condições mínimas de sobrevivência, senão uma intenção de certo modo até sádica em promover a morte em contagotas a esses indivíduos. Há uma promoção da morte sob a máscara de uma razão triunfante que caminha rumo ao progresso: patologia do esclarecimento que cria/forja enunciados que faz do intolerável algo aceito, universal e necessário. Normal. No limiar da invenção de pensar novas formas de compor mundos, inventar possibilidades outras de vida, desposar significantes e juízos, estabelece-se nossa pesquisa: no interstício da relação morte-vida. Onde o silêncio marca a morte, a literatura, se comporta como voz, como vida. Libertar os corpos e expurgar a dor através de palavras. Dada sob o viés da loucura, temos a escrita de si, a escrita de testemunho, como uma forma de romper o silenciamento ao qual o discurso totalizante submete os asilados manicomiais. É uma forma de superar ausências, primeiro de si e a posterior, da sociedade. Não se deixar cair no esquecimento e apagamento. Se comportam como estratégias de resistência. Uma vez que a própria literatura já carrega em seu seio o signo da transgressão. O objetivo do nosso texto consiste em abordar as relações dadas pelos agenciamentos entre corpo, escrita e política em torno da lógica manicomial e suas dissidências; a questão da saúde mental através de uma escrita de testemunho que ousamos chamar de escrevivências manicomiais. São escritas do desastre como chamaria Blanchot. Nascem, insurgem, no precipício da experiência-limite. Partindo da cartografia psicossocial, acoplada a uma análise das relações de poder, propomos (também), com os loucos, grosso modo, a criação de linhas de fuga, estratégias de resistência ao julgamento psiquiátrico, práticas insurgentes. Para isso, visitaremos alguns escritos de Artaud, Maura Lopes e Lima Barreto, produzindo uma conversação na tentativa de mostrar essas literaturas enquanto narrativa-acontecimento, máquina produtora de signos, onde há uma crueldade da linguagem que faz dela seu próprio acontecimento, e enquanto tal, busca nela a sua nervura, sua potência, se quer em si transgressão.

Palavras-chave: Escrevivências-manicomiais; Escrita-do-Desastre; Experiência-limite; Literatura; Loucura.

IDEIAS PARA AVIVAR A ALMA DO MUNDO: DESVELANDO A DIEGESE DE "PANTANAL" PELA PERSPECTIVA DE AILTON KRENAK

Aurora Almeida de Miranda Leão
Doutoranda do PPGCom da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
auroraleao@hotmail.com

Resumo: O estudo analisa o modo como a metanarrativa da telenovela “Pantanal” – realizada e exibida pela TV Globo, de março a outubro de 2022, no horário nobre –, dialoga com as ideias defendidas pelo escritor e líder indígena Ailton Krenak. Obra original de Benedito Ruy Barbosa, com texto ressignificado por Bruno Luperi, neto do dramaturgo, a diegese assinala fortemente o momento sombrio de destruição ambiental do país. “Nós estamos desorganizando a vida aqui no planeta, e as consequências disso podem afetar a ideia de um futuro comum – no sentido de a gente não ter futuro aqui junto aos outros seres” (KRENAK, 2020). Essa afirmação filosófica está no discurso televisual (texto, imagem, música), conforme se percebe a partir da vinheta de abertura, com a voz de Maria Bethânia ecoando versos como “Gente que entende e que fala a língua das plantas, dos bichos/Gente que sabe o caminho das águas, das terras, do céu/ Velho mistério guardado no fundo das matas sem fim”. No território sertanejo, são protagonistas o Vêi do Rio (Osmar Prado), a moça Juma Marruá (Alanis Guillen), que vira onça, o fazendeiro José Leôncio (Marcos Palmeira), o jovem “flosô” Joventino (Jesuíta Barbosa) e o próprio espaço do sertão, repositório no qual viceja a saudade de uma época na qual o divórcio homem e natureza ainda não se concretizara, ao mesmo tempo sinalizando os traumas da arruinação do meio ambiente, confirmando que “No organismo da Terra, a biosfera do planeta não tem externalidade”. A teledramaturgia, portanto, ganha relevância porque instiga reflexão sobre o tema mais presente hoje no cotidiano de povos do mundo inteiro, defendendo com beleza e veemência a noção da ancestralidade do futuro. Além disso, favorece a proeminência de temáticas pujantes no contexto social, tais como violência simbólica, grilagem de terras, estrutura patriarcal, liberação da mulher e homofobia. Parte-se da pergunta: “Como os criadores (autoria e direção) trabalharam para assinalar a necessidade de harmonia entre humanos e natureza, defesa da biosfera e respeito aos ancestrais, apontando feridas da modernidade (racismo, violência patriarcal e opressão contra a mulher), pontos cruciais defendidos por Krenak em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”? Objetiva-se indicar sequências da telenovela que instigam a reflexão acerca dessas pautas sobre as quais é cada vez mais premente a discussão pública, haja vista a intensificação das estatísticas de erosão ambiental e violência de gênero. Para tanto, segue-se metodologia híbrida, unindo as propostas de MOTTA (2013) e SILVA (2012).

Palavras-chave: Pantanal; Teledramaturgia; Ailton Krenak; Ancestralidade; Natureza.

O RANCOR DE DEUS PELAS SUAS CRIATURAS É DE MORTE — A REVELAÇÃO DO CORPO SEM LEI

Susana Vieira

Investigadora doutoranda integrada no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição
(Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e professora no
Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)
susanatvieira@gmail.com

Resumo: “Não existo”, disse Dores. — Dessa forma entramos no e pelo meio do corpo, não liso, mas fraturado em textos que tanto revelam de monstruosidade quanto escondem de alvura (e vice-versa). Essas conceções são exploradas numa obra que se apoia na representação do indivíduo marginalizado e na exploração da linguagem igualmente (des)feita e (des)combinada por e em corpos sem lei, tecidos de restos e sacrifício, transformados para resistir, política e socialmente. No âmbito da literatura, apresentaremos uma hipótese de leitura sobre os corpos violentos e violentados de Dores, de Maria Velho da Costa, fundada nos postulados teóricos de (entre outros), Bakhtin, Deleuze & Guattari, Foucault, Greimas, Lacan, Lindeza. Enquanto figuração ensaiada na obra mencionada, sublinharemos o conceito de mal e procuraremos responder à problemática levantada pela própria escritora: “Que é um rosto, uma crosta de terra aberta, se não for exposto outro rosto que sofra, a mãos que o lavem e apaziguem? [...] decifrai este corpo que abre”. No seio de relações conservadoras, são gumes recorrentes o mal e a morte e, deles, a repulsa e o fascínio, ambos ligados umbilicalmente à referência do prazer, assinalando a compulsão destrutiva do indivíduo e um terceiro estado que supera a rivalidade obsoleta entre feminino e masculino. Portanto, por meio da literatura, pretende-se perceber e discutir outros espaços sociais, como sugere o presente Congresso. Propomos, enfim — na perspectiva de corpos que colidem, que se inscrevem nas bordas, que deslocam a noção de margem para o centro do universo, que fazem atravessar a sociedade com uma linguagem desterritorializada —, trazer as margens ao humano, dessituado e reposicionado numa ética tão permeável quanto a escrita de MVC no sentido do desassossego que abre todo um renovado espaço de significação, no qual se reconhece a violência como um dado concreto da vida: “se o mal não existisse não existia Universo. Porque a partir do momento em que há Universo [...] necessariamente há dor” (MVC).

(MVC: Autora experimentalista da literatura contemporânea portuguesa, que fere a estrutura canónica e faz tremer uma sociedade adormecida na sua mansuetude: “ousei sair da escrita representativa em que me sentia tão mal”, disse-nos ela em certa entrevista; ela que, durante algum tempo, nos idos 70 do século XX, fez pesquisa de campo junto de operários da indústria com diagnóstico de esquizofrenia, no Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda (Lisboa), desempenhando funções de investigadora na enfermaria concentracionária, que viria a servir de material de escrita e análise sociológica recuperado pela sua literatura.)

Palavras-chave: Literatura; política do mal; estética da dor; corpos-em-violência; sociedade-margem.

AS OUTRIDADES AFRICANAS SEGUNDO RYSZARD KAPUSCINSKI: NARRAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS FENÓTIPOS E AS INTRA-ALTERIDADES

Fernando Gutiérrez-Chico
Universidad de Salamanca – USAL
fgutierrezchico@gmail.com

Marysol Rodríguez
Universidad de Buenos Aires – UBA
marysolrodriguezarg@gmail.com

Resumo: A figura do Outro e África são dois assuntos que apresentam-se de maneira constante na obra literária de Ryszard Kapuscinski (1932-2007). Ambas as variáveis permitiram ao repórter polonês refletir sobre questões identitárias que transcenderam, complementaram ou definiram sua prática jornalística. Assim, este texto se propõe como objetivo geral explorar como a(s) alteridade(s) africana(s) é(são) descrita(s) nas obras de Ryszard Kapuscinski. Para isso, foram estabelecidos dois objetivos específicos: a) Estudar a construção do fenótipo, e mais especificamente a negritude e a brancura das pessoas, como marcador identitário de alteridade nos seus textos; e b) analisar os seus relatos das alteridades intra-africanas. Uma análise de conteúdo qualitativo tem sido aplicada sob dois livros específicos: *Ébano* e *The Soccer War* [A Guerra do futebol]. Tem se escolhido aqueles fragmentos, parágrafos ou episódios nos quais o fenótipo (preto/branco) como marcador identitário de alteridade ou a outridade intra-africana desempenham um papel principal. No total, têm se cadastradas 28 entradas estruturadas numa tabela-matriz com as seguintes variáveis: colonialismo; escravidão; etnocentrismo; heterogeneidade africana; Nós-Eles; poder e racismo. Ressalta-se como a construção fenotípica como marcador identitário é um processo de duplo sentido onde a relação Eu-Outro vivida pelo autor está condicionada devido a longas relações de poder. Da mesma forma, destaca-se uma visão crítica, por parte de Kapuscinski, do reducionismo europeu com o que apresenta-se a heterogeneidade do continente; ao mesmo tempo em que a alteridade étnico-política é enfatizada como variável na construção dos Estados postcoloniais.

Palavras-chave: África; Alteridade; Fenótipo; Kapuscinski; Outridade

COMPLIANCE E ARTE: O PROGRAMA DE INTEGRIDADE EFETIVO NO COMBATE AO CRIME DE LAVAGEM DE DINHEIRO NO MERCADO BRASILEIRO DE ARTE

Pedro Henrique Hernandez Argentina
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
pedro.sano@hotmail.com

Resumo: O tema compliance no Brasil tem se mantido em alta nos últimos tempos. Apesar do tema parecer novo, a cultura de compliance já é uma preocupação de países internacionais a tempos; a título de exemplo, e considerado pioneiro na introdução do assunto, o Foreign Corrupt Practices Act (FCPA), nos Estados Unidos aborda práticas que devem ser combatidas. O assunto tomou maiores proporções em solos brasileiros com a Operação Lava Jato, que de forma negativa, marcou o país como péssimo modelo pelas práticas corruptivas. Em 2013, foi então criada a lei nº 12.846, conhecida como Lei Anticorrupção ou Lei da Empresa Limpa, que combate atos lesivos à Administração Pública. Neste ano de 2022, foi promulgado o decreto nº 11.129 - revogando o anterior decreto nº 8.420, de 2015 – que regulamenta a lei supracitada.

O programa de compliance consiste na adoção de mecanismos e ferramentas que possui como pedra angular manter os padrões éticos, morais e legais de uma instituição. Neste sentido, além da observância e cumprimento das normas contidas no ordenamento jurídico, é necessário, também, que sejam seguidos os conceitos éticos que uma empresa acredita; reforçado e exposto por meio do seu código de ética, código de conduta e regulamentos internos. Nessa avalanche de adequações do compliance, a cultura de integridade se faz presente no mercado de obras de arte. Isto porque, o comércio das obras muitas vezes encoberta o crime de lavagem de dinheiro. O dinheiro de natureza ilícita, por meio das transações do comércio de obras, maquia os lucros obtidos desta forma. Com o intuito de preservar o comércio ilibado de obras artísticas, o COAF e o IPHAN atuam em conjunto estipulando a necessidade de adoção de uma cultura efetiva de compliance. A própria lei de lavagem, nº 9.613, de 1998, já caracteriza este mercado como sensível e que merece um cuidado maior em relação a prática do crime mencionado. Por este motivo, a Portaria nº 396, de 2016, do IPHAN, em seu artigo 3º, destaca a necessidade de “estabelecer e implementar seus próprios procedimentos e controles internos de prevenção à lavagem de dinheiro”, ou seja, adotar de maneira efetiva um programa de compliance, visando prevenir, detectar e remediar os atos ilícitos; função vital da cultura de integridade. É suma importância uma mecânica de know your client, realizado por uma due diligence, que compõe um dos pilares do compliance. Trata-se de conhecer previamente o sujeito que vende ou compra um objeto do mercado de arte; efetuando uma pesquisa sobre os riscos desta relação comercial, checando evidências da limpidez do dinheiro circulado. Destarte, o processo de adequação ao compliance está em ascensão. Neste desenvolvimento, o mercado de obras não poderia estar deslocado, tendo em vista que movimenta elevados valores monetários. A cultura de compliance estipula mecanismos que visam proteger estas relações, vendedores e comprados, primando pelo relacionamento seguro entre estes, seja pessoa física ou jurídica. A portaria publicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ressalta a importância de implementação dos mecanismos que estruturam um programa de compliance.

Palavras-chave: Compliance; lavagem de dinheiro; lei anticorrupção; programa de integridade

ENCANTADOS E ENCANTARIAS: NARRATIVAS EM ARROMBADINHO/VALE DO GUAPORÉ (RO), FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Joely Coelho Santiago
Universidade Federal do Acre – UFAC
joely.santiago@sou.ufac.br

Hélio Rodrigues da Rocha
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Universidade Federal do Acre – UFAC
heliorodriguesrocha@gmail.com

Resumo: O Vale do Guaporé, denominado Iténez no lado boliviano, abriga populações indígenas, afroindígenas, remanescentes de quilombolas e bolivianas. Seus tempos e espaços são compartilhados e negociados pelos múltiplos grupos, principalmente a partir do século XVIII, quando missionários e viajantes iniciaram trabalhos de catequização e colonização na região. Nessa época, Pedras Negras, comunidade remanescente de quilombos, serviu para vigilância e presídio. Na primeira metade do século XX, Pedras Negras viveu intenso fluxo de migrantes para trabalhar a extração do látex nas colocações de seringa, entre elas,

Arrombadinho, localizada entre Pedras Negras (lado brasileiro) e Mateguá (lado boliviano). O objetivo deste estudo é registrar, a partir da memória individual e coletiva, narrativas orais sobre encantados e encantarias em Arrombadinho. O exercício de investigação foi feito a partir de pesquisa bibliográfica e etnográfica, com abordagem qualitativa. Autores/as como Loureiro (1997); Tocantins (1972); Cevasco (2009); Galvão (1976); Cascudo (1983, 1985, 1987); Averbuck (1985); Prandi (2002); Burke (2016) deram suporte metodológico para a fundamentação teórica. Dito isto, os resultados contribuem para interpretar e registrar a cultura, a memória e faces diversas no cenário de estratégias e sobrevivências, além de possibilitar compreensão acerca de manifestações e fenômenos naturais nos espaços Brasil Bolívia.

Palavras-chave: Pedras Negras; Mateguá; Vale do Guaporé/Iténez; Narrativas.

ENTRE MARGARIDAS E MARGINAIS: A HISTORICIDADE DO THRASH METAL (1980-1990)

Anandrey Cunha
Universidade Estadual do Piauí – UESPI
anandreycunha@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca compreender historicamente a produção e o desenvolvimento do gênero musical conhecido como Thrash Metal, enquanto manifestação artística situada no contexto da década de 1980, através da análise de trabalhos do estilo, popularizado justamente na referida década. Parte-se do pressuposto de que toda produção artística reproduz, em algum grau, as condições que as mobilizaram, sendo, portanto, essencialmente fenomenológica. Mais especificamente, concebe-se aqui ainda que, na pós-modernidade, simultaneamente ao fato de que, ao mesmo tempo em que se evidenciam fragmentações e colapsos (HALL, 2005), cada vez mais os limites entre o global e o local diminuem e contribuem para um novo jeito de fazer e conceber arte, no qual produções de caráter local, relacionadas a determinados nichos ou grupos sociais conseguem – e já conseguiam, mesmo no período sobre o qual se desenvolve esta pesquisa – por via de estruturas diversas, popularizar-se a ponto de ultrapassarem os limites do tribal e internacionalizar-se, tornando-se, por exemplo, elementos de uma Cultura de Massa. Considerando os pressupostos acima, utiliza-se para esta discussão arcabouço teórico relacionado aos conceitos de Arte (MARCUSE in LIMA, 2000; COLI, 1992; HEIDDEGER, 1977), Indústria Cultural (SILVA, 2009; PORTO, 2011), Pós-modernidade (BERMAN, 2005; ANDERSON, 1999), como via para o estabelecimento de elos históricos entre a conjuntura sociopolítica e cultural ocidental das décadas finais do século XX com base em pesquisas bibliográficas (HOBSBAWM, 1995; 2013) e algumas produções populares dentro do estilo em questão, datadas da década de 1980, através das características que delineiam tal estilo musical, como sua estrutura harmônica básica, suas letras e capas, considerando que tais elementos não dissociam-se; pelo contrário, contribuem para a construção do gênero, de sua identidade performática e da construção de sentidos e identidades, tanto para a mensagem veiculada quanto para o grupo que a consome e absorve como elemento da sua própria imagem (BECKER, 2008; CAIAFA, 1985).

Palavras-Chave: Arte; Indústria Cultural; Thrash Metal; Pós-Modernidade;

FASCISMO: PULSÃO PEQUENO BURGUESA OU IMANÊNCIA DO CAPITAL? UMA CONVERSA ENTRE ANTONIO GRAMSCI E THEODOR W. ADORNO

Manuela de Souza de Almeida Leite
Doutoranda PPGAV – USP
manusaleite@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma comparação crítica entre as visões sobre fascismo de dois grandes pensadores do século XX. Para isso, serão utilizados como referência os “Cadernos do Cárcere 13 e 22” de Antonio Gramsci e a conferência “Aspectos do novo radicalismo de direita” de Theodor W. Adorno. A hipótese aqui levantada é que o principal ponto de discordância entre os dois teóricos, quando se fala em fascismo, é de que Gramsci acredita que o fascismo é um fenômeno reacionário de uma pequena burguesia parasitária e Adorno pensa no fascismo como consequência direta da estrutura capitalista, extensivo, assim, a todas as classes sociais.

Palavras-chave: Gramsci; Adorno; Fascismo; Autoritarismo.

JORNAIS PARA “CURTIR”: INTERNATIONAL TIMES, FLOR DO MAL E PRESENÇA – A CIRCULAÇÃO DA IMPRENSA UNDERGROUND BRITÂNICA E BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1970

Amanda Costa Ferreira Lucio
Mestranda no Programa de Pós-graduação em História – UNIFESP
acflucio@unifesp.br

Resumo: A pesquisa apresentada tem como escopo analisar a circulação dos modelos de leitura presentes nos impressos International Times (1966-86), Flor do Mal (1971) e Presença (1971). Compreendidos como parte da imprensa underground, foram veiculados em Londres e no Rio de Janeiro. A publicação destes jornais auxiliou na formação de espaços de reflexão acerca dos temas relacionados à contracultura, estimulando a criação de elementos de identificação para a comunidade de produtores e leitores envolvidos. Para tanto, a hipótese da pesquisa foi formulada a partir das viagens realizadas para Londres por artistas brasileiros durante o período de 1968 a 1971, onde promoveu-se o contato com grupos, impressos e referentes culturais veiculados na Inglaterra, proporcionando uma apropriação desses modelos, visando a circulação das fórmulas editoriais da imprensa underground, temas e formas de leitura no Brasil. O estudo também se propõe a investigar, por meio do vocabulário contracultural, como algumas expressões e termos ganharam sentidos específicos para esta comunidade. O estudo tomará como método analítico o exame das linhas editoriais, dos modelos de leitura, da materialidade dos impressos, espaços de circulação e atuação dos intelectuais que atuaram na mediação desses trânsitos culturais para identificar os referentes partilhados, assim como suas possíveis conexões, de modo a examinar como representações prescritas atribuíram elementos em comum para a construção da imprensa contracultural no Brasil.

Palavras-chave: contracultura; imprensa marginal; ditadura militar brasileira.

"LÍNGUA BRASILEIRA": UM PASSEIO PELO INCONSCIENTE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATRAVÉS DA LETRA/POEMA DE TOM ZÉ

Rodrigo Matos Ribeiro
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
digolettras@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe a análise da letra/poema “Língua Brasileira” de Tom Zé, através dos preceitos da Literatura Comparada (enquanto método comparatista), visando apresentar o breve panorama sócio-histórico da língua portuguesa e brasileira, existente no texto em estudo. **Objetivo:** Contribuir para a compreensão e divulgação da obra de Tom Zé, a partir da análise de sua letra/poema, buscando demonstrar como seu processo criativo está interligado com as contribuições do Manifesto Antropofágico (1928) de Oswald de Andrade, e debate com as questões ideológicas que permeiam a educação pública brasileira. **Metodologia:** Foram realizadas pesquisas bibliográficas fundamentadas pela Literatura Comparada, por compreendermos que tal perspectiva supra nossas necessidades de confrontar a letra/poema do compositor, com os textos que serviram de base de informação, para o processo de construção da letra/poema aqui analisada. Esta pesquisa contribui para uma abordagem crítico/literária abrangente, no sentido que considera os contextos históricos e sociais, dos envolvidos, e trata de questões artísticas e teóricas. **Resultados:** O artista utiliza o conceito de “voracidade antropofágica” que vê na reversão de direção entre a periferia e o antigo centro (Europa), “onde o representante da cultura periférica e dependente” passa de devorado a devorador, e utiliza a “transculturação” para acentuar o processo de transformação cultural, caracterizado pela influência de elementos de outra cultura, e assim acarreta a perda ou a alteração dos elementos já existentes. Na sua letra/poema, Tom Zé, munido pela antropofagia oswaldiana, investe contra a cultura do colonizador, mutilando-a, espremendo-lhe o suco e extrai dela apenas o que lhe serve. Foi assim no tropicalismo, e continuou assim ao longo de sua carreira. **Conclusão:** Tom Zé, com sua linguagem característica e sua licença poética, conduzida por uma rica ironia, soube vingar-se de seus algozes; contudo, apesar de a cultura ser um dos alicerces necessários para a formação de um cidadão crítico, há outros elementos necessários para tal desenvolvimento, tais como a educação. A educação eurocêntrica é um tipo de educação doutrinadora fundamentada na teoria de que a visão de mundo (histórica, religiosa, social, política, filosófica, artística) desenvolvida no continente europeu é superior às demais visões desenvolvidas pelas diversas civilizações e etnias existentes no planeta. É preciso desconstruir estes conceitos para que as culturas e vozes das classes sociais exploradas sejam também conteúdo de análise e discussão nas salas de aula, propondo uma reconstrução histórica que se emancipe da perspectiva eurocêntrica dominante. Dentro desta perspectiva, percebemos como o artista utiliza sua poética para denunciar como as classes dominantes utilizam-se das ideologias para manterem uma significativa camada da população do nosso país distante de uma educação transformadora e libertadora. Como o artista deixa claro no verso da canção Tô do disco Estudando o Samba (1976), “Explicar pra confundir, confundir para esclarecer”, é dessa educação transformadora e decolonizante de que trata Tom Zé em suas canções.

Palavras-chave: Tom Zé; Língua Brasileira; Literatura Comparada; Manifesto Antropofágico.

MASSACRES PELO ESTADO E PROTESTOS NA MÚSICA: CORPOS QUE (NÃO) IMPORTAM

Letícia Porto Ribeiro
Universidade Federal do Acre – UFAC
letcello@yahoo.com.br

Marcello Messina
Instituto de História e Relações Internacionais, Southern Federal University, Rostov do Don,
Rússia
marcelloposta@gmail.com

Resumo: Em nossa apresentação, tentamos analisar a reação de artistas ligados à música engajada a massacres perpetrados por forças do Estado nas décadas de 1960 (Chile) e 1990 (Brasil) e as maneiras pelas quais a indignação popular e a criação musical dialogam na rememoração desses massacres. Buscamos evidenciar o envolvimento entre os compositores e suas respectivas realidades sociais e políticas, assim como buscar as formas com a qual a música pode estabelecer uma interação dentro de seu contexto social. Para isso, abordamos três massacres: o Massacre de Puerto Montt, no Chile, o Massacre do Carandiru e o Massacre de Eldorado dos Carajás, no Brasil, representados pelas canções “Perguntas por Puerto Montt”, do cantautor Victor Jara, “Diário de um Detento”, do grupo de rap Racionais MC’s e “Eldorado dos Carajás” (também veiculada com o nome “Sem justiça não existe paz”), do grupo de rap Manos da Baixada de Grosso Calibre (MBGC). Como referenciais teóricos, utilizamos as ideias de racialidade e de canção engajada como desenvolvidas autores como Denise Ferreira da Silva e Marcos Napolitano. Na opinião dos autores, a reação estatal que originou os massacres é significativa para observarmos a forma como as autoridades viam e veem as lutas sociais e o desejo implícito de que as massas sejam passivas e não demandem cobrem de forma ativa por seus direitos - nesses casos são tratados como desordeiros, como aqueles que “atrapalham” e aqueles cujas vidas são desvalorizadas nos mais diferentes sentidos. No entanto, houve forte reação popular, e, nos três casos analisados, as músicas se tornaram parte ativa dessa indignação e dos protestos que aconteceram. Elas consistiram, em si mesmas, protestos, evocando e chamando para a ação novas manifestações populares, além de se constituírem como partes das memórias coletivas das sociedades.

Palavras-chave: canção engajada; massacres; racialidade; luta social; rap.

O OUTRO LADO DO LUTO: O METAMORFISMO DA PERDA EM ARTE

Evelin Piazzoli
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura na Linha de Pesquisa Subjetividade,
Memória e História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
evelinpiazzoli@gmail.com

Resumo: Compreende-se que toda obra de arte possui, em seu mistério, uma inspiração. Não é estranho ler e ouvir boatos a respeito de musas, encantadoras paisagens, sentimentos arrebatadores e relacionamentos fracassados que culminaram em belas poesias, pinturas ou canções. É evidente que ninguém além do artista sabe o que realmente o levou a desenvolver sua obra, porém percebe-se em linhas e cores – e um tanto de análise teórica - os sentimentos que conduziram o autor para tal fim. O artigo intitulado “A beleza: o outro mundo do depressivo” presente no livro Sol Negro (1989), de Julia Kristeva, lança teorias que regem a

questão: há beleza no que é triste? Tal questionamento iniciou uma dúvida que gerou esta pesquisa, visando compreender como o luto pode tornar-se algo belo através de uma obra de arte. O indivíduo central abordado será o artista e a sua forma de lidar com o luto a fim de superá-lo. Para tanto, além do ensaio redigido por Kristeva, foi abordada a teoria freudiana de luto e o estudo sobre trabalho criativo de Vieira e Cintra (2016) sinalizando o modo como o luto metamorfa-se em objeto de beleza.

Palavras-chave: Perda; Luto; Arte.

OLHARES EM FOCO: A LINGUAGEM DO CINEMA COMO POSSIBILIDADE CRIATIVA E REFLEXIVA

Carlos Eduardo da Silva
Universidade Federal do Acre – UFAC
eduardo.artesedu@gmail.com

Bianca Martins Santos
Universidade Federal do Acre – UFAC
bianca8ms@gmail.com

Resumo: O trabalho apresenta a proposta de uma eletiva de artes no tema “Olhares em foco: cinema na escola” e o relato sobre a prática docente em duas edições consecutivas desta eletiva realizada em uma escola pública de Rio Branco/Acre, para alunos e alunas da primeira série do “novo” ensino médio, como forma de promover a reflexão crítica através da experiência com o cinema e da linguagem audiovisual. Para tanto, a eletiva proposta e o relato sobre a execução dela partiram do seguinte problema: Qual o papel pedagógico do cinema na escola e seus atravessamentos nas práticas culturais e artísticas? São tecidas algumas discussões acerca do papel político do cinema na sociedade, além da linguagem cinematográfica e audiovisual como viabilizadora de resistência epistemológica as estruturas de poder que se apresentam na articulação modernizante entre cinema, escola, currículo e formação. O cinema, na perspectiva de Bergala (2008), apresenta-se como uma linguagem descolada da institucionalização que coloniza, conserva e atrofia a arte no limbo da racionalidade técnica. Argumenta que o cinema, em suas diversas linguagens e como um campo de significações, se qualifica por ser um exercício de alteridade, de criar o “novo”. Cinema e Educação, então, convergem para além de dualidades, essencializações e naturalizações, que segundo Migliorin (2013), instala a experiência na insegurança, no estranhamento e na instabilidade da criação. Nessa perspectiva, podem dispor de essências diacríticas e, também, de reflexões que não podem ser determinantes ou estabelecer algum sentido, pois sempre estão em movimento. Como resultado, destacamos por meio da eletiva e das obras produzidas pelos estudantes, que o papel pedagógico do cinema na escola pode ir além dos aparatos técnicos, pode ir além de um interlocutor de conteúdo. Consideramos que o perigo está em tornar a linguagem do cinema uma ferramenta de transmissão de conteúdos, por vezes tomando e amplificando essa tendência. Ao final, apontamos que é possível considerar a linguagem do cinema como uma ferramenta que destaca as dimensões estéticas das obras, os atravessamentos culturais e artísticos como construção criativa e reflexiva na escola.

Palavras-chave: Linguagem; Artes; Cinema; Educação; Ensino Médio.

“QUE PAÍS É ESTE?”: A MPB COMO RESISTÊNCIA AO REGIME MILITAR BRASILEIRO E A ASCENSÃO DO ROCK NACIONAL NO PERÍODO DE REDEMOCRATIZAÇÃO

Rafaela Rodrigues Paulino da Costa
Graduanda em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie
rafaela.costa@mackenzista.com.br

Resumo: Atualmente, em meio a clames pós-eleitorais por intervenção federal, sente-se que a memória dos tempos ditatoriais brasileiros se esvaece. Tão esvaecida se encontra que não percebe a contradição latente ao pautar tais ideais sob a égide da Liberdade de Expressão, conceito extremamente vitimado na experiência antidemocrática brasileira que se tenta resgatar. Neste contexto, este trabalho busca contribuir para o estudo da música popular brasileira na resistência à atuação governamental do período ditatorial militar brasileiro, e resgatar a história do rock nacional como movimento contracultural da juventude durante o período de redemocratização do país, a fim de evidenciar a manifestação política dos artistas e da indústria fonográfica nacional contra a suspensão de direitos fundamentais. Busca-se, portanto, analisar se as letras das canções da MPB lançadas durante os “Anos de Chumbo” (1969-1974) da Ditadura Militar; e do rock nacional na década de 1980 possuem caráter político claro ainda que implícito, e se há documentos jurídicos que evidenciem os graus de aplicação e revogação da censura na produção musical. Do ponto de vista metodológico, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental. Não diferentemente do que se passa na indústria fonográfica mundial, a produção musical brasileira vem sendo utilizada como meio de protesto popular. Sabe-se que através do AI-5, baixado em dezembro de 1968, se instaurou de fato a Ditadura Militar no Brasil. Partindo-se da premissa de que a música reunia massas e propagava ideais possivelmente contrários aos do regime vigente, as canções passavam por censura prévia amparada, principalmente, pelo Decreto-Lei nº 1077, de 26 de janeiro de 1970. No entanto, nota-se que os artistas, através de letras com duplo sentido, ironias e metáforas, expressavam descontentamento. Toma-se a título de exemplo a canção "Cálice", de Chico Buarque, que traz semelhança proposital à expressão “cale-se”, e "O Bêbado e a Equilibrista", de Aldir Blanc e João Bosco, interpretada por Elis Regina, considerada o hino da anistia e que homenageia viúvas do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho, mortos pelos militares. Posteriormente, com o início do processo de redemocratização no país, iniciou-se paralelamente a ascensão de um gênero musical com críticas sociais explícitas: o rock nacional. As manifestações políticas então se intensificaram e se tornaram mais diretas. Bandas como Legião Urbana, Barão Vermelho e Titãs, algumas até mesmo previamente censuradas durante o regime militar, dão início a um novo período lírico, com composições transgressoras e conteúdo político voltado a reivindicações democráticas. A canção “Que País É Este?”, composta por Renato Russo em 1978, mas apenas lançada na segunda metade da década de 80, por exemplo, é permeada de críticas à estrutura política da década: “Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação.” É possível concluir, portanto, que há conexão de caráter antagônico, tanto implícito quanto explícito, entre a Ditadura Militar e as letras compostas por artistas da MPB e do rock nacional, durante e após o período, sendo o conteúdo de tais composições regulado pelo crivo governamental instituído por diplomas legais.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira; Rock Nacional; Ditadura Militar; Censura.

A POÉTICA DE UM CINEMA (CADA VEZ MAIS) IMPURO: A INTERMIDIALIDADE EM JIBARO

Johnny Glaydson dos Santos Tavares
Mestrando na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/Bolsista CAPES
johnnyglaydson.education@gmail.com

Resumo: Quanto mais se analisa o desenvolvimento das artes no decorrer da história, mais se torna evidente como elas evoluem através da partilha de influências que as impulsionam e as ressignificam. O cinema, como exemplo de análise para tal asserção, segue progredindo e nos entregando obras singulares através da comunhão com outras fontes/artes/mídias. É o que demonstraremos neste trabalho por meio do curta de animação Jibaro (2022) de Alberto Mielgo, o qual, diante da pluralidade de formas artísticas em sua composição, nos apresenta um cinema inventivo diretamente proporcional a sua “impureza”. Resgataremos o termo provocativo “impuro”, colocado por André Bazin (1951), para discutirmos sobre a presença da intermedialidade que vem moldando cada vez mais as obras cinematográficas na contemporaneidade, e para isso dialogaremos com Cluver (2008); observaremos, através da análise do curta, que essas conjunções e interações entre mídias deixam ecoar poéticas fílmicas que estão em consonâncias com diversas soluções criativas. Importante destacar que entenderemos por poética o processo de criação, produção e efeitos alcançados pelo filme, conceito de Bordwell (1989) e guia metodológico da nossa análise; nessa perspectiva, nos preocuparemos com a forma de construção de Jibaro e as possibilidades de descrições e explanações sobre os seus padrões, normas, funções e efeitos. Como resultado, veremos que a forma de Jibaro incorpora os avanços tecnológicos da atualidade e reverbera a presença da intermedialidade em pró de uma experiência artística única e subversiva.

Palavras-chave: Cinema; Poética; Intermidialidade; Jibaro.

O PODER DAS NARRATIVAS: UM ESTUDO SOBRE A CAPACIDADE PUNITIVA DA MÍDIA EM ANÁLISE AO DOCUMENTÁRIO “ESCOLA BASE – UM REPÓRTER ENFRENTA AO PASSADO”

Isabela Bruno de Almeida
Graduanda do curso de Direito do Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto, SP
isabelabda@hotmail.com

Resumo: O processo judicial brasileiro prega, incisivamente, pelo respeito a princípios como da presunção de inocência, do devido processo legal e, conseqüentemente, da dignidade da pessoa humana, independente do crime pelo qual as partes envolvidas estejam sendo acusadas. Princípios e disposições normativas que refletem, ou ao menos deveriam refletir, em todo o ordenamento jurídico e social, incumbindo (exclusivamente) ao Estado, ao identificar e ter provas de uma situação violadora de direitos, exercer seu poder-dever de punir. Ocorre que, com a integração tecnológica, a mídia passa a ter o poder de propagar versões, falsas e verdadeiras, sobre acontecimentos sociais, históricos e criminosos. Com isso, as pessoas tidas como “espectadoras”, embora tenham abdicado de parcela de sua liberdade para o convívio em sociedade (mediante firmação do contrato social), ao tomarem conhecimento das inúmeras versões e informações propagadas diante de meras suposições, sentem-se no direito de fazer justiça com as próprias mãos, enterrando socialmente os acusados. Nesse sentido, o presente trabalho trata do poder dessas narrativas propagadas e reproduzidas pelas mídias e de seu impacto destrutivo na vida das partes envolvidas no documentário “Escola Base – Um repórter

enfrenta o passado”, como afronta ao núcleo imutável e inviolável da Constituição Federal. Isso em análise a propagação de narrativas infundadas pelas mídias e seus reflexos na vida dos injustamente acusados à época de terem abusado sexualmente de crianças; diante de sucessivos erros (da autoridade policial à mídia), esses foram e permaneceram socialmente condenados sem que sequer houvesse um processo judicial. Sob esses termos, questiona-se: como as mídias sociais e televisivas, ao propagarem narrativas unilaterais, podem violar o direito à presunção de inocência? Para obtenção de respostas, o presente estudo se utilizou da metodologia de abordagem dedutiva e como metodologia de procedimento a de estudo de caso. Com intuito de investigação dos impactos causados pela mídia e a repercussão de narrativas unilaterais na vida dos envolvidos, a análise em epígrafe observa a forma de divulgação das informações, adotada à época, ao nomear culpados, antes destes sequer serem ouvidos (formal ou informalmente). Considerando e apresentando, desde o primeiro momento, os donos da escola de ensino infantil supracitada, como autores do crime de abuso sexual, o documentário em análise evidencia os riscos e o dever da mídia, ante a sua capacidade de condenar socialmente pessoas (ainda que inocentadas judicialmente), de observar princípios como o da presunção de inocência e o da ampla defesa. Ao final, conclui-se pela necessidade da instituição e delimitação de limites no que tange a menção de terceiros como culpados de fatos que, ainda, não foram judicialmente averiguados e comprovados.

Palavras-chave: Poder das narrativas; Escola Base; Presunção de inocência.

TRABALHADORAS SEXUAIS E AS ARTES: VISIBILIDADE, RECONHECIMENTO E DIREITOS HUMANOS

Bárbara Natália Lages Lobo

Professora da Universidade Autónoma de Lisboa. Investigadora Integrada do Centro de Investigação em Justiça e Governação (JusGov) da Escola de Direito da Universidade do Minho (GLOB - Globalização, Democracia e Poder). Investigadora Colaboradora do Ratio Legis - Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Jurídicas da Universidade Autónoma de Lisboa [Projetos: Cultura de Paz e Democracia/Migração Internacional e Direitos Humanos]. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Constitucionalismo e Direitos na Era Digital - Algotr.IA do Programa de Pós-graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
bnlobo@autonoma.pt

Resumo: O presente artigo aborda a invisibilidade das trabalhadoras sexuais pelo processo cultural de estigmatização, demonização e criminalização da prostituição. Por outra senda, apresenta como as expressões artísticas diversas, desde a Antiguidade, retratam o cotidiano do trabalho sexual nas cidades. As artes plásticas, a literatura, o teatro, o cinema, as séries e, na contemporaneidade, a cultura digital desvelam o incômodo e as imposições morais sobre as trabalhadoras sexuais, ao passo que também atuam, ainda quando não tem esse propósito, como instrumentos e manifestações pelo reconhecimento e integração das trabalhadoras sexuais na sociedade. A jornada, as discriminações e as vivências das trabalhadoras sexuais atravessam distintas manifestações artísticas, com propósitos distintos, ora como instrumento reflexo dos padrões morais sexuais estabelecidos, ora como narrativas diárias autobiográficas de quem experiencia a condição paradoxal do ser desejado e indesejado frente ao limbo regulatório do direito, a despeito da disposição do direito ao trabalho como direito humano na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Analisar as representações das trabalhadoras sexuais nas artes permite verificar a importância destas nas distintas “esferas de insurreição” e a atuação sexual contra a moral sexual hegemônica, ainda centrada no controle e domínio das

corporalidades das mulheres. A metodologia utilizada consistiu na verificação das concepções morais, sociais, culturais e jurídicas acerca do trabalho sexual, bem como a análise crítica das estruturas moralizantes que discriminam sexualidades dissidentes. Realizou-se a verificação de obras de arte distintas que retratam o trabalho sexual, seus símbolos, recepção social, bem como as manifestações autobiográficas por reconhecimento como instrumentos para se conferir visibilidade às trabalhadoras sexuais, bem como enfrentamento do estigma. A apresentação das obras perpassa a análise das disposições de direitos humanos que reconhecem o direito ao trabalho e suas prestações sociais como integrantes dos direitos humanos econômicos e sociais, classificados como de segunda dimensão. Concluir-se-á pela importância das artes como mecanismos de insubordinação e visibilidade das trabalhadoras sexuais, a lançar luzes sobre a importância da regulação do exercício do trabalho sexual e reconhecimento de direitos fundamentais e humanos.

Palavras-chave: artes; democracia; direitos humanos; trabalho sexual; trabalhadoras sexuais.

UM ESTUDO DA COBERTURA DOS DIREITOS HUMANOS NA ÍNDIA ATRAVÉS DO DOCUMENTÁRIO *ABSORVENDO O TABU*: UMA PESQUISA SOBRE A POBREZA MENSTRUAL

Adriane Stefany Oliveira Souza
Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Funorte
adriane.souza@soufunorte.com.br

Jéssica Albuquerque Vieira Oliveira
Professora do Centro Universitário Funorte
profjessicalbuquerque@gmail.com

Resumo: Introdução: Trata-se de um estudo crítico da real eficácia dos direitos humanos dentro da Índia, tendo como base o documentário denominado *Absorvendo o Tabu*. O caminho do roteiro da obra em análise discute os desafios vivenciados ordinalmente em uma pequena comunidade nas proximidades de Nova Delhi, no que tange a pobreza menstrual. Objetivo: A presente pesquisa tem seu fundamento na busca pela discussão de uma temática contemporânea, complexa, moderna, no que tange a eficácia da dignidade menstrual sobre o viés da tutela dos direitos humanos na Índia. Materiais e métodos: a partir do documentário supramencionado, foi realizado um estudo de caso, somado a uma pesquisa bibliográfica no que se refere a temática base, através das plataformas Scielo e Periódicos Capes, assim como doutrinas que versam sobre a temática em discussão. Resultados: Compreende-se por pobreza menstrual a escassez ao uso e acesso a insumos básicos, assim como a instrumentos de higiene primordiais, indispensáveis ao ciclo menstrual dos indivíduos que menstruam. Após sanção da Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2014, foi reconhecido como viés de saúde pública global o denominado direito à higiene menstrual, essa passa a ser resguardada com carácter de direito humano. Com a fragilidade que permeia o tema, é necessário destacar que, na Índia, a cada cinco meninas uma precisa sair do seu ambiente escolar quando passa pelo período menstrual. Em 2014, mais de 3 milhões de meninas não conseguiam mais estar presente nas aulas. Em tempo, é mister destacar que o medo é uma emoção vivenciada por estas meninas, além do sentimento de vergonha e chacotas dos colegas. Tais ações refletem diretamente na ausência das aulas. Conclusão: Por intermédio da produção analisada, verifica-se que a ausência de recursos para subsistência da higiene menstrual, tanto quanto o desconhecimento deste processo fisiológico nas pessoas que menstruam, alicerça desigualdade de gênero. Em virtude disso, estes sujeitos restringem-se de ocupar espaços sociais, como escolas, templos e etc.

Contraproducente a um dos escopos dos direitos humanos, a isonomia social, tendo assim gargalos na sua efetivação nas nações em desenvolvimento, como a Índia.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Pobreza Menstrual; Índia; Absorvendo o tabu.

A PIADA HOMOFÓBICA NO AMBIENTE LABORAL A PARTIR DA CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA COMO FORMA DE RACISMO

David Martins Rocha Filho

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

d.martinsrocha@gmail.com

Resumo: A piada tem por definição significados que se relacionam ao que é engraçado, que tem por intenção fazer rir, um conto curto e humorístico que se utiliza de situações críticas com o objetivo de fazer rir. Ela é presente nas relações sociais desde os tempos remotos e visa a diversão e o entrosamento, tornando, na maioria das vezes, as relações mais agradáveis. Porém, em muitos casos essas piadas são carregadas de discriminação, segregação e ridicularização de grupos minoritários, reforçando os pensamentos de grupos supremacistas. Por se tratar de um hábito que permeia as relações sociais, as piadas também estão presentes no ambiente laboral, o que não necessariamente é algo bom, uma vez que é possível que em seu teor carregue conteúdos que discriminem, humilhem ou segreguem determinados grupos. Em situações como esta, o colaborador/empregado terá seus direitos e seu bem-estar violados. Nesse sentido, o humor discriminatório no ambiente laboral foi levado por diversas vezes aos tribunais, inclusive na Justiça do Trabalho. Agora, mais do que antes, o tema tem sido levado ao judiciário pautado em conquistas como a criminalização da homofobia como forma de racismo. Em um passado não tão distante, esse tema foi muitas vezes apreciado pela justiça como mero aborrecimento, como uma simples brincadeira de mau gosto, sendo os autores desses atos absolvidos de seus crimes pelo fato desses atos serem considerados apenas uma brincadeira. A presente pesquisa foi realizada a partir de abordagem dedutiva e de procedimento monográfico, utilizando de técnicas de pesquisa documental e bibliográfica, e teve o intuito de responder a seguinte questão: Como o Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região tem apreciado casos de humor homofóbico no ambiente laboral? Teve por objetivo compreender como o Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais vem se posicionando em casos de homofobia disfarçada como piadas no ambiente laboral, por meio da pesquisa/análise de casos do TRT-3 após a Criminalização da Homofobia como forma de racismo. Conclui-se que, hoje, após avanços nas lutas ativistas pela causa LGBTQIA+, criminalização da homofobia e a conscientização social, tem-se encontrado um judiciário mais humanizado, embora ainda longe do ideal, mas que compreende a gravidade da violação da dignidade da pessoa humana nesses atos de homofobia velada, que por muitos anos foram aceitas. Percebeu-se, na análise dos casos concretos, a existência de danos à dignidade, à moral e à honra dos profissionais que não desfrutavam de um ambiente laboral adequado devido ao desconforto provocado pela tensão de esperar, a qualquer momento, um ataque à sua intimidade em tom jocoso por algum colega de trabalho.

Palavras-chave: Homofobia; Humor; Trabalho.

ESTEREÓTIPOS DE PERSONAGENS HOMOSSEXUAIS DE PROGRAMAS HUMORÍSTICOS X DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO E INJÚRIA

David Martins Rocha Filho
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
d.martinsrocha@gmail.com

Resumo: O direito brasileiro tem avançado constantemente em busca da diminuição do preconceito e discriminação praticados culturalmente no país. A criminalização da LGBT-fobia no Brasil se deu em meados de 2019, com a sua equiparação aos crimes raciais pelo Supremo Tribunal Federal, inclusive com a aplicação das mesmas penas (conforme dita a Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989). Isso justifica o atraso no ajuizamento e punição de atos discriminatórios e preconceituosos em relação aos homossexuais. O preconceito e a discriminação estão culturalmente inseridos na sociedade brasileira devido a cisheteronormatividade, que considera estranho e anormal tudo aquilo que não se enquadra em seus padrões. Com isso, a presente pesquisa busca analisar através de metodologia histórico-bibliográfica, se há configuração de discriminação, preconceito e injúria através de estereótipos negativos e vexatórios utilizados em personagens homossexuais de programas humorísticos. Não raro, em muitos programas de humor, nota-se a ridicularização da homotranssexualidade por meio de personagens com traços exageradamente feminilizados ou masculinizados e comportamentos extremamente sexualizados, como investidas sexuais em pessoas heterossexuais, competitividade entre personagens homens gays e mulheres heterossexuais e principalmente personagens com uma enorme variedade de parceiros sexuais. A exemplo, nota-se também a figura da mulher lésbica, sempre agressiva, ciumenta e mal humorada que também carrega traços extremamente tidos como masculinizados, atos bastante caricaturados que não refletem a conduta real da grande maioria dos homossexuais. Essa abordagem, a depender da situação, pode configurar um crime contra a dignidade da pessoa humana, previsto tanto na Constituição Federal, quanto na Declaração dos Direitos Humanos, pela conduta de incentivar o constrangimento, ridicularização e discriminação do cidadão não cisheterossexual. Essa atribuição de uma conduta promíscua poderia caracterizar crime de injúria, conforme o art. 140 do Código Penal Brasileiro, por atribuir a um indivíduo algo que lhe ofende a dignidade. O Direito Brasileiro, entretanto, não reconhece esse crime de forma coletiva, pelo fato de que a coletividade não possui honra subjetiva, e, na maioria dos casos, não é apontado um indivíduo específico. Porém, a partir do momento em que um cidadão começa a ser intimidado sistematicamente, recebendo o apelido de um personagem que carrega essas características negativas, configura-se o bullying, que pode caracterizar a injúria. Portanto, embora os programas de humor que utilizam desses estereótipos negativos e ridicularizadores não incorram diretamente em crime de injúria conforme o art. 140 do Código Penal Brasileiro, eles afrontam a dignidade da pessoa humana art.1º, III, Constituição Federal e incitam a discriminação e o preconceito tipificada no art.20 da Lei 7.716, fato que deveria por si só coibir e até aniquilar dos quadros humorísticos personagens com estereótipos negativos e vexatórios.

Palavras-chave: Humor; Homofobia; Preconceito.

DIREITOS HUMANOS E GÊNERO: PROJETOS DE VIDA DAS ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO

Taciane Eloisa de Camargo
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR
taciane.eloisa@pucpr.edu.br

Cezar Bueno de Lima
Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR
c.bueno@pucpr.br

Resumo: Ao observar a história da mulher, nota-se que é marcada pelo estabelecimento de uma estrutura patriarcal, uma vez que o machismo não é fruto do acaso ou da natureza humana, sendo ele criado, inventado e construído pela própria sociedade para atender determinados grupos, no contexto do modo de produção capitalista. O sistema educacional colabora com a manutenção de ideias arcaicas e naturalizadas em relação à identidade de gênero, sendo apresentado, desde a infância, modelos de mulheres e homens com bases sexistas, racistas e classistas. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos e em todos os documentos nacionais e internacionais relacionados aos Direitos Humanos, a educação é reconhecida como meio fundamental para sua garantia e defesa. Portanto, a escola, como espaço integrante e socializador, possui um papel primordial nas articulações das manifestações das diversidades. O objetivo do artigo é analisar os processos históricos, econômicos e socioculturais que engendram a violação dos Direitos Humanos das jovens alunas no espaço escolar. As questões que norteiam a análise são: qual o impacto da conclusão dos estudos na construção do projeto de vida das adolescentes do ensino fundamental e médio? Como a violação dos Direitos Humanos das alunas é vivenciado e identificado no cotidiano no espaço escolar? No campo da pesquisa empírica, operacionalizou-se a estudo por meio de pesquisa-ação, visando compreender e identificar a violação dos Direitos Humanos das estudantes dentro do espaço escolar e enfatizar o reconhecimento da necessidade de mudanças e possíveis soluções, incluindo a implementação de iniciativas de intervenção e/ou ação, no sentido de aliar pesquisa e ação simultaneamente.

Palavras-chave: Direitos Humanos; alunas; conflitos; espaço escolar; educação.

A NARRATIVA UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E SUA VISÃO COMPLEXA

Ellen Cardoso Serra
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB
ellenserra30@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como seu principal objetivo demonstrar os problemas que a universalidade dos direitos humanos, que marca a história do direito internacional dos direitos humanos no Ocidente, gera por resumir realidades diversas em normas abstratas, ignorando relações por vezes historicamente coloniais entre países. Com isso em mente parte da narrativa ocidental dos direitos humanos, e de como esta se formou, de modo a analisar o porquê de partir da ideia de universalidade ser produto desta. Por conseguinte, pensando na universalidade dos direitos humanos, problematiza se os direitos humanos são, de fato, de todas as pessoas. Por fim, examina as visões abstratas, de onde parte a universalidade dos direitos humanos, local e complexa, focando nesta última como uma possibilidade de superação do ideal universalizador

da visão ocidental. Para cumprir com os seus objetivos, esta pesquisa, básica quanto a sua natureza e exploratória aos seus objetivos, promove revisão bibliográfica de obras teóricas sobre os direitos humanos, principalmente da obra crítica de Joaquín Herrera Flores.

Palavras-chave: Direitos humanos. Direito internacional. Teoria crítica.

BREVE ANÁLISE SOBRE OS DIREITOS HUMANOS NA LEGISLAÇÃO EMPRESARIAL BRASILEIRA

Fabio Garcia Leal Ferraz
Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho" – UNESP
fabio@bernardinivadogados.com.br

Kelly Cristina Canela
Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho" – UNESP

Resumo: Este trabalho busca de forma concisa uma exploração conceitual e legal dos direitos humanos aplicáveis às empresas brasileiras, passando desde os direitos humanos e as constituições federais brasileiras, bem como tratando da relação dos direitos humanos e o capitalismo, e, ainda, analisando a legislação de direitos humanos na esfera empresarial brasileira. Em um primeiro momento deste trabalho, será feita uma abordagem sobre os direitos humanos no Brasil, sua história e como o legislador os recebeu e os consagrou dentro no ordenamento jurídico brasileiro, especialmente nas constituições federais. Em um segundo momento tratar-se-á da relação dos direitos humanos com o capitalismo, em que, teoricamente, há maior ponto de conflito por envolver aparentemente interesses antagônicos. Posteriormente, para finalizar o trabalho, passar-se-á a tratar da legislação específica sobre direitos humanos, especialmente no Brasil. A metodologia utilizada na pesquisa foi o método analítico dedutivo, em que se busca com bastante afinco uma exploração, ainda que breve, sobre questões conceituais, legais e principiológicas acerca dos direitos humanos, além de sua real necessidade e formas possíveis de implantação às empresas, em que os objetivos almejados aparentam ser antagônicos aos direitos humanos. A principal questão que se pretende responder, ainda que de forma geral, é se a legislação brasileira é ou não suficiente para coibir infrações aos direitos humanos no ambiente empresarial.

Palavras-chave: Direitos humanos; empresas; capitalismo.

TERRITÓRIO POLÍTICO: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO-AÇÃO “MEU VOTO SERÁ FEMINISTA”

Raabe Cesar Moreira Bastos
Graduanda e bolsista, pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), de Iniciação Científica no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
raabebastos19@gmail.com

Gabriela Santos Alves
Orientadora. Pós-doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades – UFES
gabriela.alves@ufes.br

Resumo: O artigo visa a análise, a partir de autorias ligadas à teoria feminista contemporânea e dos discursos, do projeto-ação “Meu voto será feminista” na promoção da paridade de gênero na política e na criação de ambiente que viabiliza memória a respeito de mulheres candidatas. Produzindo artigos jornalísticos, vídeos e variadas outras mídias para as redes sociais, o projeto protagoniza mulheres candidatas em suas interseccionalidades, pautando as que possuem uma representatividade real e efetiva, não elencando-as apenas por sua categoria de gênero, mas, antes, preocupando-se com consciência de classe, noções de privilégios e pautas relevantes para minorias. As ações do “Meu voto será feminista” contam também com a explanação de termos e feitos feministas, leis que tocam as vivências de mulheres e mapeamento das construções de discursos negativos sobre mulheres candidatas. O papel desempenhado nas comunicações do projeto visa o fomento da cultura de voto em mulheres para que haja a desconstrução de noções como a de que a política é realizada por e para homens, bem como explana realizações das mulheres que ocupam lugares públicos, sendo estímulo para que outras se coloquem em tais espaços, construindo identidades pautadas no rompimento do ideal de espaço privado como feminino e espaço público como masculino. Toda a mídia realizada por “Meu voto será feminista” perpassa questões quanto a legitimação de determinados discursos que se referem aos corpos de mulheres em seus espaços públicos e privados, de forma que se trata de um projeto-ação visando visibilidades e esclarecimentos quanto aos ambientes e corpos políticos. Portanto, a análise se dará a partir da cobertura do projeto-ação “Meu voto será feminista” das mulheres candidatas nas eleições de 2022.

Palavras-chave: mídia; memória; teoria feminista; mulheres candidatas; identidade.

SUPERENCARCERAMENTO FEMININO, SELETIVIDADE PENAL E MONITORAMENTO ELETRÔNICO: A LIBERDADE VIGIADA, SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES ENQUANTO DISPOSITIVO TECNOPENAL À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS

Lavinia Rico Wichinheski
Universidade Regional do Noroestes do Rio Grande do Sul – Unijui
lavinia.wichinheski@sou.unijui.edu.br

Resumo: No Brasil, entre os anos de 2000 a 2016, a taxa de apriosamento de mulheres teria representado um aumento de 656%, enquanto a população prisional masculina teria crescido apenas 293%. Nesta seara, vislumbra-se que o aumento do encarceramento feminino no Brasil possui relação direta com a institucionalização da desigualdade de gênero, ou seja, o estado promove um discurso excludente e punitivista em relação as mulheres. As mulheres presas representam em sua maioria a clientela do sistema prisional que é composta por jovens, negras, de baixo grau de escolaridade e mães solteiras. Nesse sentido, a presente dissertação objetiva avaliar o viés instrumental da monitoração eletrônica no âmbito jurídico-penal em relação ao enfrentamento do superencarceramento feminino no Brasil, à luz da efetivação da Lei de Execuções Penais (Lei nº 7.210/1984), e da Resolução nº 412/2021 do Conselho Nacional de Justiça. Assim, o monitoramento eletrônico como uma ferramenta de substituição da pena privativa de liberdade e uma medida de ressocialização da mulher condenada encontra-se próximo de uma política penal de boas intenções, e portanto, é de suma importância observar quais são os limites de possibilidades do monitoramento eletrônico de mulheres como método de enfrentamento a seletividade punitiva brasileira, bem como, de humanização da execução penal. A presente dissertação fora desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - UNIJUI, possui

concentração na área dos Fundamentos e Concretização do Direitos Humanos. A mesma é fruto de uma das integrantes do grupo de pesquisa Rede de Mediação Sanitária e Biopolítica e Direitos Humanos. Para o êxito na elaboração da temática contou com a orientação da professora Dr^a Rosane Teresinha Carvalho Porto e Co-orientação do Coordenador do Mestrado do mesmo programa Maiquel Ângelo Dezordi Wermuth. A pesquisa será do tipo exploratória, com método de abordagem hipotético-dedutivo.

Palavras-chave: Mulheres; Desigualdade; Sistema Prisional; Direitos Humanos; Monitoração Eletrônica.

PROTEÇÃO AOS DIREITOS DA CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE CONFLITOS ARMADOS – UMA ABORDAGEM CLIL NO ENSINO DE INGLÊS PARA MISSÕES DE PAZ DA ONU

Israel Alves De Souza Júnior
Universidade de Taubaté
oficialisrael@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho foi desenhar e implementar uma unidade didática sobre proteção à criança em ambientes de conflitos armados, no campo das relações internacionais, sob o viés da abordagem de aprendizagem integrada de conteúdo técnico e linguagem específica, doravante CLIL, como parte do material para o ensino de língua inglesa para oficiais do exército brasileiro, designados para participarem de missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU). O desenho de uma unidade CLIL explicita quatro elementos básicos: conteúdo (conhecimento e habilidades), comunicação (língua para aprender e linguagem para usar), cognição (teorias e conceitos) e cultura (perspectivas e consciência sobre o outro – o indivíduo). Trata-se de um contexto específico de ensino-aprendizagem dual – língua inglesa e conteúdo técnico para formação do soldado da paz. A unidade de Proteção à Criança trabalha os aspectos da linguagem, além de apresentar conteúdos como definição do conceito de criança à luz do Direito Internacional Humanitário; vulnerabilidades e necessidades da criança; impactos de conflitos armados em crianças; direitos e violações; Direitos Humanos; a Convenção dos Direitos da Criança (1989); recrutamento e trabalho infantil; proteção à criança em missões de paz da ONU; dentre outros. O presente trabalho faz parte do desenvolvimento de minha pesquisa no curso de mestrado em Linguística Aplicada, da Universidade de Taubaté, que apresentará uma proposta de jogo sobre o tema, na modalidade Role Playing Game (RPG), a ser utilizado em sala de aula, a partir dessa unidade didática, integrando o curso intensivo de inglês para missões de paz e de ajuda humanitária, do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), localizado na cidade do Rio de Janeiro. A turma foi composta por oficiais do Exército Brasileiro, nos postos de capitão e major, com níveis de proficiência A2/B1, de acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência (CEFR). Para a elaboração da unidade didática CLIL sobre Proteção aos direitos da criança, utilizou-se como aporte teórico básico as Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU) e outros documentos oficiais da ONU sobre Direitos das Crianças e Proteção às Crianças em áreas de conflito; as concepções sobre o ensino de línguas de Richards e Rodgers (2014); as visões da abordagem CLIL de Coyle, Hood e Marsh (2010) e de Bovellan (2014); os estudos de Prabhu (1987), Willis (1996) e Ellis (2003) sobre a aprendizagem de línguas baseada em tarefas; e o conceito de Língua para Fins Específicos (LinFE) de Hutchinson e Waters (1987), Paltridge e Starfield (2013) e Ramos (2019). O delineamento metodológico desta pesquisa foi de epistemologia qualitativa-interpretativista, do tipo bibliográfica, na primeira fase; e do tipo pesquisa-ação no segundo momento. A partir dos resultados obtidos com a proposta dessa unidade didática, foi possível

observar que a abordagem CLIL, em articulação com a abordagem LinFE, contribui para o desenvolvimento da autonomia dos oficiais, utilizando a língua inglesa como veículo comunicativo, em prol de seu trabalho para a proteção dos direitos dos vulneráveis e promoção da paz em ambientes de crise e conflitos armados.

Palavras-chave: Direitos da Criança; Língua Inglesa; CLIL; ONU.

DROGAS E JUSTIÇA RESTAURATIVA: POSSIBILIDADES, LIMITES E DESAFIOS

Robson Augusto Mata de Carvalho
Faculdade Luciano Feijão – FLF
robson-mata@hotmail.com

Kariny Anselmo Souza
Faculdade Luciano Feijão – FLF
karinyasouza1@gmail.com

Resumo: O objetivo central da pesquisa foi analisar por que o uso de abordagens restaurativas nos delitos de drogas da Lei nº 11.343/06 não contribui para a redução do encarceramento. Desde o seu surgimento no Brasil, a Justiça Restaurativa vem sendo apresentada como um modelo de justiça mais adequado - do que o modelo de justiça criminal tradicional - para lidar com os conflitos. Seus defensores enaltecem o potencial da Justiça Restaurativa para emponderar as partes envolvidas, promover responsabilidades, prevenir crimes e diminuir o encarceramento. Mas afinal, a Justiça Restaurativa judicial vem concretizando os seus objetivos? A Justiça Restaurativa brasileira constitui uma alternativa ao encarceramento? Os programas existentes são suficientes e incluem os crimes considerados graves, como os crimes de drogas? O que pensam os magistrados que têm experiências com abordagens restaurativas nestes delitos? A fim de compreender estas e outras questões, a pesquisa levou em consideração três objetivos específicos: 1) analisar o controle penal internacional e brasileiro das drogas; 2) analisar as possibilidades, os limites e os desafios da Justiça Restaurativa nos delitos de drogas; 3) analisar as percepções dos magistrados que têm experiência com práticas restaurativas nos delitos de drogas. Para dar conta destes objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. De natureza interdisciplinar, as análises teóricas contemplam autores dos campos de formação dos pesquisadores, Direito e Psicologia; em especial, da Criminologia Crítica (ACHUTTI, 2016; ANDRADE, 2018; PALLAMOLLA, 2009; ROSENBLATT, 2014). Além da pesquisa teórica, utiliza-se da pesquisa empírica. Foram entrevistados profissionais de cinco cidades brasileiras: São Paulo; Curitiba; Ponta Grossa; Maringá e Rio de Janeiro. O critério, utilizado para escolha dos sujeitos da pesquisa, foi a experiência profissional com abordagens restaurativas nestes delitos. A hipótese, formulada no projeto de pesquisa, era de que a ausência de programas restaurativos, que contemplem os crimes considerados graves, bem como a inexistência de programas que constituam uma alternativa à prisão, impossibilitam uma diminuição significativa do encarceramento. A hipótese complementar era de que a Justiça Restaurativa não vem sendo aplicada à maioria dos crimes de drogas previstos na lei de drogas. Com o desenvolvimento da pesquisa, as hipóteses foram confirmadas. A tese dos autores é que a Justiça Restaurativa, nos crimes de drogas, não vem sendo usada com uma alternativa ao encarceramento.

Palavras-chave: Política Criminal de Drogas; Sistema de Justiça Criminal. Encarceramento; Crimes de Drogas; Justiça Restaurativa.

POLÍTICA CRIMINAL DE DROGAS NO BRASIL: SELETIVIDADE PENAL E ENCARCERAMENTO EM MASSA

Robson Augusto Mata de Carvalho
Faculdade Luciano Feijão – FLF
robson-mata@hotmail.com

Margarida Pontes Timbó
Faculdade Luciano Feijão – FLF
professoramargaridafLf@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa analisa a atuação do Sistema de Justiça Criminal brasileiro nos crimes de drogas previstos na Lei nº 11.343/06. Objetiva perscrutar tratados internacionais de controle de drogas; examinar a legislação penal e as políticas criminais de drogas no Brasil e abordar o art. 33 da referida Lei, conforme reflexões existentes no âmbito da Criminologia. Os impactos sociais decorrentes do atual modelo de Política Criminal de Drogas e as experiências acadêmicas e profissionais dos autores motivaram o desenvolvimento desta pesquisa. No Brasil, o fracasso da Política Criminal de Drogas é consenso entre os especialistas do assunto (BOITEUX, 2010; CARVALHO, 2013; VALOIS, 2017). Trata-se de uma política cara e ineficiente que prioriza o combate aos microtraficantes e não afeta o mercado bilionário das drogas. Além do alto custo dos processos de conhecimento, de execução penal, do financiamento das políticas repressivas, verifica-se ainda um aumento exorbitante nos índices de encarceramento, chegando a mais 900 mil presos. Deste universo, o crime de tráfico de drogas representa 30,28% (DEPEN, 2021). O discurso proibicionista, as limitações da Lei de Drogas e a forma como a administração pública e o Poder Judiciário lidam com o problema das drogas colaboram para o seu agravamento. A Política Criminal de Drogas no Brasil adota um proibicionismo moderado. A sua legislação reflete em larga medida os tratados internacionais dos quais o país é signatário e apresenta dois sistemas de controle diferenciados: 1) para o tráfico de drogas o controle penal manifesta-se na forma do proibicionismo clássico, com a previsão de penas altas; 2) para o usuário ou dependente de drogas, a Lei não prevê mais a pena de prisão, mas sim as medidas educativas, tanto de tratamento quanto de reinserção ao convívio social. Observa-se uma dificuldade jurídica de se estabelecer a diferença entre “usuário” e “traficante”, devido à ausência de critérios objetivos. Além disso, o funcionamento do Sistema Penal revela que a distinção ocorre de maneira seletiva e reforça desigualdades. A Lei de Drogas nº 11.343/06 foi criada com o propósito de enfrentar de forma mais enérgica o crime organizado, mas na prática atinge, sobretudo, os mais vulneráveis da cadeia de comercialização e de uso das drogas. A resistência e a violação ao princípio constitucional da proporcionalidade na aplicação do art. 33 pelos magistrados colaboram para o encarceramento em massa. O perfil das pessoas em flagrante consiste na maioria em jovens e mulheres negras, comumente, presas sozinhas, desarmadas e com pequena quantidade de droga.

Palavras-chave: Política Criminal de Drogas; Sistema de Justiça Criminal; Encarceramento; Crimes de Drogas; Prisão.

ASSISTÊNCIA SOCIAL NO CAMPO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL: INTERSETORIALIDADE NA GARANTIA DO DHAA EM MANAUS/AM

Elizabeth Cristina Castro Gomes
Assistente Social na Universidade Federal do Amazonas – UFAM
elizabethgomes798@gmail.com

Resumo: O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), instituído dentre outros documentos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, se caracteriza como o direito de todas as pessoas a terem acesso regular, permanente e irrestrito, diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas, respeitando as tradições culturais dos povos e garantindo uma vida plena nas dimensões física, mental, individual e coletiva. Nesta direção, o DHAA se configura como indispensável à sobrevivência humana e um pré-requisito para a realização de outros direitos humanos fundamentais, os quais de forma conjunta representam estratégias de enfrentamento às desigualdades sociais. Reconhecendo a importância e a necessidade de debater o direito à Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) no processo de desenvolvimento humano e social dos indivíduos, o presente trabalho tem como objetivo discutir o aspecto intersetorial das políticas públicas de assistência social e de SAN na garantia do DHAA, tendo como referência os profissionais atuantes na Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS) do Amazonas, com sede em Manaus. Os dados expostos foram organizados mediante pesquisa bibliográfica, documental e de campo, considerando a articulação deste estudo a uma pesquisa de Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no ano de 2020.

Palavras-chave: Assistência Social; Segurança Alimentar e Nutricional; Intersetorialidade.

DA IMPARCIALIDADE DO JUÍZO À PARCIALIDADE DO DISCURSO: REFLEXÕES ACERCA DA AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE POR OMISSÃO Nº 26/DF

Francisco Weyder Monteiro de Oliveira
Mestrando do Curso de Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre –
PPGLI/UFAC
francisco.weyder@sou.ufac.br

Resumo: A pesquisa visa demonstrar o percurso jurídico-discursivo que norteou a construção argumentativa do Supremo Tribunal Federal, em oposição às estratégias discursivas adotadas pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE, enquanto *amicie curae*, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão Nº 26/DF. Para isso, é profícuo identificar os recursos jurídicos-discursivos utilizados pela ANAJURE contrários ao pedido de criminalização de condutas homofóbicas, pleiteado pelo Partido Popular Socialista na ADO Nº 26/DF; comparar as concepções jurídico-discursivas de direitos humanos fundamentais construídas pela ANAJURE e pelo STF na ADO Nº 26/DF que criminalizou a homofobia e entender os aspectos histórico-culturais que fundamentaram o entendimento da Suprema Corte de Justiça brasileira na equiparação do crime de racismo ao de homofobia, considerando, para isso, a abordagem qualitativa de pesquisa, a fim de elucidar a razão pela qual o poder legislativo se manteve inerte à criminalização de condutas homofóbicas. O método de análise aplicado ao Acórdão do STF é o dos estudos do discurso, principalmente, a partir de

Foucault, associado aos estudos culturais de Hall, desvelando como o discurso forense, (in)visibiliza e (in)valida a existência de minorias, em especial a LGBTQIA+. O objeto de pesquisa é a ADO Nº 26/DF, especificamente a petição de ingresso da ANAJURE, enquanto amicie curae e o voto do relator, o Ministro Celso de Melo.

Palavras-chave: Discurso; Criminalização; Direitos Humanos.

O LUGAR DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA E. E. E. M. PROFA. FLORENTINA DAMASCENO, SANTA LUZIA DO PARÁ – PA

Francisco Cláudio Araújo de Castro da Paz
Universidade Federal Do Pará – UFPA
francisco_slp@hotmail.com

Ana Paula Vieira e Souza
Universidade Federal Do Pará – UFPA
paulladesa@ufpa.br

Resumo: As diferentes experiências históricas de violação de Direitos Humanos (DH) provocaram o surgimento de variados diplomas internacionais e documentos nacionais orientadores pautados no compromisso com a garantia e salvaguarda da dignidade humana. Entre o conjunto de declarações e documentos destacam-se os que enfatizam a Educação em Direitos Humanos (EDH), voltados a difundir a cultura de Direitos Humanos e ressaltar o seu papel para a construção de uma sociedade justa, equitativa e democrática, suscitando o desenvolvimento de valores, o fortalecimento de atitudes e a promoção de comportamentos que respeitem a dignidade humana em todos os processos educacionais, como é o caso das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (DNEDH), instituídas por meio da Resolução n.º 1, de 30 de maio de 2012. Assim, o compromisso com a garantia e realização dos DH emerge na pós-modernidade como um dos componentes fundamentais das sociedades, especialmente no âmbito educacional, em que cada vez mais se amplia a pauta sobre a EDH. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar se o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Estadual de Ensino Médio (E.E.E.M.) Profa. Florentina Damasceno, localizada no município de Santa Luzia do Pará-PA, nordeste paraense, contempla a discussão da EDH. Parte-se, então, da seguinte problemática: De que forma o PPP da Escola Profa. Florentina Damasceno aborda o tema da Educação em Direitos Humanos? Pretende-se, também, identificar como o conteúdo e a organização dos componentes curriculares do PPP contemplam a referida temática. Metodologicamente, a pesquisa fundamentou-se nos princípios de abordagem qualitativa, tendo como método operacional a pesquisa de revisão bibliográfica envolvendo a relação entre Educação em Direitos Humanos (CANDAU; SACAVINO, 2015; CARBONARI, 2009; 2018; SEVERO, 2009; KLEIN; D'ÁGUA, 2015) e Projeto Político-Pedagógico (GANDIN, 2011; VEIGA; 1995; 2007; VASCONCELLOS, 1995; MARQUES, 1990), e documental, por meio do estudo dos principais documentos normativos que abordam a Educação em Direitos Humanos. Adotou-se como procedimento para avaliação dos resultados a análise de conteúdo, desenvolvendo-se em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos dados, inferência e interpretação. Ainda que o PPP da escola se empenhe em desenvolver algumas atividades voltadas para a discussão dos direitos e deveres, cidadania e gestão democrática, constatou-se que o referido documento não contempla taxativamente a discussão sobre a EDH. A pesquisa também permitiu inferir acerca dos alcances e limites desses componentes, a partir da verificação de alguns elementos previstos no documento que,

certamente, não exauram a complexidade e a abrangência que a temática requer. Pelo todo, espera-se que as contribuições apresentadas com esta pesquisa possam atentar para a importância de se trabalhar o tema da EDH nos Projetos Político-Pedagógicos das escolas, não apenas como mera observância às DNEDH e ao Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, lançado em 2003, mas como um compromisso ético com a cultura escolar dos Direitos Humanos, estimulando o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o tema e, conseqüentemente, práticas pedagógicas orientadas pelo princípio do respeito à dignidade humana. Conclui-se que o PPP pode servir como um aliado à promoção da Educação em Direitos Humanos.

Palavras-chave: Educação em Direitos Humanos; Projeto político-pedagógico; Escola Profa. Florentina Damasceno.

O COMBATE AO TERRORISMO INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI E AS IMPLICAÇÕES NEGATIVAS PARA OS DIREITOS HUMANOS

Marco Aurélio Cardoso
Universidade do Porto - Faculdade de Letras
marcoaurelio1469@uft.edu.br

Resumo: Pensar o conceito de razão e Estado e sua relação com a Democracia de emergência e segurança no combate ao terrorismo internacional no século XXI e as implicações junto aos direitos humanos é o que motiva esta proposta de comunicação. A vinculação destes três conceitos na guerra contra o terrorismo a princípio parece ser algo simples, mas trata-se de uma relação demasiadamente complexa e intrincada do ponto de vista político, ético, jurídico e social. Essa abordagem teórica dos referidos temas, em particular as dificuldades e incertezas terminológicas, garantem a polissemia destes conceitos hodiernamente, principalmente no que tange ao conceito de Democracia de Emergência e sua vinculação com o direito constitucional e os direitos humanos. O conceito de emergência é uma temática clássica da reflexão política e jurídica, tornando-se recorrente no século XXI devido a grande escalada do terrorismo internacional, sobretudo nos Estados Unidos da América e no Continente Europeu, provocando pânico e medo na população e gerando forte crise econômica. Um ataque terrorista, que pode levar a uma democracia de emergência, é imprevisível e pode se suceder a qualquer momento. A ideia de emergência é estritamente ligada a uma situação de crise; termo este utilizado para sanar um momento crítico. Nas duas últimas décadas, presenciamos modificações constitucionais onde a utilização de poderes emergenciais referentes as questões políticas securitárias se sobressaem as questões jurídicas e as liberdades civis. E como se o governo democrático público cedesse lugar a um governo político autoritário para lidar com as ameaças junto ao espaço público, que acaba sendo uma característica quase nova dos Estados liberais na atual conjuntura. A política emergencial do governo estadunidense e do governo francês, para combater a ameaça terrorista e as conseqüências para os direitos humanos e as liberdades públicas, portanto, é o que pretendemos apresentar nesta comunicação. Para tal exposição, utilizaremos da literatura filosófica-política recente de autores italianos, portugueses e brasileiros para desenvolver tal problemática.

Palavras-chave: Razão de Estado; Democracia de Emergência; Segurança, Direitos Humanos; Liberdade.

VOZES PERIFÉRICAS: RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

Kátia Cilene Souza Alcântara
Mestranda do curso profissional em Letras – Profletras, Campos São Cristóvão/SE –
Universidade Federal de Sergipe – UFS
katia.alcantara@academico.ufs.br

Darcy dos santos
Mestranda do curso profissional em Letras – Profletras,
Campos São Cristóvão/SE – Universidade Federal de Sergipe – UFS
santos-darcy@hotmail.com

Orientadora: Leilane Ramos da Silva – Universidade Federal de Sergipe – UFS

Resumo: O comportamento linguístico no Brasil evidencia a estratificação social inerente ao território nacional, pois a linguagem que foge à norma linguística de prestígio é estigmatizada pelos puristas da língua. Pensarmos em uma língua homogênea foge a realidade linguística, principalmente no Brasil, devido a sua dimensão e especificidades. A escola que deveria ser um espaço de respeito às diversidades linguísticas, afirma os domínios institucionalizados pela sociedade, indo de encontro à realidade dos educandos. Segundo Bortoni (2005), o prestígio associado ao português padrão é um valor cultural de herança colonial, por isso devemos questioná-la, desmistificá-la e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais. Partindo deste princípio e respeitando a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, este trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão sobre a variação linguística periférica através do letramento crítico, a partir de uma análise da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, pois nas suas escrituras incursas nos textos há a voz da ancestralidade, através de marcas identitárias dos indivíduos e dos ambientes que estão inseridos. Estamos desenvolvendo o projeto junto a alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de Laranjeiras/SE, devido a muitos alunos fazerem parte de uma comunidade quilombola, mas não compreenderem a força e a contribuição do povo preto para a construção do Brasil, e quase sempre aceitarem o papel de coadjuvante que é imposto por uma sociedade eurocêntrica. Como pressuposto teórico, embasamo-nos na pedagogia da variação linguística de Faraco (2015), na sociolinguística educacional de Bortoni (2005) e nos padrões sociolinguísticos de Labov (1972), Fanon (2008), Evaristo (2014) Kilomba (2020). Nosso propósito é o de que os educandos sejam afetados e busquem a afirmação da sua identidade, despertem para a consciência de respeitar os seus falares e, por extensão, percebam a importância de ampliar os seus repertórios linguísticos.

Palavras-chave: Letramento crítico; variação linguística periférica, Lei 10.639/2003.

PRODUÇÃO DE CORPOS DOCENTES NA ARTE CINEMATOGRAFICA DE ESCRITORES DA LIBERDADE E CARROSSEL

Simone da Silva Pinheiro
Universidade Federal do Acre – UFAC
simonefeniz30@gmail.com

Resumo: O seguinte trabalho tem por objetivo debater como os corpos docentes “Femininos” são produzidos por toda uma ordem discursiva. E para debater essa discursividade de passividade, vou analisar duas obras artísticas, *Escritores da Liberdade* (2007), obra

cinematográfica Norte Americana e a outra obra é a Novela Mexicana Carrossel (2017), mas versão em análise é regravação da obra pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Essas obras têm como ponto em comum personagens PROFESSORAS. Essas profissionais são narradas como mulheres pacíficas, assexuadas, responsáveis por todos os problemas das suas salas, além de submissas perante os maridos, pais, namorados, porém guerreiras quando estão em sala de aula. E com esse jogo de imagens a arte cinematográfica produz na sociedade um sentido heteronormativo de profissional no campo da educação. Profissional a serviço de uma arte neoliberal que se constrói acima de sentidos econômicos, pois munidos de um conjunto de imagem nossos corpos são capturados e posto dentro de um território de controle de subjetividades. Assim o movimento dos dispositivos neoliberais determina como ser na vida, na escola, na sociedade através do encanto da arte. Diante destes jogos de imagens surgiu em me os seguintes questionamentos: Como deve ser o corpo das professoras? Por que aceitamos condições alheias de trabalho? Por que temos sensações de culpa perante os erros? Então para responder essas perguntas e analisar como obras “ingênuas” captura subjetividades recorro aos estudiosos e teóricos do discurso como Michel Foucault, Nilton Milanez, David Le Breton.

Palavras-chave: Corpo; Professor e discurso.

OS RESQUÍCIOS DA COLONIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE MOÇAMBIQUE E BRASIL

Florentino Maria Lourenco
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
florentinomarialourenco@gmail.com

Cristiane Saraiva Bonifácio
saraivabonifaciocristiane@gmail.com

Resumo: A escrita é atravessada por um período em que se observa a crise humanitária instalada em Moçambique devido aos ataques terroristas na região norte do país, e no Brasil ainda se vive e se sobrevive mergulhados nos impactos da pandemia da COVID-19, tendo se atingido a terrível marca de 685.374 mil óbitos em setembro de 2022 (PAINEL COVID, 2022). Acontecimentos estes que testam um processo inacabado de formação dos Estados moçambicano e brasileiro desde a proclamação das suas Independências Nacionais. Trata-se de um processo de constantes rupturas, quer no campo de desenvolvimento socioeconômico, quer no campo de afirmação das suas identidades pluriculturais que exigem um olhar focado na diferença nos campos da política e, sobretudo, no da educação popular, pública, laica e de qualidade, enquanto direito de todo cidadão. Este texto tem a intenção de discutir de forma (multi)(inter)disciplinar os inacabamentos dos processos de edificação de Nação de/para Todos, uma utopia das Constituições de República de 1988, em Brasil, e 1990, em Moçambique. Como metodologia, cartografa-se as amarras da “herança” colonial que ainda se encontram marcantes no pensamento “democrático” das duas nações, partindo das reflexões que nos saltam a vista ao entrar em contato com as leis 4/83, 23 de Março, lei 6/92 de 6 de Maio, 18/2018 de 28 de Dezembro, em Moçambique, instituem e regulam o Sistema Nacional de Educação e a 10.639/2003 e a 11.645/2008 que tornaram, no Brasil, obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira no Currículo Escolar. Parte-se das reflexões do filósofo moçambicano Severino Ngoenha, em “Filosofia Africana: das independências às liberdades”; Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil”; Homi Bhabha em “Local da Cultura”, sobre às questões raciais no Brasil parte-se Kabengele Munanga: “Superando o racismo na escola”, a fim de se compreender os processos de constituição dos Estados e da Sociedade nos dois

territórios. Os teóricos em questão auxiliam no estabelecimento das verosimilhanças que corporizam as políticas públicas dos Estados. Utilizando uma abordagem qualitativa, apega-se ao estudo comparado, recorrendo-se ao corpus bibliográfico delimitado, com objetivo de contribuir para o (re)posicionamento das futuras políticas públicas de desenvolvimento nacional e consolidar a consciência de identidade, cidadania e democracia nos dois países. Como pesquisadores negros, este exercício de reflexão, serve para se compreender os processos históricos sobre o acesso à educação, a participação e a valorização da diferença cultural como parte constitutiva dos dois estados, objetivando-se estabelecer um paralelo interpretativo entre política, sociedade e Estado porque neles se fundem os valores históricos, éticos e ideológicos que contribuem para a construção dos sujeitos conscientes da sua realidade. Por ser uma escrita que ocorre em tempos de renovada esperança, um mês após a eleição presidencial no Brasil, encaixa-se como elemento central para reiterar forças e energias utópicas ligadas à construção de projetos de Estados soberanos.

Palavras-chave: Estado, política educacional, colonização, resistência.

O PÃO QUE A GENTE COMPARTILHA: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS E ENCANTADAS NO TERRITÓRIO ESCOLAR

Ana Paula da Silva Pena

Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer na
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
paulavalentinetatro@gmail.com

José Alfredo Oliveira Debortoli

Professor dos Cursos de Graduação em Educação Física EEFFTO/UFMG; Professor do
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer EEFFTO/UFMG. Participa da
Coordenação do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social - NAPrática, onde
desenvolve estudos relacionados com os temas: Infância, Cultura, Saberes Tradicionais e
Educação
dbortoli@eeffto.ufmg.br

Resumo: Com o intuito de compreender o território escolar como campo de experiências significativas de lazer, este trabalho apresenta uma investigação do impacto de atividades relevantes no território escolar e suas potências transformadoras. Além disso, pretende-se refletir sobre o engajamento dos jovens de uma escola pública do interior de Minas Gerais em relação às atividades estéticas e artísticas. Busca-se investigar as possíveis transformações no ambiente escolar a partir de experiências estéticas, culinárias e artísticas, juntamente com um grupo formado por professoras(es), estudantes e outros sujeitos educadores do cotidiano escolar, como as(os) merendeiras(os), pedagogas e faxineiras. Para alcançar os objetivos propostos, os processos metodológicos estão pautados na noção de pesquisa colaborativa da professora Maria Inês Goulart e no saber encantado dos professores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. Vale mencionar que para que as mudanças ocorram no ambiente escolar, pressupõe-se a necessidade de uma ação colaborativa realizada por todos os sujeitos do território. Além disso, deve-se considerar que os saberes são mutáveis e estão em eterno fluxo de cruzamento, ou seja, não há um saber dominante. Por fim, os processos metodológicos convidam os(as) participantes às atividades outras dentro do território escolar, tais como: partilhar a experiência de produzir e comer um pão; partilhas de memórias individuais e coletivas relacionadas aos sentidos (sabores, aromas e texturas).

Palavras-chave: Atividades Significativas; Saberes Encantados; Pão; Comunidade Escolar.

O DIREITO ÀS “COISAS FINAS E ESPIRITUAIS”: A EDUCAÇÃO (POPULAR) COMO INTERVENÇÃO – O CASO DA REDE EMANCIPA

Iolanda Silva Barbosa

Estudante do curso de mestrado PPGLIT – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
sbarbosa.iolanda@gmail.com

Resumo: Em sua Tese IV Sobre o conceito de História (1940), Walter Benjamin defende que “A luta de classes é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não há coisas finas e espirituais”. No Brasil de 2022, ainda sem se conseguir mensurar a amplitude dos efeitos catastróficos da pandemia de COVID-19 e dos anos de (des)governo Bolsonaro, pensar em direito e acesso a essas “coisas” pode parecer um deslocamento dos “problemas reais”. A necessidade de adoção do ensino remoto emergencial, por exemplo, estabeleceu novos paradigmas para se pensar a educação no Brasil. Se anteriormente já se sabia do problema da qualidade do ensino básico público no país, bem como a falta de acesso aos “bens culturais”, nesse novo contexto isso apenas se agravou. A falta de condições de acesso à estrutura e equipamentos que viabilizassem o acesso da maioria dos/das estudantes às atividades online, somada à crise socioeconômica já então em curso e ao ambiente de tensão, medo e morte, contribuíram para que esses dois anos longe da sala de aula alterassem, de vez, a trajetória de toda uma geração. Nisso, destaca-se principalmente a percepção de que a maioria dos/as jovens não têm a educação e a cultura como direito garantido em sua realidade cotidiana e mesmo desconsidera a continuidade dos estudos, ainda mais a educação superior, como um caminho possível. As consequências dessa problemática, especialmente a médio/longo prazo, se anunciam, benjaminianamente, catastróficas. Que fazer? Este trabalho, que se constitui um esboço de algumas análises e reflexões iniciais, parte da proposta dos cursinhos populares, em específico da experiência de atuação da Rede Emancipa, e de elementos de O jogo das contas de vidro (Hermann Hesse, 1943), para pretender uma possibilidade de intervenção ante a crise multidimensional.

Palavras-chave: Educação Popular; Direitos Humanos; Walter Benjamin; O jogo das contas de vidro.

A UTILIZAÇÃO DE RELATOS DE VIAJANTES DO SÉCULO XV NO CONTINENTE AFRICANO COMO UMA POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVAS VISÕES DE ÁFRICA

Yasmin Daniella D'Avila

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
yasmin.davila@maristas.org.br

Resumo: O presente trabalho foi construído a partir de minha vivência como educadora em História e mestranda em Ensino de História pela Universidade de Santa Maria (UFSM). Serão descritas e analisadas atividades pedagógicas realizadas em uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola da Rede Estadual do município de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, onde utilizou-se a literatura de relatos de viajantes, mais precisamente fragmentos do livro “Imagens da África: da Antiguidade ao Século XIX”, organizado por Alberto da Costa e Silva. O objeto de conhecimento trabalhado em aula foi a “Expansão Marítima Europeia” e a presença dos portugueses no continente africano no século XV. Baseando-se nos estudos decoloniais como referencial teórico, especialmente a ideia de Achille Mbembe (2001) sobre a visão que

temos sobre África, sendo ilustrada por momentos como o colonialismo, o apartheid e a escravidão, construindo assim uma “Degradação Histórica” do continente e suas comunidades, construiu-se a problemática de pesquisa/ação deste trabalho: “Como podemos ensinar e aprender História da África na Educação Básica para além da visão colonialista?”. A literatura utilizada serviu como instrumento de análise dos modos de vida, ações e a diversidade dos povos africanos em suas relações sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas quando do contato com os europeus, ou seja, buscou-se evidenciar a autonomia dos povos de África para além da interpretação de exploração e sofrimento que se constrói fundamentado em uma história tradicional e eurocêntrica, o que contribui para a fixação de estereótipos sobre a África e as/os africanas/os. Por meio das ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula concluiu-se que a literatura de relatos de viajantes, além de uma importante fonte histórica, pode ser usada de diferentes formas e responder a múltiplos questionamentos. Além disso, evidenciou-se o quão necessário é o trabalho sobre África a partir de uma perspectiva mais digna e que não se pautem em visões degradantes e estereotípicas.

Palavras-chave: Ensino de História; Relatos de Viajantes; Ensino de História da África; Educação e Decolonialidade.

ESCRITAS MIGRANTES COMO FORMAÇÃO E IDENTIDADE DE MULHERES NA DIÁSPORA: REFÚGIO NA EDUCAÇÃO

Rosane Pereira Marques

Doutoranda em Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Proped/UERJ
rosanepereiramarques@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho acadêmico objetiva compreender a potência das escritas migrantes considerando as como instrumento de formação de identidade, construção e fortalecimento na educação, bem como refúgio para, principalmente, mulheres negras, que migram em busca de conhecimento, qualificação e visibilidade. Essas escritas Migrantes trazem uma reflexão decolonial, de um corpo negro em constante Diáspora que, nas palavras, relata a escrevivência e a memória. Desta forma, busca-se entender a visibilidade e as contribuições destas escritas potentes no contexto da educação e dos direitos humanos, sobretudo, em situações de vulnerabilidade e também as questões que perpassam gênero, xenofobia, racismo e sobretudo, a importância da educação para mulheres e meninas- que ocorre paralelamente a feminização da migração. Como metodologia, foi realizada a revisão de literatura acerca da trajetória da migração de três escritoras africanas: as nigerianas Bucho Emecheta e Chimanda Ngozi Adichie, e a ruandesa Scolastique Muksonga, além da portuguesa Grada Kilomba e as norte-americanas Audre Lorde e Angela Davis.

Palavras-chave: Educação; Formação; Gênero; Migração.

COMEMORAR É EDUCAR MEMÓRIAS: A QUESTÃO DOS ‘300 ANOS’ DA BANDEIRA DO ANHANGUERA

Miriam Bianca Amaral Ribeiro

Faculdade de Educação/Universidade Federal de Goiás – FE/UFG
miriam_bianca_amaral@ufg.br

Esse texto se apresenta uma contribuição ao debate sobre os sentidos das comemorações e suas relações com a história pública e o ensino de história, e é também uma posição política e pública

quanto aos usos públicos da história para reafirmação e atualização da história hegemônica, tendo como objeto as ‘comemorações’ da chegada da bandeira do Anhanguera às terras goianas. Aqui, historiamos a construção da comemoração oriunda dos tempos imperiais, posto que os primeiros eventos nessa direção, acontecem em 1840 e de lá para cá, a história de Goiás, como contada pela hegemonia através dos tempos, consolidou esse marco fundador, à revelia da presença de grupos humanos por aqui, há, pelos menos, 11 mil anos e de todo o genocídio que se seguiu à ocupação bandeirante. Consideramos que comemorar reafirma uma ideia de história, sociedade e cultura. Nesse caso, a comemoração da chegada da bandeira está em uso pelo que dominam no presente e ensina, de maneira atualizada, a história inventada. Aqui em Goiás, grupos de professores de história se mobilizam para o contraponto a esse uso público da história da ocupação colonial, sob o *slogan* ‘O povo goiano não comemora a chegada de genocida’. Nos ajuda LeGoff, com o conceito de cultura histórica, seria o modo como as sociedades constroem e reconstroem seu passado ou o que as pessoas consideram sobre seu passado e também Raymond Willians, com o conceito de ressignificação, quando nos diz que ressignificamos o passado, de onde o que nos chega como resíduo, emerge com novos sentidos no presente e é, então, é ressignificado pelos interesses que nos cercam, agora.

A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO EQUIPAMENTO SOCIAL DE INCLUSÃO CULTURAL

Maria das Graças Monteiro Castro
Faculdade de Informação e Comunicação - FIC/UFG
gracamcastro@ufg.br

Lívia Ferreira de Carvalho
Faculdade de Informação e Comunicação - FIC/UFG
liviafc@ufg.br

Resumo: Para tratar da efetividade da biblioteca escolar no Brasil retomo aqui, a análise dos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2020, idealizada e realizada pelo Instituto Pró-Livro desde 2000 que configura e legitima um instrumento de medição e avaliação das práticas leitoras e dos equipamentos de leitura no Brasil. Apesar do senso comum de que a escola não tem conseguido promover a formação do sujeito leitor, a pesquisa nos apresenta uma contradição, é na escola e pela influência do professor que o leitor tem surgido. Tomando como referência quem indicou o último livro para a faixa etária entre 5 e 17 anos, o professor aparece como o maior responsável. Quando se pergunta pelo interesse pela literatura, nessa mesma faixa etária, a escola e o professor surgem como os maiores influenciadores. No conjunto desses indicadores o bibliotecário ou atendente da biblioteca são pouco referenciados. Quando vamos analisar as preferências de leitura reveladas a partir das formas de acesso e a presença e significado da biblioteca escolar na formação do leitor podemos perceber a invisibilidade e a falta de dados concretos desse equipamento social. Os dados apresentados não conseguem traçar um perfil, necessário e imprescindível, da natureza da biblioteca escolar e do acervo disponível, mas estabelece há uma relação direta entre os diferentes níveis de escolaridade e a motivação e a frequência de uso da biblioteca. Estes critérios são determinados pelas necessidades escolares: tarefas; trabalhos e indicações de livros literários. A biblioteca escolar aparece como a terceira possibilidade de acesso ao livro e, quanto maior a estrutura, melhor a relação do usuário com a biblioteca. No entanto, esses dados estão condicionados à escolarização, só frequenta a biblioteca quem estuda. O índice de pessoas que não frequentam a biblioteca é muito alto, em torno de 68%, determinado pela falta de tempo, gosto e

proximidade. No entanto, devemos considerar que é na escola que a maioria das crianças brasileiras têm contato com a formalização do texto escrito, por meio do livro didático e a literatura e caberia à biblioteca garantir e ampliar esse acesso mediante outros suportes informacionais essenciais à formação leitora. E, nesse sentido, algumas premissas precisam ser consideradas como condição para que possamos constituir a biblioteca escolar: a relação entre a escola, biblioteca, o livro e a leitura para compreendê-la como elemento constitutivo para a construção do capital do conhecimento acumulado ao longo da história, cujo registro tenha-se dado sob a forma do texto escrito.

Palavras-chave: Biblioteca escolar e inclusão social.

A LEITURA DE POEMAS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR NAS TURMAS DE SEXTOS ANOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE APARECIDA DE GOIÂNIA

Patrícia Silva Valverde Rodrigues
Mestrado Profissional – CEPAE – UFG
patriciavalverderodrigues@gmail.com

Célia Sebastiana Silva
CEPAE – UFG
celiasilva@ufg.br

Resumo: Esta proposta de pesquisa tem a pretensão de investigar as práticas pedagógicas de leitura literária nos sextos anos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Aparecida de Goiânia e como o gênero textual poema pode contribuir para a formação do aluno leitor. Percebeu-se o problema: por que os poemas não são trabalhados de forma efetiva, contextualizada e crítica nas turmas dos sextos anos? Como esse gênero literário pode contribuir para desenvolver a competência leitora nos alunos dessas turmas do ensino fundamental? O projeto apresenta argumentações teóricas estruturadas nos autores: Bakhtin (1997), Cândido (2011), Drummond (1974), Freire (2002, 2006), entre outros que enfocam assuntos relacionados a esse tema. A pesquisa desse trabalho buscará desmistificar, entre os professores de Língua Portuguesa, a crença de que trabalhar o gênero textual poema é de difícil manuseio pedagógico, e avaliar como os poemas podem contribuir para desenvolver a competência nas turmas dos sextos anos. A metodologia proporá como recurso didático-pedagógico a utilização dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, por compreender que esses podem auxiliar no processo de auto-conhecimento subjetivo e despertar o aluno a observar o objeto não de forma superficial, mas em sua essência, tornando-o capaz de reconhecer-se dentro de seu contexto e intervir sobre ele, emancipando a si e a seus pares. Tal projeto consiste numa sequência didática baseada nas obras *Boitempo I* e *Boitempo II* do autor Carlos Drummond de Andrade. Compreende-se que o incentivo à poesia motiva o aluno a utilizar a leitura como prática social. O produto educacional será a criação de um site interativo que divulgará como conteúdo a criação literária coletiva e subjetiva dos alunos durante o desenvolvimento do projeto.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Linguagens; Leituras Poemas; Formação do Aluno leitor.

A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE HUMANIZAÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Cleusa Alves de Sousa Vasconcelos
Mestranda em Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE – Universidade Federal de
Goiás – UFG
cleusaguapa@hotmail.com

Anna Maria Dias Vreeswijk
Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE – Universidade
Federal de Goiás – UFG
annamdv@ufg.br

Danilo Rabelo
Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE – Universidade
Federal de Goiás – UFG
rabelodanilo62@ufg.br

Resumo: Este trabalho, de natureza bibliográfica tem por objetivo discutir a relevância da literatura na desconstrução do preconceito racial no ambiente escolar e refletir sobre seu poder de humanização dentro da perspectiva de Antonio Candido e autores que abordam temáticas relacionadas à questão étnico-racial, tais como: Cândido (2004), Carth (2018), Moore (2007), Munanga (1990/2005), Rabelo (2015) e Zilberman (1990). A partir de uma revisão bibliográfica dos autores supracitados, foi realizada uma interface destes com as obras O Navio Negreiro-Tragédia no mar (1868) de Castro Alves (poesia abolicionista – em que o autor aborda o tema da escravidão no Brasil) e Pretinha, eu? (1997) de Júlio Emílio Braz, que trata as tendências preconceituosas no âmbito escolar. Realizou-se uma reflexão sobre a construção do racismo presente em ambas as obras, e as possíveis soluções para a desconstrução desse ato, a partir de leituras literárias realizadas em sala de aula. A escolha de tais obras se deu pelo fato de estarem situadas em momentos distantes, mas que se correlacionam em relação à temática abordada (persistência do preconceito racial) que perpassa séculos. Apresentou-se discussões e possibilidades metodológicas, tendo como aporte o texto literário, para que assim, o docente faça a diferença em sua prática, dentro do ambiente escolar, modificando o modo de agir não só dos alunos, mas também de toda a comunidade que faz parte desse ambiente.

Palavras-chave: Literatura; Humanização; Escola; Desconstrução racial.

DIREITO E LITERATURA: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES RUMO A UMA PRÁXIS HUMANISTA E ANTI-DISCRIMINATÓRIA - A LITERATURA COMO DIREITO: A LUTA POR REFLEXÕES DEMOCRÁTICAS NOS TRIBUNAIS BRASILEIROS

Yara Cristina Pismel de Paula Lima
Graduanda em Direito - Centro Universitário Uninorte
ycris13@gmail.com

Lisa Evangelista de Souza
Graduanda em Direito - Centro Universitário UVERSE
lisaevangelista.jus@gmail.com

Resumo: Em síntese, objetiva-se usar a literatura como referência jurídica para tornar a análise de casos um construto social democrático e respaldado, dirimindo as análises rasas feitas nos tribunais de direito, bem como vinculá-los ao campo da literatura. Outrossim, faz-se uma comparação qualitativa do movimento estadunidense “Law and Literature”, defendendo as abordagens interdisciplinares na formação de profissionais da área. Infere-se, pois, que é importante a análise da formação profissional dos operadores do direito de forma multidisciplinar para abranger as complexidades da área na sociedade atual.

Palavras-chave: Direito; Literatura; Law and Literature; Formação Multidisciplinar.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: PROPOSTAS DE SEQUÊNCIA BÁSICA PARA OS ANOS INICIAIS E FINAIS

Jéssica Tailane da Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Tayllanej@gmail.com

Resumo: A mediação de leitura literária no espaço escolar configura tópico especial na formação continuada de professores da rede básica, tendo em vista sua relevância para o desenvolvimento do hábito leitor. Historicamente, o ensino tem concedido à literatura uma função moralizante e emblemática, deturpando o significado da experiência com a obra de arte escrita, cuja dimensão estética é, por vezes, relegada. Opondo-se ao tratamento empobrecedor das possibilidades interpretativas do texto literário, este trabalho objetiva veicular alternativas de abordagem frutiva da linguagem ficcional e poética em sala de aula, com base nos procedimentos da sequência básica de Cosson. Para tanto, selecionamos duas atividades de leitura apresentadas no itinerário formativo do eixo de Literatura e Formação do Leitor, vinculado ao Programa Aprendizagem na Idade Certa (MAIS PAIC), da Secretaria de Educação do Ceará. Essas atividades constituíram o ciclo de estudos continuados presenciais realizados na Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 11), sediada em Jaguaribe, no decorrer deste ano. A fundamentação teórica é composta por Aragão (2021), Paiva, Paulino e Passos (2006), e Cosson (2016). Metodologicamente, o trabalho possui natureza descritiva, seguindo uma abordagem qualitativa das práticas vivenciadas nos processos formativos, centradas, por sua vez, nas obras *O carteiro*, de Ahlberg e Ahlberg, e *O fruto da figueira velha*, de Strausz. Direcionados respectivamente para os Anos Iniciais e Finais do nível Fundamental, cada um dos textos foi explorado dentro das quatro etapas da sequência básica do letramento literário, para um grupo de formadores responsáveis por orientar o trabalho com literatura no sistema básico estadual de sete municípios cearenses. Os resultados demonstram a aplicabilidade da metodologia utilizada para captação de leitores e interações mais produtivas com a arte no contexto escolar, evidenciando a importância de se atrelar saber e prazer na condução do texto literário.

Palavras-chave: Formação de professores; Ensino Fundamental; Leitura Literária; Sequência Básica.

FORMAÇÃO DO LEITOR PROFICIENTE: UMA PERSPECTIVA PARA O AVANÇO NA APRENDIZAGEM

Maria Ednalva dos Santos Rodrigues
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS
ed.nalvaspms@gmail.com

Resumo: Este trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras – do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Por acreditar no potencial formador da literatura, apresentaremos uma proposta de trabalho por meio do letramento literário, nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de promover nos alunos estímulos ao hábito de leitura, protagonismo social e avanço de aprendizagem. Por isso serão selecionadas as competências e habilidades, a fim de garantir a proficiência leitora nos alunos, em uma turma do 8º Ano do Ensino Fundamental II. Para a realização desse trabalho selecionaremos as teorias que fundamentam o potencial de ensino por meio da leitura literária, tais como as propostas teóricas e práticas do Letramento Literário apresentado por Rildo Cosson (2014). Será aplicado o método recepcional proposto por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993) a partir da Teoria da Estética da Recepção. O trabalho será desenvolvido pelo método da pesquisa-ação apresentado por Michel Thiollent, com a finalidade de intervir na situação problema e ao mesmo tempo verificar os avanços. Todo o processo de desenvolvimento será norteado por abordagens teóricas para o ensino da literatura na sala de aula e formação do leitor defendido pela: BNCC- Base Comum Curricular (2018); Candido (1975); Colomer (2007); Castrillón (2011); DOLZ, J.; NOVERRAZ (2004); Geraldi (1984); Possenti (1996); Resende (1983); Todorov (2009); Thiollent (1986). A proposta de letramento literário será realizada por módulos em formatos de oficinas, com vistas à leitura, compreensão e interpretação de textos literários. Para esse trabalho serão contempladas obras da literatura infantojuvenil de tipologia conto. Espera-se que no final da proposta o aluno desenvolva o hábito de leitura e que este contribua para o processo de formação de leitor literário.

Palavras-chave: BNCC; Literatura; Língua Portuguesa; Leitor Proficiente.

LETRAMENTO DIGITAL: A GAMIFICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE MULTILETRAMENTOS DOS ALUNOS

Risonete Gomes Amorim
Universidade Federal do Acre – UFAC
risonete.amorim@ifac.edu.br

Resumo: O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo abordar sobre o ensino e aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa com foco no letramento digital, investigando, através da gamificação como estratégia de ensino contribui para ampliar as competências e habilidades das turmas de ensino médio de primeiros anos do curso de Redes de Computadores do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac. Entender a importância dessas metodologias ativas em sala de aula e como essa diversidade de linguagens permeiam os multiletramentos. Nesse sentido, o objetivo principal para esse trabalho está voltado para formação em Letras-português e atuação enquanto docente EBTT do Ifes, pois, somente através da atuação num contexto escolar técnico e tecnológico é que foi possível entender a importância do uso das tecnologias a nosso favor no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula e de como esse mecanismo é importante no desenvolvimento de novas práticas relacionadas aos

multiletramentos. A metodologia pensada é de cunho bibliográfico, possuindo caráter quali-quantitativo, sendo realizado também uma pesquisa de campo com os alunos do Ifac, com uso de questionários e entrevista se for o caso. Nesse sentido, para fundamentar essa pesquisa que ainda está em andamento, foram utilizados os seguintes autores: Alves (2015), Kleiman (2007), Leffa (2014), Rojo (2012), Souza (2021), entre outros.

Palavras-chave: Gamificação; Multiletramentos; Ensino.

NARRATIVAS MULTIMODAIS EM *CHAPEUZINHO VERMELHO*: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE LETRAMENTO LITERÁRIO E MÍDIAS DIGITAIS CONTEMPORÂNEAS

Christian Gomes Seidl
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
cg.speengler@gmail.com

Ma. Maria Edinete Tomás
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
edinete_tomás@uvanet.com

Resumo: O presente trabalho buscou estabelecer conexões entre letramento literário e ensino de literatura à luz da atual política educacional brasileira, explorando versões de um mesmo conto, em diferentes mídias digitais e gêneros artísticos. Mediante o exposto, o objetivo geral deste projeto foi demonstrar como a literatura é produto de uma época e cultura específica, moldando-se aos recursos que permeiam a realidade social do período em que se encontra, sendo inegável considerar, atualmente, a influência e importância do uso de mídias digitais que dinamizam e potencializam o processo de conexão, compreensão e leitura dos textos literários voltados, principalmente, frente ao projeto em vigor, ao ensino de literatura no ambiente escolar. Quanto aos objetivos específicos, estes foram: 1) conectar as histórias originais do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” a outras produções textuais ou audiovisuais contemporâneas, considerando sempre o contexto histórico e sociocultural das obras em questão; 2) contextualizar a função da multimodalidade para o ensino de Literatura na educação básica; 3) verificar a dinamicidade da tecnologia aliada à prática de letramento literário; e 4) potencializar o conhecimento literário de alunos da educação básica de escolas públicas cearenses, principais alvos desse trabalho, para maior domínio da disciplina em vigor. A base metodológica foi construída sob a perspectiva da sequência básica, prática pertencente ao âmbito do letramento literário (COSSON, 2006). Os resultados do projeto foram aferidos por meio da análise de cinco professores da educação básica de escolas públicas cearenses, que aplicaram o referido projeto em suas respectivas salas de aula, cujo foco recaiu no que enfatizavam os informantes, que destacaram o maior interesse discente para interagirem com textos literários multimodais, em associá-los e discuti-los coletivamente, favorecendo o desenvolvimento de múltiplas competências e habilidades. Portanto, observamos que, para os investigados, o projeto alcançou êxito em seu propósito formativo.

Palavras-chave: Letramento Literário; Ensino de Literatura; Multimodalidade; Mídias Digitais Contemporâneas.

A CONCEPÇÃO TEÓRICO-CRÍTICA DE “ENTRELUGAR DO DISCURSO” EM SILVIANO SANTIAGO

Thiago Bittencourt
Doutorando em Letras na Universidade Federal do Paraná – UFPR
bittencourthiago7@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender a concepção teórico-crítica de entrelugar do discurso latino-americano desenvolvida pioneiramente por Silviano Santiago na coletânea de ensaios *Uma literatura nos trópicos* (1978) e desdobrada em textos críticos subsequentes, como os que compõem *Vale quanto pesa* (1982) e *Cosmopolitismo do pobre* (2006). No ensaio “O entrelugar do discurso latino-americano”, o escritor mineiro já demonstra a preocupação com certa dominância do discurso do colonizador sobre o do colonizado, com referências à Carta de Pero Vaz de Caminha, na qual afirma-se que o autóctone estaria inclinado a conversão religiosa pela imitação. Nesse texto, escrito originalmente em francês, o crítico e ficcionista, a partir de reflexões sobre o discurso literário veiculado na metrópole em relação ao da província, traz para discussão as ideias de “obra visível” e “obra invisível”, por sua vez encontradas no conto Pierre Menard, de Jorge Luís Borges. Nele, o escritor argentino ficcionaliza a reescrita de três capítulos de Dom Quixote pelo personagem que leva o título do texto. Essas leituras de Silviano Santiago servem-lhe como fundamento para defender a importância de perceber a parte visível de um segundo texto ao comparar duas produções. A proposta do ensaísta em questão seria desconstruir a ideia de “fonte” e “influência”, cuja exemplificação fica mais evidente e aprofundada em outro ensaio, “Eça, autor de Madame Bovary”, em que se percebe a desconstrução de afirmações de que o romance do autor português, O primo Basílio, seriam apenas uma influência da fonte francesa de Gustave Flaubert. Para Silviano Santiago, não bastaria identificar a influência da metrópole sobre a colônia, mas destacar que o discurso literário colonizado pode apresentar-se, apesar de dependente, muitas vezes universal.

Palavras-chave: Entrelugar; Discurso; Colonizador; Colonizado.

"A DECLARAÇÃO DO HACKTIVISMO": CONFRONTOS DISCURSIVOS E RESISTÊNCIA POLÍTICA NA/EM REDE

Victor Brito Ferraz
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
victorberraz2019@gmail.com

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin).
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso - GEPADIS - UESB/CNPq.
gcortes@uesb.edu.br

Resumo: Nas últimas década, o Hactivismo tem sido objeto de diversos estudos, especialmente nas áreas das Ciências Sociais e as Ciências Sociais Aplicadas (a exemplo da Ciência Política, das Relações Internacionais e mesmo do Direito), todavia, em aquilo que tange à Linguística, em especial à Análise do Discurso, ainda é pouco investigado. A primeira expressão organizada de tal fenômeno ocorreu através de "A Declaração do Hactivismo",

tendo por base a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e publicada em 4 de julho de 2001 pelo grupo hacktivista cDc (acrônimo para os termos “Cult of the Dead Cow”), materialidades discursivas e objetos de análise desta proposta de estudo, que objetivava, dentre outros pontos, protestar contra as tentativas de censura governamental da internet. Atentando para a contextualização anteriormente posta, a comunicação em tela busca, analisar o funcionamento do discurso hacktivista inscrito em "A Declaração do Hacktivismismo" e sua relação para com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (de 1948), além da configuração da resistência ao discurso dominante, nesse processo discursivo. Como arcabouço teórico, serão utilizados Pêcheux (1990, 1994, 2008, 2015); Coleman (2013, 2014); Cortes (2015); Dias (2018); Levy (1984) e Paveau (2021). A hipótese defendida é de que as práticas, ferramentas e o próprio fenômeno do hacktivismismo se constituem em um discurso de resistência, uma vez que interpelam os internautas, através das mídias digitais, a reagirem ao status quo. O corpus desta pesquisa é formado por fotogramas realizados através da ferramenta “Wayback Machine”, bem como através da ferramenta “captura de tela” do Sistema Operacional Windows e que materializam discursos de resistência por parte do grupo hacktivista cDc. Para tanto, a lide foi amparada nas teorias e no método da AD pecheutiana, além das contribuições de áreas como as Ciências Sociais Aplicadas (Ciência Política e Relações Internacionais) e as Teorias da Informação, de modo a refletir acerca das problemáticas anteriormente citadas. Em termos parciais, é possível afirmar que, a partir da fundamentação teórica elencada, "A Declaração do Hacktivismismo" materializa um discurso de resistência ante ao discurso dominante, mormente o estatal ao expor que "a comunidade hacker internacional tem um imperativo moral a agir".

Palavras-chave: Discurso Hacktivista; Direitos Humanos; Discurso Digital; Resistência discursiva.

A IMPRENSA FEMINISTA DOS ANOS 1970 COMO FERRAMENTA DEMOCRÁTICO-POPULAR: UM ESTUDO DISCURSIVO SOBRE "BRASIL MULHER"

Sofia Finguermann e Fernandes
Universidade Presbiteriana Mackenzie/Universidade da Madeira
sfinguermann@gmail.com

Resumo: A articulação política das mulheres é capaz de transformar significativamente a organização da sociedade. Durante a ditadura militar brasileira, no período que sucedeu a luta armada, na segunda metade da década de 1970, foram mulheres as precursoras de movimentos sociais, dentre os quais os jornais independentes que se articularam por uma imprensa democrática. Nesse movimento se insere o periódico “Brasil Mulher” (BM), que publicava em suas reportagens assuntos conjunturais de então, como anistia, política, economia e reforma agrária, sempre sob a perspectiva da mulher trabalhadora. Partimos da hipótese de que houve, ao longo dos anos, mudanças discursivas na representação feminina no periódico, que podem estar relacionadas a transformações sociais. Consideramos, ainda, que algumas demandas de outrora são ainda pertinentes para os movimentos sociais de hoje. Assim, este estudo propõe investigar procedimentos semânticos, lexicais e pragmáticos empregados na construção do discurso do jornal que podem refletir liberdades e limitações a mulher naquele contexto sócio-histórico e mesmo da sociedade brasileira como um todo. A partir de então, propomos verificar as mudanças linguístico-discursivas ao longo das publicações, que circularam entre dezembro de 1975 e março de 1980, uma vez que essas alterações no discurso parecem estar atreladas a avanços democrático-populares conquistados, também, pela imprensa independente. Por fim, propomos verificar de que maneira as demandas presentes no discurso do BM se inscrevem nos

debates feministas e nos movimentos de esquerda atuais. Para tanto, amparamo-nos na Análise de Discurso, em especial nos escritos de Maingueneau (2018).

Palavras-chave: Brasil Mulher; Análise de Discurso; imprensa democrática; representação feminina.

COBRA: QUANDO A LINGUAGEM MUDA DE PELES

Irma Caputo

Pós-doutoranda do Programa em Estudos da Linguagem da Puc – Rio de Janeiro
irma.caputo@gmail.com

Resumo: A comunicação pretende apresentar um percurso de análise da obra *Cobra* (1972) de Severo Sarduy sob o prisma da escrita performativa, isto é, uma prática de escrita literária que servindo-se de procedimentos estéticos diversos, organiza o material verbal de forma a englobar aspectos e características da performance, desatendendo parcialmente as expectativas de linearidade, legibilidade e inteligibilidade imediata, próprias de uma visão essencialista e funcional de linguagem. O texto resultante de tais práticas de escrita configura-se como anticanônico e híbrido pela forma textual mutante, a qual será abordada também como um exemplo de neobarroco latino-americano e de estética carnavalesca, por se apropriar de elementos dialógicos ambivalentes, irônicos e por vezes enigmáticos. A desconstrução dos gêneros literários, dos quais *Cobra* constitui um exemplo, será problematizada colocando em relação o gênero literário com a ideia de performatividade de gênero (Butler, 1993), já que a protagonista do livro, num embate com a sociedade que impõe a relação entre sexo biológico e gênero, estará constantemente, através de mudanças do seu próprio corpo, tentando superar as barreiras impostas social e culturalmente. À luz dessas análises, será enfim discutido de que maneira a manipulação da linguagem em criações da assim chamada literatura pós-autônoma (Ludmer, 2017) coloca em xeque as epistemologias dominantes, abrindo fissuras para formas de engajamento receptivo, que por ser discursivas, são enquadradas como políticas. A apresentação é fruto de uma investigação publicada em forma de artigo como recorte de pesquisa de pós-doutorado.

Palavras-chave: Literatura latino-americana contemporânea; escritas performativas; neobarroco literário; carnavalização.

***FOME*, POEMA DE BRÁULIO BESSA, SEGUNDO A ANÁLISE DO DISCURSO**

Jessica Soares Dantas Fernandes
Mestranda em Letras – UFMA
jessidantas16@gmail.com

Jackeline Braga Cunha
Mestranda em Letras – UFMA
jack_brag@hotmail.com

Resumo: Em meio aos diversos tipos de inseguranças divulgados amplamente pelos quais a sociedade brasileira passa e luta diariamente, decidimos verificar, através da teoria Linguística da Análise do Discurso, a insegurança alimentar que é realidade de muitos cidadãos brasileiros, presente em uma obra de Literatura Contemporânea. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar no poema *Fome* (2019) de Bráulio Bessa Uchoa como esta dura realidade vem

sendo apresentada. Justificamos a importância social desta temática pelo fato de que, além de ser um tema amplamente incorporado nos debates atuais, a insegurança alimentar ainda se constitui uma realidade para milhões de pessoas no Brasil. A mesma temática, por ser analisada linguisticamente, possui relevância científica ao ser investigada a partir da Análise do Discurso, seguindo a linha de pensamento Francesa. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico Michel Foucault (2005b, 2003, 1999a, 2007), além de outros autores relevantes na área, por meio dos quais se norteará a análise do poema Fome. O processo metodológico será dedutivo, ademais, a análise do corpus da pesquisa ocorrerá de forma qualitativa, explicativa e bibliográfica. Para isso, consideraremos a subjetividade e o contexto nacional atual, bem como o contexto o qual estão inseridas a maioria das obras do autor do poema, Bráulio Bessa. Com isso, esperamos que este trabalho de pesquisa possa contribuir para as pesquisas relacionadas na área, bem como com a divulgação e possíveis tomadas de decisões no que concerne a esse problema nacional que fere a Constituição Federal no âmbito dos direitos dos brasileiros, para, dessa forma, resultar na melhoria da qualidade de vida nacional.

Palavras-chave: Análise do discurso; Poema; Fome; Literatura Contemporânea.

LIVES DA DESINFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA SOBRE AS FAKE NEWS E O VOTO IMPRESSO AUDITÁVEL

Cristiano Donizete Ramos
Aluno-taxista da Universidade de Franca, SP
crisramos1712@gmail.com

Luciana Carmona Garcia (Orientadora)
Professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade de
Franca, SP
luciana.garcia@unifran.edu.br

Resumo: A eleição presidencial de 2018, realizada por meio do voto eletrônico, deu ao candidato Jair Messias Bolsonaro a posição de trigésimo oitavo presidente do Brasil, cargo político que ocupará até o final do ano de 2022. Após a posse, o atual mandatário, incessantemente, promove as chamadas “lives”, transmitidas por uma plataforma de vídeos conhecida mundialmente; semanalmente, às quintas-feiras, tratando de assuntos de interesse próprio, dirigindo-se a seus seguidores e não à nação, inflamando, desestabilizando, questionando e colocando em xeque o óbvio, provocando o caos e desinformando, como um sujeito discursivo legitimado por um lugar de dizer, de Chefe de Estado, que se inscreve na ordem do abusivo, carente de atenção e popularidade, mas a quem lhe faltam o carisma e empatia. Ao longo deste percurso, analisaremos, na esteira dos estudos discursivos foucaultianos e sustentando-nos teoricamente em reflexões de Michel Pêcheux, assim como em estudiosos como Eni Orlandi e Vanice Sargentini, como as práticas discursivas do presidente se manifestam por meio do gênero discursivo live, em seu canal na plataforma Youtube, verificando as regularidades desses enunciados, apreendendo o funcionamento das fake news como um acontecimento discursivo, que instaurou a comissão parlamentar de inquérito, a fim de modificar o sistema de votação eletrônico para o modo de voto impresso auditável no país, e como os efeitos de sentidos reverberam sobre o posicionamento político do sujeito sócio-histórico-ideológico eleitor. (Apoio: CAPES/PROSUP – Processo 88887.602877/2021-00)

Palavras-chave: Fake news; voto impresso auditável; acontecimento discursivo; análise de discurso; eleição presidencial.

**TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO: UM ESTUDO DAS TÉCNICAS
ARGUMENTATIVAS PRESENTES NAS FALAS DE JOÃO ROMÃO EM O
CORTIÇO (1890) DE ALUÍSIO AZEVEDO**

Jackeline Braga Cunha
Mestranda em Letras – UFMA
jack_brag@hotmail.com

Jessica Soares Dantas Fernandes
Mestranda em Letras – UFMA
jessidantas16@gmail.com

Resumo: O Cortiço (1890) é uma obra naturalista de Aluísio Azevedo que retrata a vida cotidiana de pessoas que habitam um cortiço simples no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. À Luz da Teoria da Argumentação, este breve artigo tem por objetivo discutir e analisar as técnicas argumentativas presentes nas falas do personagem João Romão, que se caracteriza como um imigrante português, ambicioso e avaro, disposto a tudo para enriquecer. No que diz respeito à argumentação, esta pode ser entendida como a arte de convencer e persuadir, de maneira a gerenciar informações e relações. O argumentador, por sua vez, faz uso de diferentes estratégias e técnicas para convencer seus interlocutores a aderirem suas ideias. Tais técnicas podem, ainda, fazer uso de diferentes recursos da linguagem. Deste modo, a fim de alcançar os objetivos deste trabalho, serão verificados os argumentos utilizados por João Romão na obra O Cortiço (1890), por meio de alguns recortes textuais de suas falas, para defender suas teses (ideias) frente ao seu auditório (uma ou mais pessoas com quem ele fala). Os dados serão analisados de acordo com a Teoria da Argumentação de Amossy (2018), Charaudeau (2016), Perelman (2005) e Abreu (2001). O processo metodológico se dará pela análise do corpus de maneira qualitativa, explicativa e bibliográfica. O trabalho será organizado em introdução, seguida das seções específicas do desenvolvimento da pesquisa e análise da obra, por último serão apresentadas as considerações finais. A partir da reunião dessas contribuições para a análise da obra O Cortiço (1890), esperamos colaborar com os estudos da argumentação no campo da literatura, de maneira a ampliar horizontes em próximos estudos relacionados ao tema.

Palavras-chave: O Cortiço; João Romão; Teoria da Argumentação; Técnicas Argumentativas; Argumentação.

**O LUGAR DA ESCRITA LITERÁRIA DE MULHERES INDÍGENAS NA SALA DE
AULA**

Jairo da Silva e Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, Campus Abaetetuba –
docente na área de Letras – e Universidade Estadual de Santa Cruz – doutorando em Letras
jairodasilvaesilva@gmail.com

Resumo: Este trabalho reverbera a potência pedagógica da literatura indígena brasileira frente às práticas de silenciamento às vozes originárias na contemporaneidade; considerando, em específico, a escrita de mulheres indígenas quando oportunizadas no âmbito escolar. Objetiva-se, portanto, pontuar a produção indígena feminina que busca na literatura o meio para contar/registrar suas próprias narrativas que expõem as marcas da ancestralidade, memória, saberes e resistências frente ao sistema de opressões da colonialidade, racismo, misoginia e

demais desigualdades e opressões sociais tendo em vista sua respectiva relevância pedagógica para além da efetividade da Lei nº 11.645/2008 [a qual dispõe acerca da obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira na educação básica]. Para tanto, direcionou-se tal produção literária às práticas pedagógicas formativas no âmbito do Instituto Federal do Pará (IFPA-Campus Abaetetuba). Dentre tais práticas, a oferta de atividades sobre distintas temáticas indígenas. Assim, este trabalho apresenta alguns pontos trabalhados durante a oficina denominada “Não somos Iracema!”, oriunda de um projeto de iniciação científica, culminando em ensino (inicialmente, foi realizada com discentes do referido campus) e extensão (adaptada, foi realizada com docentes de outras instituições públicas). Quanto à metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa e com procedimentos bibliográficos, tendo por subsídio teórico, estudos atinentes ao pensamento Decolonial (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2008) bem como à Literatura Indígena Contemporânea (DORRICO et al, 2018; GRAÚNA, 2006, 2013). Os resultados revelam certo grau de desconhecimento da literatura indígena na escola, principalmente, a produção literária feminina que, por sua vez, implica apagamento/silenciamento de tais vozes em outros espaços educacionais, como é o caso das provas do ENEM, por exemplo – desde o advento da Lei nº 11.645/2008 até à edição de 2020, entre 24 aplicações do principal exame de acesso às universidades públicas, entre o rol de 400 questões literárias, apenas 01 abordou a literatura indígena, de autoria masculina (SILVA, 2020).

Palavras-chave: Ensino de literatura; Literatura indígena; Escritoras indígenas; Decolonialidade; Lei nº 11.645/2008.

LITERATURA A CONTRAPELO: TENSÃO E LEGITIMIDADE EM UMA OBRA INFANTOJUVENIL DE ALCIENE RIBEIRO

Karina Torres Machado
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
ka_torresm@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a obra infantojuvenil da escritora Alciene Ribeiro, *Moça Baleia* (1990), a fim de evidenciar como a autora concede ao menor novos matizes e configurações, que não os cristalizados pela tradição da literatura infantojuvenil. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, observaremos como Alciene Ribeiro delinea, na obra selecionada, novos padrões em relação à figura feminina a partir do questionamento dos estereótipos preconizados pela sociedade, como forma de incitar leituras reflexivas que ampliam os horizontes de expectativas de seus leitores. Assim, mesclando fantasia e realidade, as complexas relações humanas são deflagradas, desvelam imagens da atualidade e ecoam os silenciamentos desses sujeitos marginalizados.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Alciene Ribeiro; Feminino.



O I Congresso de Literatura, Sociedade, Cultura e Direitos Humanos da Universidade Federal de Goiás, com tema *Literatura, Arte e Política*. Evento gratuito, realizado pelo GAIA – Grupo de Pesquisa em Literatura, Sociedade, Cultura e Direitos Humanos (Cnpq/UFG), com o apoio da Faculdade de Educação (FE/UFG) e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras (PPGLL/FL/UFG). **O I Congresso de Literatura, Sociedade, Cultura e Direitos Humanos** se consolida como um espaço inter e transdisciplinar aos campos do saber que compõem o GAIA, com o objetivo de fomentar discussões que abrangem tanto o ambiente acadêmico quanto outros espaços sociais.

